

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

45

Uma Catequese Inovadora

O contexto eclesial no tempo editorial

de Mons. Amílcar Amaral [11-25]

P. ALEXANDRE PALMA

**A intuição catequética da obra de Mons. Amílcar Amaral
e o desenvolvimento da catequese em Portugal** [27-37]

P. ANTÓNIO MANUEL MOITEIRO RAMOS

**A ilustração como instrumento catequético na Igreja
Católica dos inícios do terceiro milénio** [39-47]

MARCO DANIEL DUARTE

**Com os Adolescentes, uma metodologia catequética
projetual, participada e comprometida** [49-58]

P. JOSÉ HENRIQUE DOMINGUES PEDROSA

**Os adolescentes, a catequese
e a Jornada Mundial da Juventude**

[59-81]

P. TIAGO MIGUEL FIALHO NETO

Pensar a catequese a partir da família [83-98]

P. VASCO ANTÓNIO DA CRUZ GONÇALVES

«De Jericó a Jerusalém»
Integrar a família e viver a dimensão do serviço,
na catequese da adolescência [99-113]
MARIA ISABEL AZEVEDO OLIVEIRA

O método do projeto [115-121]
PEDRO ASCENSO

Uma catequese com adolescentes:
cantar num coro juvenil [123-125]
NATÁLIA FARIA

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Quinta do Bom Pastor–Estrada da Buraca, nº 8–12 1549–025 LISBOA

Telef.: 21 885 12 85

E-Mail: snec@snec.pt

Diretor

Fernando Augusto Teixeira Moita

Conselho de Redação

António Moiteiro Ramos, Manuel Pelino Domingues, Anacleto Oliveira,
Nuno Brás Martins, Manuel Felício, Cristina Sá Carvalho.

Sede da Redação

Quinta do Bom Pastor–Estrada da Buraca, nº 8–12 1549–025 LISBOA

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

600 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 6 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Ideografia

Aristides Dourado

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354–909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Editorial

FERNANDO AUGUSTO TEIXEIRA MOITA (*)

Este número da revista “Pastoral Catequética” aviva-nos a memória das Jornadas Nacionais da Catequese de outubro passado, aquece-nos o coração ao saborearmos os textos das partilhas comunicadas e ouvidas e desperta, em todos, o desejo e o ardor de, a exemplo de Monsenhor Amílcar Amaral, nos dedicarmos de alma e mãos à nobre tarefa da educação cristã em contexto familiar e paroquial.

O Pe. Alexandre Palma, com grande mestria e arte de síntese, apresenta-nos a realidade eclesial (no mundo e em Portugal) do período (1950-1975) em que Monsenhor Amílcar Amaral desenvolveu a sua missão na coordenação da catequese a nível nacional e na edição dos materiais catequéticos. Este período fascinante na vida do “povo de Deus” trouxe uma vitalidade interna na reflexão teológica, na relação com o mundo e no perscrutar dos “sinais dos tempos”.

O zelo apostólico de Monsenhor Amílcar Amaral e o desejo de que a catequese seja o anúncio e a comunicação da Palavra de Deus levam este grande educador a sonhar e a propor um itinerário, sistemático e global, para a formação catequética das crianças. O seu labor de evangelização propõe novos métodos, novas linguagens (escritas e de ilustração) no apresentar aos mais novos a novidade do Evangelho e a beleza do viver cristão. O dinamismo pedagógico de Monsenhor Amílcar Amaral concretiza-se nas propostas educativas para a catequese e para as aulas de Religião e Moral (hoje Educação Moral e Religiosa Católica). Por toda esta vitalidade evangelizadora, não estranhámos que tenha sido escolhido para primeiro

(*) Diretor.

presidente do Secretariado Nacional da Catequese (hoje Secretariado Nacional da Educação Cristã).

Este percurso dedicado e ousado do educador e pedagogo Monsenhor Amílcar Amaral é apresentado pelo presidente da CEECDF, D. António Moiteiro, Bispo de Aveiro, diocese a que pertenceu, e pertence, o homenageado a quem, todos, estamos gratos.

Marco Daniel Duarte conduz-nos para a importância das linguagens gráficas, plásticas e ilustrativas presentes nos atuais catecismos da infância. Reconhece o especialista que a educação pela arte se encontra bem presente noutras propostas didáticas da educação da fé, enquanto “lugares de apoio à experiência da descoberta de Cristo”.

Deixa-nos desafios pastorais para a necessidade de continuarmos a cuidar da comunicação não-verbal e que a arte, nos catecismos, seja uma via para o encontro com Aquele que é “Beleza sempre antiga e sempre nova”.

O Pe. José Henriques Pedrosa vem sublinhar que a catequese com adolescentes é uma oportunidade única, que requer uma metodologia projetual, participada e comprometida. Não uma catequese “de” ou “para” adolescentes, mas uma catequese “com” adolescentes porque se propõe, em liberdade, o encontro com Jesus Cristo numa dinâmica de envolvimento pessoal e de grupo, que conduz à comunhão e intimidade com a Trindade, “à personalização da fé, ao projeto de vida e ao compromisso cristão”.

O Pe. Tiago Neto, na linha dos desafios da catequese com adolescentes, fala-nos das características das “várias adolescências” e propõe uma catequese que tem por modelo as Jornadas Mundiais da Juventude, em que o jovem é reconhecido como “lugar teológico” e protagonista do seu próprio caminho. Um anúncio centrado no Kerigma e uma dinâmica projetual são necessários e urgentes na transmissão da fé em todas as propostas catequéticas. O projecto *Say Yes* é uma delas, na certeza de que “não há soluções, há caminhos”.

Outra reflexão/proposta catequética é a “catequese familiar” que se propõe (re)descobrir a família como sujeito insubstituível na iniciação e aprofundamento da fé fazendo dela uma autêntica Igreja doméstica. Torna-se, portanto, urgente e necessário envolver a família em todas as caminhadas de fé. É este o grande apelo deixado pelo Pe. Vasco Gonçalves.

A partilha/reflexão de Maria Isabel Oliveira apresenta-nos, “colocando os joelhos em terra”, o processo “vinde e vede, ide e vive!” concretizado em vários projetos, envolvendo adolescentes e famílias, que dão a vida ao que “procura caminhos para uma catequese de Encontro com Jesus Cristo, querigmática, catecumenal, comunitária e mistagógica”.

Pedro Ascenso, por seu lado, vem referir-se ao Método de Projeto como uma ferramenta para a intervenção pedagógica e deixa desafios para as dinâmicas em contexto de catequese, alertando para as exigências deste método, sobretudo para os catequistas, que requer “um olhar acutilante e crítico, bem como planeamento e acompanhamento sistemáticos”.

O último desafio deste número da nossa Revista, é-nos deixado por Natália Faria, que apresenta a participação em coros juvenis paroquiais como um contributo para uma catequese com adolescentes, que desse modo se inserem na vida da comunidade e contribuem para a sua vitalidade.

Com os olhos, a mente e o coração saboreemos a riqueza de todos os textos e deixemo-nos interpelar na nossa missão de evangelizadores.

O contexto eclesial no tempo editorial de Monsenhor Amílcar Amaral (1950-1975)

P. ALEXANDRE PALMA (*)

Compreenderão que comece não só por saudar todo o auditório, como também que exprima publicamente a minha gratidão pelo amável convite do SNEC para falar nestas jornadas nacionais de catequistas.

Preciso, também, de clarificar, logo de início, o seguinte circunstancialismo desta minha intervenção: concentrar-me-ei no «contexto eclesial» do 3º quartel do século XX (1950-1975), como decorre explicitamente do tema que me foi pedido e do título que me foi dado. Não tratarei, ao invés, da biografia de Mons. Amílcar Amaral ou do seu legado (apenas porque, para além de não ter sido isso que me foi pedido, sou eu quem não tem competência para tratar tal). Todavia, e para proveito de todos, essa questão será tratada mais à frente nestas jornadas e, neste caso sim, por alguém com a devida competência para o fazer: o Sr. D. António Moiteiro (que aproveito igualmente para saudar com estima e amizade).

Esclarecido este ponto (para quem, porventura, disso precisasse), entro propriamente no tema da minha intervenção: o «contexto eclesial» do 3º quartel do século XX.

Dividirei este esforço de caracterização do mencionado contexto em torno de dois vectores: por um lado, o contexto eclesial universal; e, por outro, o

(*) Sacerdote do Patriarcado de Lisboa. Doutor em Teologia Dogmática pela Universidade Pontifícia Gregoriana, Roma. Docente e membro do Conselho de Direção da Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, onde coordena o Ciclo de Doutoramento. O texto (sem acordo ortográfico a pedido do autor) apresentado corresponde à transcrição da conferência.

contexto eclesial nacional. Esta divisão justifica-se, apenas e só, por motivos expositivos, ou seja, como forma ou esquema possível para apresentação do tema. Dito de outro modo, não existe nem alguma vez existiu qualquer real divisão entre os desafios então experimentados em Igreja à escala universal ou à escala nacional. Pelo contrário, uns e outros, na realidade, seriam sentidos numa unidade natural; uns e outros influenciavam-se reciprocamente. Julgo que isto mesmo ficará mais claro quando expuser alguns aspectos particulares do contexto nacional de então, mais propriamente relacionados com a história de Portugal e da Igreja em Portugal, mas mesmo então não completamente desligáveis de dinâmicas históricas e eclesiais mais vastas.

Por vício, mas também por vocação, não estranharão se der a algumas questões históricas e teológicas uma relevância particular. Julgo, para além disso, que também essas serão de particular interesse para o corpo de catequistas, uma vez que também estes precisam (e merecem) de uma boa formação histórica e teológica. Isto também se justifica pelo facto de, como terei oportunidade de desenvolver mais à frente, este ter sido um período de uma riqueza teológica como poucos na história do cristianismo.

1. Contexto eclesial universal

Não é possível fazer um balanço do século XX católico sem o centrar no Concílio Vaticano II. É isso, fundamentalmente, que agora farei. Aliás, o Concílio Vaticano II é muito mais que um marco do século XX católico: é um dos momentos mais marcantes de toda a história do cristianismo. Apesar de oficialmente convocado pela Constituição Apostólica *Humanae salutis* (com data de 25 de Dezembro de 1961), o papa João XXIII já havia manifestado intenção de convocar um novo concílio em 1959 (num contexto não negligenciável: o encerramento do oitavário de oração pela unidade dos cristãos). Após alguns anos de preparação, o Concílio Vaticano II decorreu entre 1962 e 1965, em 4 sessões plenárias (uma em cada ano). Em termos objectivos, o Vaticano II produziu 16 documentos, com importâncias diferentes (desde declarações a constituições) e sobre as mais variadas temáticas (desde temas propriamente teológicos e litúrgicos, a questões relativas ao mundo e aos desafios daquele tempo, passando pelo desenho de linhas de acção eclesial). Imediatamente percebemos que este grande evento eclesial intercepta o centro do período editorial de Mons. Amílcar Amaral.

Talvez a melhor forma de revisitarmos o que terá presidido à convocação do Concílio seja escutar de novo o que João XXIII disse, aquando da sua convocação:

6. Diante [...] [de] um mundo que revela um grave estado de indigência espiritual e a Igreja de Cristo, tão vibrante de vitalidade, [...] sentimos logo o urgente dever de conclamar os nossos filhos para dar à Igreja a possibilidade de contribuir mais eficazmente na solução dos problemas da idade moderna. Por este motivo, acolhendo como vinda do alto uma voz íntima de nosso espírito, julgamos estar maduro o tempo para oferecermos à Igreja católica e ao mundo o dom de um novo concílio ecuménico [...]. A jubilosa repercussão que teve seu anúncio, seguida da participação orante de toda a Igreja e do fervor nos trabalhos de preparação, verdadeiramente encorajador, como também o vivo interesse ou, pelo menos, a atenção respeitosa por parte de não-católicos e até de não-cristãos demonstraram, da maneira mais eloquente, como não escapou a ninguém a importância histórica do acontecimento.

7. O próximo concílio reúne-se, felizmente, no momento em que a Igreja percebe, de modo mais vivo, o desejo de fortificar a sua fé e de espelhar-se na própria e maravilhosa unidade; como, também, percebe melhor o dever urgente de dar maior eficiência à sua robusta vitalidade, e de promover a santificação de seus membros, a difusão da verdade revelada, a consolidação de suas estruturas (Humanae salutis).

Nos termos de João XXIII, os desafios do mundo moderno e o revigoreamento da fé cristã e da vida eclesial sustentavam a pertinência da convocação de um novo Concílio. Procuro, agora, dar algum enquadramento destas duas indicações:

- i. Em termos culturais, sociais e políticos, a Igreja vivia ainda, naquele início da década de 60, os efeitos de um antigo contencioso, com raízes, pelo menos, no século XIX. Desde então a afirmação do sujeito moderno, com a sua reivindicação de individualidade e liberdade, havia perturbado grandemente a ordem dominante no *Ancien Régime* ou em cristandade.

Em termos filosóficos, com a Idade Moderna levantaram-se correntes que afirmavam a radical autonomia do sujeito humano e elevavam a razão a faculdade suprema do Homem, quando não mesmo exclusiva. Por exemplo, a ciência, à época invenção recente, assumia-se como a grande juíza da verdade, quando não a única garantia da verdade.

Em termos sociais, eram crescentes os sinais do que, posteriormente, aprendemos a denominar secularização, ou seja, ampliavam-se os sectores da vida comum que se afastavam de uma fundamentação crente ou de uma tutela eclesiástica. A urbanização das sociedades, particularmente na Europa e no «novo mundo», grandemente estimulada pela «revolução industrial», lançava de novo ao cristianismo o desafio da cristianização das cidades. Estas, com efeito, viam-se agora povoadas por massas de deslocados oriundos de meios rurais. A emergência desta nova classe proletária urbana confrontava a Igreja com novas questões (de índole social) e com a necessidade de reenquadrar eclesialmente essas populações.

O direito, por exemplo, não buscava já uma fundamentação em Deus, como fora comum em eras anteriores, mas sim numa racionalidade que se sustentasse mesmo que Deus não existisse (*etsi Deus non daretur*, na frequentada expressão à época).

Em termos políticos, o poder já não era entendido como concedido por Deus (outra vez, como em eras anteriores), mas, pelo contrário, entendia-se agora como alicerçado no próprio povo, o qual, por consenso, aderira livremente às novas constituições, instrumentos jurídico-políticos então tornados comuns (em Portugal, o primeiro texto deste género é de 1822; a mais famosa, seguramente a Constituição dos Estados Unidos de 1787; a de França de 1791). Assim se procurava traduzir em instituições políticas (as constituições; os parlamentos) ou em práticas políticas (os primeiros ensaios de democracia) o entendimento de que uma sociedade se fundamenta, antes de tudo o mais, nos seus cidadãos e na sua liberdade. Importa não ignorar que, não poucas vezes, estas mutações políticas tomaram feições abertamente laicistas e jacobinas, ou seja, anti-eclesiais e anti-clericais (sobretudo na grande área de influência cultural da Revolução Francesa).

A estas transformações a Igreja reagiu de forma eminentemente defensiva, quando não condenatória. Seja porque via os equívocos importados pela Modernidade, seja porque percebeu a centralidade do seu próprio lugar sócio-político fortemente abalada, a Igreja assumiu um papel de contestação aberta a muitas destas transformações. Isto fê-la ser percebida, justa ou injustamente, como uma força de bloqueio do progresso (por que era assim que todas essas mutações tendiam a ser interpretadas: como progresso científico, cultural, social, político, etc.).

Talvez nenhum outro posicionamento eclesial represente tão bem esta atitude quanto o famoso *Syllabus*, documento de Pio IX e datado de 1864, em que se elencam as teses modernas condenadas como falsas.

Talvez nenhum outro acontecimento político represente tão bem a perda de poder político por parte de Igreja e a sensação de estar sob ataque de forças opostas quanto a perda dos Estados Pontifícios (em 1870) para o novo e recém-fundado Reino de Itália. Aliás, essa ferida permaneceria aberta ainda por um par de gerações, só começando a sarar com a assinatura dos Pactos de Latrão (em 1929).

Talvez nenhum outro projecto político representasse tão bem esse contencioso com a sua envolvente quanto a sua oposição aos regimes comunistas, que desde 1917 e no pós-Segunda Grande Guerra se estenderam sob a esfera do internacionalismo soviético. Este contencioso, bem vivo ao tempo do Concílio (antes, durante e depois) e, portanto, também ao tempo de Mons. Amílcar Amaral (antes, durante e depois), representava bem a aversão eclesial a um paradigma sociopolítico que não apenas recusava um fundamento transcendente em Deus, como o combatia explicitamente (falava-se de «ateísmo militante»). Repito: esta sombra está bem viva ao tempo do Concílio, desde logo porque lhe era contemporânea – recorde-se que aqueles são, precisamente, os anos mais quentes da «guerra fria».

Ao mesmo tempo, a Igreja despertava então, e neste particular de modo bem mais construtivo, para a emergência de novos mundos, que não apenas o europeu. Com efeito, aqueles eram também os anos da maior parte das independências das novas nações asiáticas, africanas e americanas, ex-colónias das tradicionais potências europeias (por exemplo, só na década de 60 conto a independência de 31 países africanos; entre estes, como bem sabemos, não consta nenhum PALOP).

- ii. Em termos eclesiais e teológicos, o Concílio foi também fruto de um processo que o precede em muito. Desde há séculos, a teologia católica estruturava-se em termos eminentemente lógicos e argumentativos. Muito se condensava em torno de questões, a que havia que dar respostas racionalmente válidas. Muito girava em torno de conceitos teológicos, ferramentas para estruturar a tal retórica da fé. É o que, genericamente, poderemos descrever como «teologia escolástica». Perante isto, e no tal ambiente de controvérsia com a Modernidade, a teologia tomava com

frequência a feição de uma apologética, ou seja, de defesa da fé cristã face aos seus críticos e de demonstração da sua verdade face ao erro de outras propostas. Não por acaso, também desde meados do século XIX este modo de fazer teologia, de pensar a fé e falar do que se crê, começou a ser objecto de críticas. Ele mostrava-se, então, bem menos eficaz para poder falar a um mundo que, entretanto, havia mudado de forma tão profunda. Essa crítica interna consubstanciou-se, sobretudo, no desenvolvimento de outros modos de fazer teologia, modos esses menos de índole lógica ou conceptual, mais de índole histórica e narrativa. No geral, estas novas correntes distinguiram-se pelo que então se descrevia como «*ressourcement*», isto é, um voltar às origens históricas e às fontes originais do cristianismo; por um acolhimento mais disponível das questões trazidas pela Modernidade, em particular pelas ciências, pela história e pela filosofia. Assim, desde finais do século XIX desenvolvera-se um movimento de regresso aos textos bíblicos e ao seu estudo (o chamado movimento bíblico); de regresso e estudo das origens da liturgia cristã (o chamado movimento litúrgico); de redescoberta e encontro com outras expressões cristãs (o chamado movimento ecuménico). Estes e outros movimentos prepararam e tornaram possível o Vaticano II. O Concílio foi, de um ponto-de-vista da história da teologia, um palco onde esses modos contrastantes de fazer teologia – um escolástico-especulativo e outro histórico-salvífico – se confrontaram entre si. É isso que explica que uma parte muito significativa dos textos previamente preparados para o Concílio (em registo teológico mais clássico) tenham sido bem depressa rejeitados e substituídos por outros onde essa nova atmosfera teológica passava a ser dominante. Não tivesse a primeira metade do século XX sido de uma notável vitalidade teológica (só comparável com outras eras douradas da teologia cristã, como os séculos IV-V ou XII-XIII) e um Concílio como viemos a ter não teria sido possível.

- iii. A este enquadramento teológico-eclesial do Concílio, haverá ainda que acrescentar outras realidades. Por exemplo, uma lenta, mas sustentada, emergência do laicado como efectivo rosto da Igreja, grandemente associada à criação e crescimento da Acção Católica (instituída em 1905 por Pio X). Com o tempo se viria a reconhecer que a Igreja agia não apenas pelos seus ministros ordenados ou religiosos, mas também pelos seus leigos. Também intimamente associado a Pio X e iniciada em 1905, se pode ainda evocar a reestruturação da catequese e a integração da

infância no processo catequético, nomeadamente no que se refere ao acesso à comunhão (até então reservado a adolescentes e adultos).

Talvez assim, com este duplo enquadramento (um mais sociopolítico e outro mais teológico-ecclesial) se compreenda, em traços gerais, o porquê da dupla referência feita por João XXIII no momento da convocação do Concílio.

O Concílio propriamente dito representou um esforço de *aggiornamento* ecclesial, ou seja, da Igreja acertar o passo com os tempos e consigo própria. O cansaço de uma postura ecclesial excessivamente defensiva face ao mundo envolvente havia feito crescer nela a disponibilidade para uma atitude mais dialogante. A sua vitalidade interna, suportada por intenso e meritório trabalho teológico, tornava a Igreja mais capaz e confiante para se interrogar acerca de quem era e o que era chamar a fazer nestes novos tempos (foram estas, no essencial, as questões, verbalizadas, entre outros, pelo arcebispo de Milão Montini – pouco tempo depois, tornado papa Paulo VI –, que desbloquearam e deram um horizonte ao próprio Concílio Vaticano II). O Vaticano II focou-se, então, nesse duplo aspecto: por assim dizer *ad intra* (Igreja: quem és?); outro *ad extra* (Igreja: que relação com este mundo?). Uma vez mais, resumo o essencial do Concílio em torno destes dois pontos:

- i. O Concílio diz que a Igreja é, antes de tudo o mais, «Povo de Deus» (conforme o capítulo II do documento sobre a Igreja: *Lumen gentium*). Talvez já não consigamos ter devida noção da novidade que tal formulação trouxe à consciência e discurso eclesiais. Estava-se, então, já bem longe de um entendimento ecclesial eminentemente institucional e político, com formulações clássicas como a célebre descrição de S. Roberto Belarmino: «A Igreja é uma comunidade de Homens tão visível e palpável como a comunidade do povo romano, ou o reino de França, ou a república de Veneza». À maneira de síntese, diria que o Vaticano II, na sua visão do que seja a Igreja, antepõe de forma radical as categorias teológicas e espirituais às institucionais e canónicas (o que não significa a abolição destas últimas). Por isso, o Vaticano II trata primeiro do «mistério da Igreja» e da «Igreja como Povo de Deus» (capítulos I e II da *Lumen gentium*), antes de tratar da «hierarquia», do «laicado» e dos «religiosos» (capítulos III, IV e VI), e mesmo estes três vendo-os unidos numa «universal vocação à santidade» (capítulo V). Assim se retirou qualquer espaço para pensar a Igreja como mero contraponto às realidades sociopolíticas

do tempo, situando-a pelo contrário num outro plano (diga-se ainda, assim, e a bem do rigor, que esta subtil transformação já se iniciara antes do Concílio, sob o pontificado de Pio XI).

Esta visão de Igreja foi, talvez, a grande raiz e o grande suporte de outras reformas que o Concílio pôs em marcha. A mais evidente terá sido, sem dúvida, a reforma litúrgica. Por um lado, esta foi competentemente preparada pelo intenso trabalho teológico e de resgate de fontes a que fiz referência no ponto anterior. Por outro lado, ela parece ter sido o esforço natural de tradução para a esfera ritual de um determinado entendimento de Igreja. Assim, não espanta que a reforma requerida pelo Vaticano II tenha dado estatuto à assembleia litúrgica, porque expressão concreta de uma Igreja Povo de Deus; ou tenha reconhecido a participação activa de todos os membros dessa assembleia, porque todos eles chamados ao dom fundamental da santidade baptismal. Com efeito, a liturgia do Vaticano II é uma consequência da sua eclesiologia e vice-versa.

A abertura ecuménica do Concílio também não se entende fora da sua atitude dialogante e deste seu enquadramento eclesiológico. Porque, no Concílio se antepuseram lógicas assentes na fé («teo-lógicas») a lógicas de teor institucional, abriu-se um espaço para antepor o dom da unidade aos motivos das velhas separações; um espaço para conseguir ver o bem nas experiências cristãs dos outros e não só os pontos onde esses outros erram ou se afastam de nós (é sintomático que o Vaticano II tenha sido o primeiro concílio a não apresentar um elenco de anátemas, isto é, de pequenos cânones onde se listam expressões falsas e que, portanto, condenavam aqueles que as defendiam e propunham). Salvaguardadas as diferenças dos temas, uma atitude semelhante se poderá reconhecer também, ainda que de forma menos desenvolvida, no que se refere às religiões não cristãs.

- ii. O Concílio assumiu uma postura diferente face ao mundo que o envolvia. Essa transformação terá nas palavras iniciais da constituição *Gaudium et spes*, seguramente, a sua formulação mais conseguida (e cito): «*As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não*

encontre eco no seu coração. [...] a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história». Note-se como a perspectiva já não é primeiramente de demarcação, mas de empatia com as circunstâncias do mundo. Tal não implica nenhuma assunção acrítica de transformações trazidas pela Modernidade – pelo contrário, o Concílio não se exime de continuar a clamar profeticamente contra aviltamentos da sociedade e natureza humanas. Implica sim uma atitude de partida construtiva, positiva, assente na convicção de que, como explicita o texto, também a Igreja está ligada às transformações do «*género humano e da sua história*». Assim se ensaiava uma via de superação do estafado contencioso que algum catolicismo mantinha com determinadas expressões da Modernidade. Tudo isto pode ser descrito como uma maior sensibilidade e atenção dos «*sinais dos tempos*» (ou seja, àqueles apelos de Deus inscritos em cada tempo e lugar) ou dito com uma expressão usada por Paulo VI, no momento de encerrar o Concílio: «*perscrutar o mundo deste nosso tempo*»¹. Tudo isto pode ser descrito também com reconhecimento da justa «*autonomia das realidades terrestres*» (ou seja, de que há determinadas realidades que, porque pertencem ao ordenamento deste mundo – como por exemplo a política – ou ao conhecimento deste mundo – como a ciência, por exemplo –, não estarão sob tutela eclesial e/ou eclesiástica).

O entendimento positivo da liberdade religiosa será, porventura, o melhor exemplo desta postura conciliar (tema a que dedicou um documento: *Dignitatis humanae*) e de uma mudança de postura face a posições anteriores (até então bastante desconfiadas de uma liberdade civil em matéria religiosa). Por um lado, mantém-se a afirmação de que todo o Homem deve buscar a verdade e que essa verdade, assim se crê, é a própria pessoa de Cristo. Mas, por outro, reconhece-se que essa busca, para ser autêntica, tem de decorrer sem a coação externa de poderes públicos e políticos. Assim, admitia-se que à política competia não tanto a defesa da verdadeira religião (como com frequência sucede nos estados confessionais), mas a defesa de uma liberdade para que essa adesão ao cristianismo pudesse acontecer com autenticidade de vida e consciência.

¹ «Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II – 7/12/1965» [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html].

Em tudo isto se reconhecerá, provavelmente, a característica mais determinante do Concílio: o seu estilo. É certo que o Concílio tem de ser interpretado com base nos seus pronunciamentos efectivos. Para sabermos o que realmente quiseram os Padres conciliares, a via mais segura para o conseguir está nos textos que, após muito trabalho e discussão, foram por eles aprovados (quase sempre com aprovações esmagadoras). Este é um ponto enfatizado pelo papa emérito Bento XVI e que considera decisivo para uma justa interpretação do Vaticano II, posicionando-se assim de forma crítica perante quantos (sobretudo no pós-concílio) apelavam predominantemente para o «espírito do Concílio» (obviamente, realidade mais difícil de objectivar). Todavia, o mencionado «estilo do Vaticano II» pode também ser reconhecido na letra dos seus pronunciamentos. Esta é, no essencial, a conclusão do historiador norte-americano John O'Malley que, com argúcia, reconheceu no vocabulário dominante nos pronunciamentos do Concílio (com termos como reconciliação, colegialidade ou fraternidade) e na consciente recusa de terminologia mais agressiva uma efectiva e objectiva mudança de atitude eclesial.

No período pós-conciliar, e em termos gerais, prolongam-se (e agudizam-se) muitas das tensões do catolicismo de meados do século XX. Também neste contexto será preciso inserir o tempo eclesial de Mons. Amílcar Amaral.

Sucedeu com o Vaticano II o que terá sucedido com todo e qualquer concílio ecuménico da história da Igreja. Após um tempo de preparação e outro de realização, seguiu-se o que, em teologia, se costuma denominar «recepção» do Concílio. Ou seja, após o evento propriamente dito e dos seus pronunciamentos entrava-se noutra fase: a da assimilação e implementação do que aí fora reflectido e determinado. Sem surpresa, tanto os entusiasmos pelas mudanças trazidas pelo Concílio como os medos e resistências a essas suas mudanças pautaram ainda a agenda eclesial do pós-Vaticano II. Os primeiros (os entusiastas) pareciam assumir que com o Concílio se abria um processo de *aggiornamento* eclesial que não mais poderia parar e que, portanto, não poderia ficar limitado a quanto fora escrito e aprovado pelos padres conciliares, mas dever-se-ia prolongar no tempo e nas temáticas. Os segundos (os descontentes com as transformações operadas pelo Concílio) viram-se subitamente despojados de uma forma de ser Igreja na qual tinham sempre vivido e despojados de um discurso crítico face ao mundo que eles próprios tinham assumido. O entusiasmo dos primeiros é compreensível, como compreensível também o desconforto dos

segundos (uns viam chegar finalmente e já com um atraso de décadas as reformas na Igreja que há muito pareciam óbvias e inevitáveis; outros viam-se agora perante um modo de ser Igreja no qual não tinham crescido e para o qual não se achavam preparados).

Postas assim as coisas, talvez se percebam melhor a extrema riqueza do período pós-conciliar, mas também as suas múltiplas convulsões. Riqueza, por exemplo, em campo teológico. Se o Concílio foi um ponto de chegada de um aturadíssimo trabalho dos teólogos, ele não foi menos um potentíssimo ponto de partida para uma revisitação geral de toda a teologia, perspectivada agora a partir da sensibilidade histórica e pastoral do Concílio e animada pelo seu espírito de abertura. As convulsões seriam inevitáveis, dada a profundidade do processo conciliar e das transformações por si adoptadas. Estas fizeram-se sentir, por exemplo, em muitos percursos sacerdotais e religiosos. Com efeito, estes anos foram anos particularmente duros para muitos presbitérios e comunidades religiosas pelo anormal número de abandonos que conheceram. Não será fácil interpretar este fenómeno, pois para ele, seguramente, convergiram factores de variada ordem. Julgo, contudo, poder dizer que este fenómeno tocou tanto os entusiastas destas transformações (se calhar, insatisfeitos por essas transformações não irem tão longe quando desejariam) quanto aqueles com elas mais descontentes (que, em pouco tempo, se viram em contextos eclesiais demasiado diferentes daqueles a que tinham aderido).

A reforma da liturgia será talvez o evento eclesial mais significativo deste período. Requerida e balizada pelo Concílio, ela foi acontecendo, precisamente, ao longo dos anos aqui em apreço (por exemplo, o missal romano da reforma litúrgica é aprovado em 1969 por Paulo VI). Por um lado, a reforma foi recebida com enorme entusiasmo por muitos e com boa adesão por quase todos. Viam nela uma forma de celebrar mais coerente e próxima com uma Igreja «Povo de Deus» que caminha pascalmente na história e neste mundo. O maior espaço dado à escuta da Palavra de Deus, o acesso a essa mesma Palavra e demais orações na própria língua (em vernáculo e já não em latim), a disposição da comunidade e celebrante visivelmente como assembleia e, sobretudo, a centralidade celebrativa do mistério pascal serão, apenas, alguns factores que explicam bem a generosidade com que a reforma litúrgica foi recebida. Isto não nega, contudo, que essa nova *ars celebrandi* tenha sido recebida com resistências (como, aliás, hoje continua a ser perceptível).

Para que se tenha presente a complexidade deste tempo, dou outro exemplo (neste caso em que alguns entusiastas do espírito do Concílio terão saído defraudados). Em 1968 o papa Paulo VI publicava a encíclica *Humanae vitae* «sobre a regulação da natalidade». Em plena «revolução sexual» dos anos 60, este pronunciamento (porque reafirmava, no essencial, a visão católica acerca da vida, da sexualidade ou da contraceção) foi recebido por muitos como um retrocesso no tal avanço das relações entre a Igreja e a sociedade. Trago este exemplo, e sem o desenvolver mais, apenas para que se perceba que o período pós-conciliar não foi, sem mais, o da vitória de uns na Igreja sobre outros. O processo é bastante mais complexo, não se deixando interpretar com justiça apenas com essa dialéctica de tipo clubístico.

2. Contexto eclesial nacional

Reitero o que comecei por dizer ao início: tudo o que se possa dizer acerca do contexto universal da Igreja tem um natural refluxo sobre o que se possa dizer do seu contexto nacional. Dito de outro modo, algo do que atrás se disse sobre o antes, o durante e o depois do Concílio descreve, também, algo do que se passava na Igreja em Portugal nesse mesmo período. Talvez se possa acrescentar que, por vários factores a que agora me referirei (os que me parecem mais relevantes), o contributo do catolicismo português para o Concílio não terá sido dos mais significativos. Obviamente, nele esteve presente o episcopado português (que à época ainda incluía muitos bispos de dioceses africanas), como também foi acompanhado com muito interesse e expectativa por muitos padres, religiosos, religiosas, seminaristas e leigos. Além disso, julgo que se poderá dizer que em algumas áreas haveria já algum aprofundamento de temáticas depois assumidas com destaque pelo Concílio (penso, sobretudo, na liturgia e naqueles que em Portugal como que se anteciparam à nova teologia litúrgica – como D. António Coelho ou Mons. Pereira dos Reis). Mas, no geral, Portugal foi sobretudo um espectador e receptor do que se deu e produziu no Vaticano II.

Importa, desde logo, ter presente o enfraquecimento de muitas estruturas eclesiais no contexto da implantação da República entre nós. Talvez só a partir das décadas de 30-40, o catolicismo português começou a ultrapassar as sequelas desse processo revolucionário e a reinventar-se neste novo contexto (recorde-se que a concordata com a Santa Sé data, precisamente, de 1940 e sinaliza uma normalização institucional das suas relações com o

Estado). O condicionamento da acção da Igreja em Portugal (já com raízes nas expulsões das ordens religiosas do território em 1834) foi muito para além da lei de separação entre Estado e Igreja (de 1911) e manifestara-se, por exemplo, na circunscrição dos estudos teológicos aos seminários e, sintomaticamente, sem qualquer reconhecimento civil. Isto debilitou, pelo espaço de pelo menos uma geração, a capacidade de uma presença pública da voz da Igreja, mas, sobretudo, isso gerou uma atmosfera (e um clero, mas também algum laicado) de combate face ao novo poder republicano (agudizado pelos tiques jacobinos e anti-clericais deste). De alguma forma, este seria o contexto português da difícil relação do catolicismo com as novas formas políticas desta transição entre século XIX e XX.

A emergência do Estado Novo (com a constituição de 1933) trouxe, de facto, um desanuviar da tensão (à imagem do que se passava à época, por exemplo, com a Itália de Mussolini), que permitiu à Igreja readquirir relevância no espaço público, mesmo se com o preço de uma alguma colagem ao regime (muito embora, Igreja e Estado Novo tenham convivido predominantemente num registo de tensão amigável, cada um procurando salvaguardar junto do outro os próprios interesses).

A Igreja que em Portugal começa as décadas de 40-50 encontra, pois, um contexto já diferente do que conhecera logo a seguir à República e vê emergir um clero e um laicado não só mais numeroso, mais formado, como também mais capaz de levar a voz e a presença eclesiais aos vários campos da vida social. A vitalidade da presença cristã na comunicação social, poderá ser disso um sinal (por exemplo, com a fundação da Rádio Renascença em 1936). Decisiva para esta projecção social do catolicismo foi o desenvolvimento da Acção Católica (instituída em Portugal em 1933; poder-se-ia também acrescentar o escutismo em 1923). Como decorre do estudo do meu colega da Universidade Católica Paulo Fontes, a Acção Católica foi um instrumento criado em vista de uma «recristianização da sociedade portuguesa». A todos estes empreendimentos eclesiais, haverá ainda que acrescentar a crescente relevância de Fátima, polarizadora do catolicismo em Portugal até aos nossos dias e grande responsável por uma radicação popular da vivência cristã, que a tornou, porventura, mais resiliente em Portugal a determinadas consequências da secularização. Em suma, estes são apenas alguns traços do que se poderá considerar uma vitalidade do catolicismo português por meados do século XX. Nesse sentido, alinhado, no fundamental, com algo que se verificaria pela Europa, muito embora aqui com contornos próprios e decorrentes de um contexto nacional particular.

A recepção do Concílio processou-se, como atrás referia, com entusiasmo e adesão gerais perante algumas transformações há muito sentidas como necessárias. Se alguns temas valorizados pelo Concílio terão parecido mais distantes da realidade do catolicismo em Portugal (como a questão ecuménica, por exemplo), outros falaram directamente ao sentir e agir das suas comunidades (penso, uma vez mais, na rápida e qualificada participação portuguesa na reforma da liturgia; mas penso também na luz que o Vaticano II lançou sobre a obra missionária da Igreja, decisiva num país que não só ainda tutelava territórios de missão *ad gentes*, como tinha vários missionários espalhados pelo mundo – em 1975 Paulo VI publicaria ainda um documento luminoso sobre esta temática e marcante para aquela geração: *Evangelii nuntiandi*).

Mas a recepção do Concílio decorreu, em Portugal, num clima social e político que se ia agudizando e que ia inquietando a consciência de um número crescente de católicos. Recorde-se que, desde 1961, Portugal se achava em guerra nas suas colónias. Neste período, também os católicos portugueses iam acompanhando a explícita defesa da paz assumida, genericamente, por todos os Papas deste período (cabera aqui, talvez, evocar a encíclica de João XXIII de 1963 *Pacem in terris*). A isto acrescem as desinteligências entre Paulo VI e o anterior regime, quando o Papa visita a Índia em 1964 (com quem Portugal cortara relações pela ocupação de Goa) ou quando recebeu os líderes dos movimentos africanos independentistas com quem Portugal estava em conflito (Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Marcelino dos Santos, em 1970). Neste contexto, estes anos são também os de uma nova consciência política dos católicos. Se gerações anteriores de católicos estariam reconhecidas ao Estado Novo pela regularização do lugar público do catolicismo, novas gerações (de leigos, mas também de clérigos), mais decisivamente formadas por todo o contexto do Vaticano II, mostraram-se particularmente sensíveis às contradições político-religiosas que, então, se iam tornando cada vez mais evidentes. Ao início, terá sido a questão da guerra (a oposição à guerra; o cansaço da guerra; o sem sentido de lutar pela manutenção de colónias; a defesa da paz), para depois evoluir em alguns para uma oposição ao próprio regime e à falta de liberdade. Porque, não esqueçamos, o «tempo editorial» de Mons. Amílcar Amaral leva-nos já ao pós-25 de Abril e neste processo também os católicos portugueses (uma parte, claro está) desempenharam um papel relevante.

Eis como, em traços necessariamente largos e gerais, poderemos caracterizar este período tão complexo quanto fascinante da história da Igreja (no mundo e em Portugal). O mais interessante de o conhecermos, está em que isso nos torna mais aptos a interpretarmos a hora presente e, sobretudo, a agirmos como Igreja, agora.

A intuição catequética da obra de Mons. Amílcar Amaral e o desenvolvimento da catequese em Portugal

D. ANTÓNIO MANUEL MOITEIRO RAMOS (*)

No centenário do seu nascimento, as Jornadas Nacionais de Catequistas, 2019, evocam Mons. Amílcar Amaral, aquele que foi figura ímpar da catequese portuguesa.

Centenário do nascimento do Monsenhor Amílcar Amaral.

Monsenhor Amílcar Amaral nasceu a 14 de dezembro de 1919, no lugar de Paçô, freguesia de Sever do Vouga, diocese de Viseu. Foram seus pais: Albano Martins Pereira Amaral e Olívia da Conceição Amaral. Frequentou o Seminário de Viseu, de 1932 a 1939; o Seminário dos Olivais, de 1939 a 1942 e o Instituto Católico de Paris, de 1956 a 1959. Foi ordenado sacerdote no dia 9 de agosto de 1942, na Capela do Paço Episcopal, sendo Ministro D. João Evangelista de Lima Vidal, ficando ao serviço da Diocese. Faleceu no dia 13 de dezembro de 1990, no Hospital de Águeda, e o seu funeral realizou-se em Sever do Vouga.

São de realçar as nomeações:

Em 6 de novembro de 1942 foi nomeado Coadjutor de Águeda e Pároco de Castanheira do Vouga. Em 30 de agosto de 1943 foi nomeado Pároco de Águeda. Em 7 de outubro de 1943 deixou a paroquialidade de Castanheira do Vouga. Em 9 de setembro de 1947 foi nomeado para Professor de Religião

(*) Bispo de Aveiro e Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé.

e Moral na Escola Industrial e Comercial de Águeda. De 13 e 14 de setembro de 1950 participou, em representação da Diocese de Aveiro, no Congresso Internacional de Catequese, em Roma. Em 7 de julho de 1956 deixou de ser professor. No dia 8 de junho de 1956 foi homenageado em Águeda. Em 9 de julho de 1956 saiu de Águeda para Paris, para estudar, a fim de se preparar para assumir a direção do Secretariado Nacional da Catequese. Em 13 de setembro de 1956 acabou a publicação do 4º Volume do Catecismo Nacional, cujo trabalho iniciara com o 1º volume em outubro de 1953. Em 28 de junho de 1958 terminou a licenciatura no Instituto Católico de Paris, tendo obtido o segundo lugar na classificação geral. Em julho de 1959 terminou os estudos “magna cum laude” e a licenciatura em Teologia Dogmática, no Instituto Católico de Paris. Em 2 de janeiro de 1960 fixou-se em Lisboa, no Secretariado Nacional da Catequese. Em 1 de março de 1960 iniciou o cargo de Diretor do Secretariado Nacional da Catequese. Em 15 de dezembro de 1965, Monsenhor – Camareiro Secreto Supranumerário. Em julho de 1970 deixou o cargo de Diretor por motivo de saúde e passou a residir na sua casa de Sever do Vouga. Em 7 de março de 1980 foi nomeado Arcipreste de Sever do Vouga, cujo serviço deixou em 25 de março de 1983.

Apesar da saúde precária, continuou a escrever e a publicar livros destinados a difundir e a aprofundar a cultura religiosa das crianças, dos jovens e dos adultos.

1. Monsenhor Amílcar Amaral, nome ímpar e fundamental para se perceber a história da catequese em Portugal

Monsenhor Amílcar Amaral foi sacerdote da diocese de Aveiro, onde foi primeiro presidente do Secretariado da Catequese criado a 29 de março de 1949. É autor dos catecismos nacionais ‘*A Doutrina Cristã*’ e também a ele se devem os primeiros documentos para formação de catequistas.

É a ele que se deve a existência de um programa, a divisão dos grupos catequéticos por faixas etárias, os Catecismos, os Guias de Ensino e os Cadernos de Trabalhos Práticos. Numa constante preocupação teológica e catequética que apresentava, pela primeira vez, é de assinalar a preocupação gráfica.

Em ordem à formação cristã nas escolas primárias, publicou “*O Meu Livro de Religião*”, em quatro volumes, para cada classe.

Após a publicação dos 4 volumes do Catecismo Nacional (1953-1956), os bispos portugueses entenderam nomeá-lo Diretor do Secretariado Nacional da Catequese. Este pôs como condição preparar-se para tal missão. De 1956 a 1959, em Paris, diplomou-se em Catequética e Pedagogia e fez a licenciatura em Teologia Dogmática, regressando a Portugal em finais de 1959.

Em 1 de março de 1960 iniciou as funções de Diretor do Secretariado Nacional da Catequese. Com a sua ação, a catequese começou a tomar novos rumos.

2. Enquadramento

O Concílio Plenário Português, celebrado em 1926, ao falar da instrução catequética das crianças, decretou que dentro de três anos, a contar da sua promulgação, houvesse um único texto de catecismo em todas as dioceses. Este decreto do Concílio concretizou-se apenas quando o Secretariado Nacional da Catequese foi criado, em abril de 1952, e atingiu plena autonomia como um serviço próprio da Conferência Episcopal.

Por volta de 1945, o cônego Gregório Neves, professor do seminário dos Olivais, Lisboa, preparou um texto com os respetivos desenhos, que constituísse o Catecismo Nacional.

De 24 a 29 de julho de 1950, realizou-se a primeira semana de estudos catequísticos. Na diocese de Aveiro, o tema do Catecismo Nacional era objeto de todas as reuniões do clero. O padre Amílcar Amaral, então prior de Águeda, desejava ardentemente ver publicado um catecismo nacional. Para realizar este sonho pensou pedir ao cônego Boyer autorização para traduzir e publicar o seu Catecismo da Primeira Comunhão. Nesta altura, a Pia Sociedade de São Paulo (Paulistas) pediu ao padre Amílcar para preparar um Catecismo da Primeira Comunhão e para isso enviou-lhe alguns catecismos italianos, cujos desenhos ficavam à sua disposição. O catecismo foi preparado, tendo sido preciosa a ajuda do capelão do hospital de Águeda, padre José Reinaldo Matos.

Em 1952, um pequeno grupo de pessoas, chefiado pelo então pároco de Águeda, padre Amílcar Amaral, e secundado pelo cônego Gregório Neves,

professor de Catequética no seminário dos Olivais, e pelo padre Henrique Policarpo Canas, analisou o dito catecismo, modificando o que consideraram mais necessário, tendo depois sido apresentado ao Cardeal Patriarca, que julgou conveniente fazer dele o Catecismo Nacional. As ilustrações da primeira edição deste catecismo são de origem italiana. As ilustrações da segunda edição do primeiro volume é da autoria de Laura Costa e os 2º, 3º e 4º catecismos foram ilustrados pelo artista plástico Vitor Peon.

Sentida a necessidade de haver um catecismo para cada ano de escolaridade, rapidamente se dedicou à elaboração dos outros 3 volumes do Catecismo Nacional – ficando o programa de catequese em 4 volumes. Estes 4 volumes tiveram a aprovação do Cardeal Cerejeira, entre 1953 e 1956. O projeto da redação pertenceu ao Padre Amílcar e os retoques do mesmo aos outros membros da equipa, tendo ajudado, ainda, D. Policarpo da Costa Vaz (então bispo auxiliar de Lisboa e, mais tarde, bispo da Guarda), o Cardeal Cerejeira que, durante vários dias, trabalhou, de manhã à noite, com a equipa assistida por um teólogo nomeado pelo Patriarca, e o Padre Francisco Wakers, ex-professor do seminário dos Olivais e pároco da Penha de França, em Lisboa. Enquanto os catecismos eram assim elaborados, o Caderno de Trabalhos Práticos e o Guia de Ensino do educador que acompanhavam o catecismo eram feitos e redigidos diretamente pelo padre Amílcar Amaral. No seu mês de férias, ele que era pároco de Águeda, e ao mesmo tempo professor de Religião, escreveu tudo isto durante 4 anos seguidos.

3. A Catequese na primeira metade do séc. XX

A segunda metade do século XX foi testemunha dum grande florescimento catequético: reorganizam-se os secretariados diocesanos; ensina-se catequética nos seminários; trocam-se experiências entre dioceses; traçam-se critérios comuns, sobretudo nos encontros nacionais de catequese.

A renovação da catequese no período anterior ao Concílio Vaticano II dá-se com a publicação, em 4 volumes, do *Catecismo Nacional: Doutrina Cristã* (1953-56), conhecidos entre nós pelos catecismos de Mons. Amílcar, o nome do seu autor. Com estes catecismos, embora sejam destinados às crianças, aparece um plano de catequese estruturado e organizado em vários anos, começando com a primeira comunhão e terminando com a comunhão

solene no final dos quatro anos de catequese. Depois seguia-se a vida adulta na comunidade cristã.

Quando se publicou o Catecismo Nacional em 4 volumes não se sentia ainda a necessidade da catequese organizada dos adolescentes. Com estes 4 volumes, a catequese compreende apenas a infância, porque depois da Profissão de Fé, que se fazia no 4º volume, as crianças entravam na vida cristã adulta.

Ao terminar a catequese da infância, que coincidia com a frequência da Escola Primária (atual escola básica do 1º ciclo), fazia-se a Profissão de Fé e recebia-se o sacramento da Confirmação. Pensava-se estar feita a catequese que introduzia o cristão na vida da comunidade cristã – daí a publicação: resumo das fórmulas dos 4 volumes do Catecismo Nacional, o Catecismo da Profissão de Fé, que era utilizado na preparação da Profissão de Fé e do Crisma. Estas eram as concepções pedagógicas daquele tempo.

4. O Catecismo Nacional em 4 volumes

O 1º volume do Catecismo Nacional

A publicação do 1º volume do Catecismo Nacional, em 7 de outubro de 1953, inseriu-se num trabalho conjunto de muitos países para publicarem os respetivos catecismos nacionais.

Se o catecismo de S. Pio X esteve vigente, em muitas zonas da Igreja, até ao Concílio Vaticano II, não podemos esquecer os diferentes catecismos nacionais que foram sendo publicados, ao longo da primeira metade do séc. XX e que são, de certo modo, a expressão da renovação catequética que se ia operando.

O 1º volume era destinado a todas as crianças de Portugal, que deviam fazer a sua primeira comunhão por volta dos 7 anos, a fim de despertar já nos corações uma autêntica vida cristã; era orientado para facilitar o trabalho educativo – nas famílias, nas catequese e nas escolas – a quantos são responsáveis pela alta missão de fazer desabrochar na alma infantil a virtude e a santidade. “Ensinando-se, cuide-se da formação cristã da criança: atenda-se às condições várias da sua preparação cristã e desenvolvimento; faça-se com que ela compreenda toda a doutrina, a ame e aplique à sua vida;

procure-se que retenha de memória o que deve reter e conseqüentemente se prepare de modo a poder já confessar-se e comungar pelo Tempo Pascal” (cf. *Prefácio* do catecismo).

O 2º volume do Catecismo Nacional

O 2º volume, publicado em 1 de novembro de 1954, tem por base desenvolver e aprofundar a vida cristã. Fala na participação da vida divina e trata, de um modo particular, os sacramentos. É um catecismo profundamente cristocêntrico, onde a figura de Cristo é o foco de toda a vida divina. Este volume dá muita atenção às condições necessárias para se receber o sacramento da Confirmação.

O 3º volume do Catecismo Nacional

O 3º volume, publicado em 1 de outubro de 1955, tem por objetivo principal pôr diante dos cristãos as normas de perfeição moral, aprovadas ou propostas por Jesus Cristo.

Houve a preocupação de estudar a vida moral cristã sob um ângulo positivo, de modo que a mesma não aparecesse como uma série de proibições, mas antes como um chamamento persistente à perfeição e à imitação de Jesus.

O 4º volume do Catecismo Nacional

O 4º volume, publicado em 15 de agosto de 1956, destinava-se às crianças que se preparavam para a Profissão de Fé. Anda, todo ele, à volta do Ano Litúrgico (já nos volumes anteriores se tentou fazer coincidir o ensino das verdades da fé com os momentos mais importantes do Ano Litúrgico). Apresenta todas as suas lições de catequese na moldura impressionante e sempre atraente dos domingos e principais festas do Ano Litúrgico, para que as crianças se habituem a conhecer e saborear, desde já, a vida litúrgica da Igreja.

5. A Pedagogia Catequética

A publicação dos quatro catecismos supõe a generalização, a todo o país, da pedagogia ativa na catequese, através de materiais próprios para a criança

(catecismo e caderno de trabalhos práticos) e para o catequista (guia de ensino e material didático para a catequese).

Usam-se diferentes linguagens pedagógicas, o que vem enriquecer a catequese portuguesa; o catecismo teve o cuidado de multiplicar os desenhos em cada lição, os quais, pela sua leitura simples e pelo colorido, devem não só atrair as crianças, mas constituir, só por si, uma ilustração clara de toda a lição.

Marcam cada lição de catequese:

1º Começar pela apresentação de um quadro; 2º Descrição do quadro; 3º Perguntas minuciosas sobre o que se ensina; 4º Fazer sobressair a verdade que se deseja inculcar; 5º Provocar a reação das crianças para sabermos até que ponto a verdade é convicção e se impressionou; 6º Dar em seguida uma fórmula simples para reter; 7º Fazer descobrir uma resolução; 8º Finalmente, concluir com uma oração em relação com a matéria dada; 9º Completar tudo isto com jogos, deveres para colorir ou desenhar, ou qualquer outro trabalho.

A pedagogia de uma catequese – lição 11 (1º Volume)

- A catequese começava por uma reflexão individual para a catequista (note-se a palavra usada no feminino) e por algumas perguntas referentes à lição anterior.
- Depois, tendo como ponto de partida os desenhos do catecismo, a criança ia sendo introduzida no tema que se lhe queria transmitir.
- O primeiro desenho apresenta a casa de Nazaré, onde Nossa Senhora ensina Jesus a ler e onde se diz que Jesus sabia tudo e que não necessitava de aprender. Fazia-o, apenas, para nos dar exemplo a nós.
- O segundo desenho apresentava a oficina de S. José, onde ele trabalhava a madeira, Maria cosia a roupa e o menino Jesus ajudava S. José segurando as tábuas ou dando-lhe os pregos.
- No terceiro desenho aparece Jesus a obedecer com prontidão, indo buscar água com uma bilha.
- Se Jesus nos deu o exemplo em tudo, cada um de nós deve procurar fazer como Ele procedia.

- Por isso, aparece um quarto desenho de uma menina a limpar os pratos como forma de obediência à sua mãe e como exemplo de trabalho para todos os meninos.
- Esta é a ideia central que se quer inculcar nas crianças: a obediência de Jesus menino a Maria e a José é exemplo para, também nós, obedecermos aos nossos pais.
- A catequese termina com a oração «*ó Jesus, perdoai-me as minhas desobediências e ajudai-me a ser melhor, daqui em diante*», e com um interrogatório – resumo da lição e com a pergunta que vem no catecismo e que é necessário decorar: Porque devemos obedecer aos nossos pais? Devemos obedecer a nossos pais, porque eles fazem as vezes de Deus, junto de nós.
- Em casa, completava-se com os exercícios dos Cadernos de Trabalho Práticos.

O Método adotado nos catecismos

O método utilizado nas lições de catequese é descrito como sendo o método socrático: por meio de perguntas e respostas, o aluno deve chegar a descobrir a verdade que se pretende ensinar. Fazem parte deste método as perguntas do professor, neste caso do catequista, e as respostas do aluno/catequizando – o que leva a uma grande participação deste.

A grande novidade nestes catecismos é que mais do que sobrecarregar a memória das crianças com muitas fórmulas, progressivamente, estas eram obrigadas apenas a fixar o essencial. No fim de cada lição havia uma pergunta e resposta para decorar.

A Linguagem

Quando falamos de linguagem, referimo-nos não apenas à expressão escrita, mas também a todas as outras formas de expressão que estão presentes nos vários volumes do catecismo: o desenho, a expressão plástica, os jogos, o gesto, o canto, a oração, o testemunho, particularmente do catequista e dos pais, a celebração...

Relativamente ao 1º Volume, sendo dedicado às crianças que não sabem ler ou que leem muito pouco, houve o cuidado de multiplicar os desenhos em

cada lição, os quais, pela sua leitura simples e pelo colorido, devem não só atrair as crianças, mas construir, só por si, uma ilustração clara de cada lição. Os outros 3 volumes trazem logo no início a seguinte advertência: A explicação das lições vai na linguagem mais simples que nos foi possível, para ser entendida pelas crianças, facilitando deste modo aos catequistas menos experientes a preparação das lições.

A linguagem escrita dos Guias de Ensino apresenta-se bastante fácil, se considerarmos que os catequistas devem ser adultos, mas o mesmo não se pode dizer do texto das crianças. É demasiado extenso e, às vezes, é difícil de assimilar. Ao falar de Comunhão Eucarística, o 2º Volume emprega algumas palavras demasiado técnicas para a compreensão das crianças desta idade.

As Ilustrações

As ilustrações, nos 4 volumes, manifestam um avanço pedagógico digno de realce. Cada ilustração, por si só, era uma lição. O texto das crianças é todo ele colorido, com gravuras acompanhadas de legendas e adaptadas às crianças.

Neste trabalho de ilustração é de realçar os artistas Laura Costa para o primeiro catecismo a partir da segunda edição e de Vitor Peon, que a pedido do padre Amílcar Amaral, então prior de Águeda, elaborou os desenhos dos 2º, 3º e 4º catecismos...

Materiais de Apoio

O *Guia de Ensino* era um auxiliar para a preparação e formação dos catequistas, quer sob o ponto de vista doutrinal, quer pedagógico-didático.

O *Caderno de Trabalhos Práticos* para as crianças, para além de desenvolver as várias capacidades, tornava a catequese mais agradável. Facilitava a realização das atividades formativas que ajudarão a aprofundar as lições de catequese, levando à interiorização, com implicação na vida prática.

Os *Filmes fixos*, com os desenhos do catecismo, serviam para, de um modo simples, recapitular todas as lições no fim de cada período.

A *Bíblia das Criancinhas* era uma coleção formada por 16 quadros de fundo e 12 figuras móveis, tudo impresso a 6 cores sobre papel couché, colado em forte cartão prensado, o que lhes dava resistência.

Todos estes meios representam uma grande evolução pedagógica em relação a outros materiais didáticos do seu tempo.

6. Conteúdos do Catecismo Nacional (4 volumes)

Profissão de fé

1. Creio em Deus: Atributos de Deus; Deus é Criador e Pai; a Revelação de Deus como Trindade.
2. Creio em Jesus Cristo, filho de Deus: Jesus é Salvador; A redenção de Jesus; Jesus é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem; A Virgem Maria, Mãe de Jesus.
3. Creio no Espírito Santo: o Espírito Santo desce sobre os apóstolos e os cristãos; os dons do Espírito Santo; o Espírito Santo e a Igreja.
4. Creio na Igreja: O que é a Igreja; A Igreja, um corpo formado por muitos membros.
5. Creio na vida eterna: A presença em nós da Santíssima Trindade; os novíssimos.

Celebração da fé

1. O Ano Litúrgico.
2. Os Sacramentos: Batismo; Eucaristia; Confirmação; Confissão; Ordem; Matrimónio; Unção dos Doentes.
3. Oração.

A vida moral

1. A perfeição cristã: a imitação de Jesus; a formação da consciência.
2. A vida moral do cristão: as virtudes teologais e cardeais; os mandamentos da lei de Deus e da Igreja.
3. O pecado na vida do cristão: o pecado original; o pecado mortal e venial.

O compromisso Cristão

1. O compromisso individual.
2. O compromisso comunitário.
3. O compromisso social.

Considerações finais

O Catecismo Nacional foi significativo, teve uma difusão enorme e foi sinal de amadurecimento da catequese portuguesa. Esta publicação provocou um novo esforço de organização das catequese paroquiais e principalmente de formação de catequistas, no domínio espiritual, doutrinal, bíblico e psicopedagógico.

A catequese proposta nestes catecismos pretende ser uma catequese de anúncio e comunicação da Palavra de Deus adaptada aos destinatários, envolvente e ativa, orientada para o compromisso, a mudança de atitudes (conversão).

As reimpressões e edições multiplicaram-se até ao aparecimento dos catecismos elaborados a partir de 1970. Em 1968, o 1º volume já ia na 8ª edição, assim como os restantes volumes.

Continuar a renovar na fidelidade às orientações da Igreja universal e particular é o desafio que hoje se nos coloca.

Revitalizando a memória e o rasgo catequético e pastoral de um homem à frente no seu tempo, Mons. Amílcar Amaral, procuremos conduzir os cristãos ao encontro com Jesus Cristo, na descoberta da missão de conhecer e professar a Palavra de Deus, na fé da Igreja, e de a transmitir na fidelidade aos homens e mulheres do nosso tempo.

A ilustração como instrumento catequético na Igreja Católica dos inícios do terceiro milénio: abordagem inicial ao papel da ilustração nos catecismos da Catequese da Infância e Adolescência em Portugal (1º ao 6º anos)¹

MARCO DANIEL DUARTE (*)

Amplamente estudada do ponto de vista da eficácia discursiva, a imagem é usada nas diferentes culturas como eloquente forma de comunicação, seja ela o elemento principal da narrativa, seja ela complemento de outro tipo de discurso, designadamente do texto escrito.

A Igreja dos seguidores de Cristo desde cedo percebeu a importância da imagem fixada pelos artistas em diferentes tipos de suporte, ainda que dela, nalguns momentos, tenha duvidado por esta se mostrar, mercê do seu poder de apropriação simbólica, concorrente da entidade representada, como ficou paradigmaticamente expresso na querela iconoclasta do século VIII e nos diferentes momentos históricos em que a Igreja refletiu sobre a questão, a que não foi alheia, inclusivamente, a assembleia do II Concílio do Vaticano

¹ O texto fixa as linhas mestras relativas à apresentação integrada nas Jornadas Nacionais de Catequistas 2019, em Fátima, registada em <https://www.youtube.com/watch?v=LJ5Tj3cYleA>. O autor agradece a D. António Moiteiro as informações sobre Amílcar Amaral e a Mestre Cristina Sá Carvalho as facilidades concedidas no acesso à informação relativa ao objeto de estudo. A esta obra da Catequese em Portugal é devido particular reconhecimento pelo amplo esforço de introduzir na cultura catequética a marca da arte, a «propósito e fora de propósito [...], com toda a paciência e doutrina» (2 Tim 4, 2), no sentido paulino que esta expressão oferece aos que proclamam a Palavra.

(*) Doutor em Letras (História de Arte) pela Universidade de Coimbra. Diretor do Museu do Santuário de Fátima. Correspondente Nacional da Academia Nacional de Belas Artes.

na forma de entender o espaço celebrativo e o lugar das imagens sacras no contexto da 'Ecclesia'.

Entendeu assim a Igreja Católica – sem dúvida, mais que as restantes formas de viver o Cristianismo – que a linguagem não-verbal, sobretudo quando se reveste de valores artísticos, potencia a percepção do mistério que anuncia e gera comportamentos cujo alcance não pode ser avaliado a um primeiro instante. Por esta razão – e apenas para tomarmos os exemplos mais conhecidos relativos às artes plásticas – as catacumbas da primeira era cristã se revestiram de figuras simbólicas, as igrejas românicas viram insculpidos, a par dos monstros e de outras figurações fantasiosas, os episódios do Apocalipse, os claustros góticos mostraram, na pedra dos seus capitéis, as narrativas da história da Salvação, cenas que os pintores e escultores do Renascimento glosaram a partir das descobertas do humanismo, que os artistas a partir de Trento, quer no contexto maneirista quer no contexto barroco, mostraram a partir do reforço dogmático e que os mestres da chamada época contemporânea questionaram a partir dos pressupostos sempre inquietantes da arte em cada década.

O livro religioso, seja ele a própria Bíblia contentora da Escritura Sagrada, seja ele de pendor litúrgico ou de pendor parenético, literário e/ou catequético, conforme as épocas e as finalidades, não saiu das mãos dos copistas ou dos prelos das diferentes épocas sem os cuidados da arte gráfica, não apenas na forma de dispor os caracteres mas também na forma de os colocar em diálogo com ilustrações que favorecessem a compreensão e a contemplação da ideia que os signos linguísticos fixavam.

Os catecismos, suportes por excelência concebidos para a transmissão de conhecimentos em ordem à vivência de uma comunidade, não dispensariam este importante recurso, usando-o de diferentes formas que hoje podem discursar e ser prova da maneira de interpretar os conteúdos cristãos na época da sua fixação. Pode assim ser legítimo e deveras importante que o exercício que hoje os historiadores da arte e da cultura religiosa operam, quando abrem, a título de exemplo, um livro de horas ou uma 'Bíblia pauperum' dos finais da Idade Média, um catecismo ou um tratado relativo à vida cristã ou um livro devocional do século XIX, se veja também iluminador acerca da visão teológica e pastoral da comunidade que conferiu o 'nihil obstat' e o 'imprimatur' aos catecismos da Igreja Católica em Portugal no contexto dos materiais que guiam os encontros de catequese, nomeadamente dos catecismos editados pela

Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, relativos à Catequese da Infância e Adolescência (1.º a 6.º anos).

O centenário do nascimento do padre catequeta, da diocese de Aveiro, Amílcar Amaral (1919-1990) deixa sublinhado o reconhecimento sobre a sua visão acerca da necessidade de estruturar os subsídios de apoio à transmissão da fé no contexto da infância dos crentes e, também, a sua visão acerca da importância que conferiu, no âmbito desta ação editorial dos catecismos que promoveu, à força da imagem para, normalmente em complemento com os textos, auxiliar essa missão de transmitir e vivenciar o cristianismo. Distinguindo as linguagens gráficas conforme o público a que se destinavam as edições – o “Guia de Ensino” destinado a catequistas, a “Doutrina Cristã – Catecismo Nacional” destinada aos catequizandos, o “Livro do Mestre” destinado aos professores da “aula de religião cristã na escola primária” –, Amílcar Amaral reuniu-se de ilustradores que estão ainda por estudar e que merecerão, no futuro, a atenção daqueles que vierem a debruçar-se sobre o ensino religioso no Portugal dos meados do século XX: Laura Costa (1910-1993), Isolino Vaz (1922-1992), Vítor Péon (1923-1991).

Abriam estas edições um novo modo de entender a Catequese também no que concerne à maneira plástica de dar forma aos conteúdos, não abandonando mais os catecismos a necessária ilustração que, em cada tempo, será marca da ‘forma mentis’ dos seus autores, desde os decisores institucionais (Comissão Episcopal da Educação Cristã e Doutrina da Fé / Secretariado Nacional da Educação Cristã) aos autores e ilustradores de cada tomo, e dos seus utilizadores, desde os catequistas aos catequizandos e outros agentes que com estes subsídios lidem.

Não tendo ainda sido levado a cabo o estudo que estes livros merecem², a análise inicial terá de pautar-se por alguns exercícios que avaliem os diferentes tipos de interação que, na composição da página, existem entre o texto e a imagem, verificando que a estes foram dadas hierarquias diversificadas conforme o que se pretendia transmitir. É a imagem, muitas vezes, complemento do texto; é a imagem, noutras vezes, o próprio texto,

² O subsídio que se apresenta, longe de ser exaustivo, pretende sobretudo abrir caminhos de análise que poderão revelar-se importantes quando o tema, a partir das ferramentas da semiologia e da iconologia, granjear a atenção da comunidade científica quer das áreas da História da Arte, quer das áreas da Teologia e Ciências Religiosas, quer de outras áreas das Ciências da Comunicação a que não devem ser alheias as preocupações dos sociolinguistas.

quando se percebe, por exemplo, ser necessário dar primazia à ilustração, por se entender ser esta o “texto” primeiro para que o conteúdo seja veiculado. Assim, nos catecismos que entraram em vigor entre 2007 e 2012, vemos a expressão plástica como complemento, como explicação de um determinado assunto e como materialização desse mesmo conteúdo.

A análise, que não terá preocupação de exaustividade, lança alguns exercícios, deixando outros, igualmente importantes, para os autores que venham a debruçar-se sobre esta temática que terá obrigação de tecer acareações com as edições de catecismos que vieram a lume durante a segunda metade de Novecentos. Os catecismos que saem a partir de 2007 são, assim, os que mostrarão a visão da Igreja portuguesa dos inícios do terceiro milénio, na continuidade das reflexões que já vinham sendo feitas nos finais da centúria anterior³.

Podem, assim, tirar-se conclusões sobre como pensava a Igreja que produz e utiliza estes subsídios, tomando, como exemplo, as figurações respeitantes ao mistério da Encarnação ou ao mistério pascal, as formas de representar as figuras do Antigo Testamento e da Nova Aliança, as cores usadas nas paisagens antigas e nas cenografias recentes, a forma de apresentar o catequista e até o catequizando nos diferentes contextos da sua vida eclesial, familiar ou mesmo social. A título de exemplo, pode colocar-se a pergunta: que imagens da Ressurreição nos oferecem os catecismos atuais? De facto, a Páscoa de Cristo é ilustrada de diferentes formas: pela Cruz florida e ausente (1.º ano, p. 72), através do círio pascal de onde sai, colorida, notação musical (2.º ano, p. 76), pela ilustração do reconhecimento do lugar dos cravos (3.º ano, p. 95), pela “Deposição de Cristo morto”, de

³ Embora tenham sido aquilatados outros materiais – cadernos de exercícios, “diplomas” que pautam a caminhada cristã relativa aos ciclos festivos dos anos catequéticos, pagelas, etc. – a análise incide, sobretudo, sobre os seguintes catecismos, cuja paginação e ilustração é assinada por Catarina Roque: *Jesus gosta de mim: catequese 1.º ano*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019, 3.ª edição (1.ª edição de 2007); *Eis-nos a rezar: catequese 2.º ano*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019, 3.ª edição (1.ª edição de 2007); *Queremos seguir Jesus: catequese 3.º ano*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2018, 2.ª edição (1.ª edição de 2009); *Tens palavras de vida eterna: catequese 4.º ano*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019, 9.ª edição (1.ª edição de 2010); *Sereis o meu Povo: catequese 5.º ano*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019, 9.ª edição (1.ª edição de 2011); *Creio em Jesus Cristo: catequese 6.º ano*, Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019, 8.ª edição (1.ª edição de 2012). No texto os catecismos serão referenciados de forma abreviada, usando o número correspondente ao ano que se pretende identificar.

Caravaggio (4.º ano, p. 97), pelas quatro estações do ano (5.º ano, p. 88), pela figuração de Cristo na cruz, de Velasquez (5.º ano, p. 97), através da fotografia de um sem-abrigo (5.º ano, p. 93), pela obra “Mar e Céu”, claramente abstratizante, de Sousa Lopes (6.º ano, p. 77).

Este tipo de exercício pode estender-se a múltiplos tópicos de abordagem como os que, inclusive, virão a ser percecionados pelos estudos de género, sobre as minorias ou outros que tentam encontrar nas marcas culturais ideias subliminares que se difundem como estereótipo e/ou preconceito sobre o outro. Que lugar têm os representados das diferentes etnias (as ilustrações dos catecismos mostram exclusivamente peles brancas e peles negras, excluindo muitas outras tonalidades da humanidade que vive em Portugal), que posição têm as mulheres, os homens, as crianças, os idosos dos inícios do século XXI, que papéis familiares são evidenciados, como se mostra uma cultura de vestes solenes com sabor arcaico (3.º ano, p. 86, 97) ou uma estética apresentada nos cenários das igrejas desenhadas que correspondem a outras latitudes e não tanto às igrejas portuguesas (2.º ano, p. 74, 86)? Não bastas vezes, percebe-se a sensibilidade a estes temas, quando vemos a divisão das tarefas domésticas entre a mãe que traz o cesto da roupa engomada e o pai que aspira o chão da sala (2.º ano, p. 54) ou quando se observa a pedagógica cena dos filhos que, ajudados pela mãe, de luvas, lavam a loiça (1.º ano, p. 42; 3.º ano, p. 27), ainda que não falte matéria para os que, hipersensíveis, possam escrutinar estes ‘topos’ e encontrar uma página em que a mulher surja desenhada à porta da cozinha com um bolo na mão e o pai, na sala, prepara, com o filho, o presépio junto à árvore de Natal (3.º ano, p. 30).

Os exercícios de questionamento encontram também uma temática abundantemente tratada do antigo tema, sempre presente na vida da ‘Ecclesia’, que corresponde ao elogio do mundo rural como lugar mais condicente para o encontro com Deus: não raras vezes, a igreja, ou os símbolos desta, aparece apartada da cidade, do casario e do bulício quotidiano, o que pode gerar essa sensação de dicotomia entre campo e cidade (1.º ano, p. 18, 22, 23, 54, 58, 66, 102; 2.º ano, p. 6, p. 71; 3.º ano, p. 22). A ‘fuga mundi’, tema maior da cultura religiosa, encontra-se múltiplas vezes plasmada nas opções gráficas dos catecismos portugueses, sendo legítimo perguntar se, à luz da teologia atual, esta afirmação tantas vezes operada corresponde efetivamente à noção de que na cidade é difícil encontrar Deus e viver em Deus. Mesmo a argumentação que possa atribuir-se à

importância dada ao discurso ecológico nos atuais documentos do Magistério, as datas dos catecismos – que sobretudo no primeiro e segundo ano antecipam claramente essa linguagem ecológica que Francisco haveria de modelar na “Laudato Si’” – mostram que o discurso relativo aos «prados verdejantes» (SI 23, 2) se mostra justificado pela cultura bíblica e pela preferência pelo tópico de que Deus pode não estar na cidade. As exceções (3.º ano, p. 18) não desmentem uma propensão para esta dicotomia entre o binómio campo-cidade.

Existe, ainda, notória evidência de temáticas tratadas em ordem a uma clara cultura cristã, na senda da tradição evangélica, como é a do ‘alter Christi’, que se observa várias vezes conjugada quando o catequizando é levado a perceber-se como Cristo na terra (1.º ano, p. 63; 2.º ano, p. 52) ou a perceber que o retrato de Cristo que se encontra na parede da sala de catequese é não apenas igual à figura de Cristo que se encontra à porta da sala (porque Ele, segundo o Evangelho de João, é a porta), mas também muito próximo do rosto do catequista (no figurino do semblante e do penteado) que segura uma vela, também ela símbolo joanino de Cristo, luz do mundo (3.º ano, p. 6). Esta expressão surge ainda quando o catequizando é convidado a retratar-se no seu catecismo como acontece através do desenho ou da fotografia (3.º ano, p. 14).

Sumamente reafirmado pelo II Concílio do Vaticano, a temática do Povo de Deus como imagem dos eleitos, em alusão clara à passagem do Apocalipse que descreve um povo de túnicas brancas (5.º ano, p. 28), ou no grupo, à maneira de mosaico multicolor que segue a Cristo (2.º ano, p. 87), é várias vezes abordada, quer pelas formas como surgem os conjuntos representados sejam em ramos de flores, sejam a comporem a cruz de Cristo.

Tema que perpassa toda a linha editorial respeitante aos seis anos em análise é o da abordagem realizada ao espaço litúrgico, preocupação que vai ao encontro de um dos mais importantes desideratos da missão pedagógica da Catequese: levar o catequizando à vivência comunitária da fé. Este assunto aparece múltiplas vezes tratado quando existem alusões a celebrações, mas de forma clara no 1.º (p. 19, 21 e 96) e no 3.º anos (p. 8 e 12), evidenciando cada um dos elementos que constitui o mobiliário litúrgico através da figuração (sendo cada peça de família formal diferente) e da fotomontagem (imagem sobre desenho), fazendo uso de estratégias diferenciadas entre as quais a de destacar cada elemento ‘per se’ e de pedir

que o desenho seja colorido. As diferentes tipologias do mobiliário, se concorrem para uma aproximação às diferenciadas formas artísticas de que se revestem estes elementos nas diferentes igrejas e capelas dos católicos portugueses, não contribuem, contudo, para a desejada cultura visual que o crente deve desenvolver em ordem à estética do espaço celebrativo, não raras vezes tão pouco cuidada pelas comunidades.

Esta educação pela arte não se encontra, porém, ausente dos catecismos destinados às crianças e adolescentes da Igreja em Portugal, pelo que é legítimo sublinhar que entre as preocupações dos editores esteve a de que a cultura catequética deve concorrer também para a cultura cristã ‘lato sensu’, múltiplas vezes materializada em obras de arte que o Cristianismo legou à humanidade. Este é um “capítulo” verdadeiramente maior por entre os capítulos que subjazem às diferentes lições da catequese da Infância e da Adolescência da Igreja em Portugal. Fazendo uso da arte figurativa (a maioria dos casos) e da arte abstrata (5.º ano, p. 188 e 122; 6.º ano, p. 77), da arte de cariz universal (entre muitos, 3.º ano, p. 23; 6.º ano, p. 14) e da arte portuguesa (6.º ano, p. 13, 26, 27, 37, 74-75), recorrendo à arte em contexto religioso (6.º ano, p. 27, 30) ou em contexto museológico (6.º ano, p. 26, 29, 38, 81, 82), os catecismos, para levarem a cabo a sua missão, socorrem-se das manifestações artísticas visuais de todas as épocas históricas, desde a arte da Antiguidade (4.º ano, p. 55) à medieval (3.º ano, p. 14, 31, 48; 6.º ano, p. 22, 40, 73, 98), passando pela arte da Idade Moderna (5.º ano, p. 14, 18, 22, 23, 34, 38, 39, 41; 6.º ano, p. 14, 33) e da época contemporânea (3.º ano, p. 23; 4.º ano, p. 29, 83, 84; 6.º ano, p. 32, 50, 78, 86, 93, 97). Mais ainda surge relevante no contexto em análise o uso de arte perfeitamente expectável no quadro da tradição cristã, mas também o uso da arte com sentido surpreendente, porquanto é chamada a ganhar novos – e, ‘a priori’, até politicamente antagónicos – significados, por vezes distantes dos seus primevos contextos de produção como são “Só Deus”, de Francisco Metrass, “O almoço do Trolha”, de Júlio Pomar, ou “Delacroix no 25 de abril em Atenas”, de Nikias Skapinakis (6.º ano, p. 31, 45, 65). Tais citações das artes plásticas não deixam de fora, inclusivamente, o gosto erudito (entre muitas, 6.º ano, p. 10) e o gosto popular (4.º ano, p. 33), e tomam por vezes, outrossim, a arte ‘naïf’ (4.º ano, p. 37; 6.º ano, p. 25, 40).

Noutras opções, vemos o quadro artístico a dialogar com a ilustração, ou porque esta o prolonga (4.º ano, p. 42) ou porque o mimetiza (3.º ano, p. 14) ou porque o sublinha (4.º ano, p. 38 e 99), mostrando surpreendentes

imagens que combinam, em sã convivência, elementos históricos, desenho e fotografia. O uso desta última permite múltiplas vezes lançar pontes entre o catecismo e a realidade da comunidade cristã, mesmo que isso macule a desejável serenidade da ilustração. A fotografia traz, assim, maior proximidade aos cenários vividos pela comunidade cristã e reconhecíveis pelos agentes da catequese, misturando-se, bastas vezes, nem sempre nas escalas certas (4.º ano, p. 11), com as cores e traços da ilustração.

A observação da composição das páginas destes manuais leva a concluir que o grande desafio que os catecismos enfrentaram foi o do equilíbrio entre as diferentes formas de comunicação, veiculada pelas fontes tipográficas utilizadas, pelas estratégias de ilustração, pelas linguagens artísticas introduzidas, pelas fotografias selecionadas, o que proporcionou, nalguns casos, a agitação gráfica necessária – nalguns casos a tocar o ‘horror vacui’ – para a comunicação e, noutros, a quebra do ritmo com as menos frequentes páginas mais tranquilas e dadas à contemplação.

A análise, quando mais aprofundada, passará por verificar temas específicos nos seis tomos ou por perceber como estes tomos vão acompanhando o desenvolvimento cognitivo e sensorial do catequizando, oferecendo uma visão diacrónica do processo de apreensão dos conteúdos relativos à cultura catequética. A este respeito, é particularmente feliz a abordagem do tópico “igreja paroquial” ou “igreja da comunidade em que vive o catequizando”, sobretudo na notória gradação que se estabelece entre o desenho da igreja que nos 1.º e 2.º anos começa por ser um templo de portal românico, com torre barroca, mas de escala simplificada, e que no 3.º ano se mostra já como uma igreja de fachada barroca mais complexa, no 4.º se apresenta a partir da metáfora do restauro, exibindo uma igreja com andaimes (4.º ano, p. 9) e que nos anos seguintes dá lugar, em diferentes sítios do catecismo, a igrejas de traços muito diversas (incluindo as de traçado contemporâneo), mostrando também a diversidade de lugares da reunião das assembleias cristãs e, muito importante para os laços de pertença à Igreja particular, as catedrais das dioceses portuguesas tratadas como igrejas-mãe dos territórios em que habitam os catequizandos (6.º ano, p. 89).

Não obstante alguns lapsos que se observam – a ideia de meritocracia associada às medalhas de mérito que se encontram no Calvário de Cristo, lugar da graça que é gratuitamente dada e não merecida (4.º ano, p. 88), ou a placa toponímica de Fátima que indica a localização da povoação no

sentido contrário ao da Aparição desenhada (1.º ano, p. 90) – o investigador confirma estes catecismos como importantes lugares de apoio à experiência da descoberta de Cristo, assim os seus agentes os saibam utilizar, demorando-se mais nalgumas páginas e menos noutras, amplificando significados inerentes às obras de arte e outras referências que neles se integram, ora através da desconstrução dos elementos visuais, ora através da amplificação desses elementos que, não raras vezes, merecem ser projetados numa grande tela a fim de serem contemplados durante vários minutos pelas pequenas assembleias a quem se destinam.

Prenhes de signos visuais de grande riqueza exploratória, apontando caminhos convergentes para o que tem sido a reflexão do Magistério quando se pronuncia acerca da ‘via pulchritudinis’ que tantas vezes a Igreja, com propriedade, evoca e cumpre, a componente gráfica que dá forma e conteúdo ao programa catequético em Portugal é instrumento fundamental do ensino-aprendizagem que, no caso da catequese, não é apenas cognitivo, mas, essencialmente, de experiência vivencial. Consciente das características da comunicação não-verbal e sobretudo da comunicação pela via da arte, o caminho inaugurado por estes catecismos pode tornar-se via de excelência para o conhecimento d’Aquele que Agostinho de Hipona, qual patrono de qualquer catequista, descreve como Beleza sempre antiga e sempre nova.

Com os Adolescentes, uma metodologia catequética projetual, participada e comprometida

P. JOSÉ HENRIQUE DOMINGUES PEDROSA (*)

1. Introdução: um olhar de esperança

A catequese com os adolescentes apresenta-se hoje como uma oportunidade única e um dos desafios mais significativo para as comunidades cristãs.

No tempo da construção da própria identidade, a oportunidade de cada um se encontrar com Jesus Cristo, em Igreja, num ambiente de fé acolhida, celebrada, rezada e vivida, é o maior tesouro que as comunidades têm para transmitir às novas gerações, pois, nesse encontro, cada um pode construir um verdadeiro projeto de vida, discernir uma resposta vocacional autêntica, construir uma identidade livre, verdadeira, comprometida, interventiva, no seguimento de Jesus Cristo. O Papa Francisco resume este anúncio em três grandes verdades: Deus ama-te; Cristo salva-te; Ele vive! (cf. CV 111 ss.)

Talvez se possa definir como um primeiro desafio o desenvolvimento deste olhar de esperança. A adolescência é essencialmente um tempo de crescimento, de construção de identidades, de opções, na busca da autonomia... E neste processo precisam de referências que possam também contestar para encontrar seguranças e sentidos, valores que possam alicerçar a sua nova identidade em construção.

(*) Sacerdote da Diocese de Leiria-Fátima. Catequeta, pela Universidade Salesiana, Roma. Diretor do Departamento de Educação Cristã, Assistente Regional do Centro Nacional de Escutas (CNE), Vigário da Vigararia da Batalha, Membro do Conselho de Coordenação Pastoral e Membro do Colégio de Consultores. Texto correspondente ao registo da conferência.

Por isso, mais que carregar este tempo com rótulos depreciativos, é tempo de olhar para os adolescentes como pessoas com o desejo de encontrar o seu próprio lugar, com autonomia, liberdade e responsabilidade. Neste caminho, eles são os primeiros a estar pessoalmente implicados.

Uma convicção de todos os tempos e lugares, e para todas as idades, ilumina também o nosso olhar cristão: Deus que amou tanto o mundo não deixou nunca de o amar, e ama este nosso mundo de hoje, com aqueles que hoje o habitam, qualquer que seja a sua idade, condição e identidade. É esse olhar do amor divino que a Igreja é convidada a deixar transparecer na sua ação: também na catequese, também na catequese com os adolescentes.

Citando as palavras do Papa Francisco na Exortação Apostólica Pós-Sinodal “Cristo Vive”, “assim é o olhar de Deus Pai, capaz de valorizar e nutrir os germes de bem semeados no coração dos jovens. Por isso, o coração de cada jovem deve ser considerado «terra santa», diante da qual nos devemos «descalçar» para poder aproximar-nos e penetrar no Mistério” (CV 67).

2. «Com» os adolescentes

Por isso, o tema proposto para esta partilha começa com um «com», inclusivo e muito significativo. Ao começar um processo de renovação da proposta da catequese «com» os adolescentes este foi um dos pontos de partida: não uma catequese «para» nem «de» adolescentes, mas «com». Numa perspetiva de envolvimento pessoal e do grupo, percebendo que, neste caminho, ou o percurso é assumido em conjunto ou não terá capacidade de implicar, de se tornar significativo, de levar ao encontro pessoal, à personalização da fé, ao projeto de vida, ao compromisso cristão.

“A finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade” (CT 5). A afirmação do Papa João Paulo II continua atual e a definir o sentido essencial da catequese: não se trata de transmitir uma doutrina, ensinar umas regras, introduzir em alguns ritos... “No centro da catequese encontramos essencialmente uma Pessoa: a Pessoa de Jesus de Nazaré, (...) que sofreu e morreu por nós, e que agora, ressuscitado, vive connosco para sempre” (CT 5).

O documento da Conferência Episcopal Portuguesa (cf. CAEJC, 1), “Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo”, lança-nos nesta mesma perspetiva, começando por recordar a afirmação do Papa Bento XVI: “**No início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, um rumo decisivo**”. Opção que é reforçada com uma citação da introdução da Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”, do Papa Francisco: “Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar no dia a dia sem cessar”.

A catequese, e a catequese com os adolescentes, é então um dos lugares (não o único) para propor este encontro com Jesus Cristo. Propor, porque o encontro verdadeiro implica sempre a liberdade dos que se encontram, e só na liberdade se pode conhecer intimamente (e dar a conhecer profundamente), para criar uma relação pessoal onde se acolhe a revelação e se responde pela fé. Para possibilitar este encontro, existem as mediações que facilitam o estar juntos: é neste sentido que a fé se “transmite” na catequese com os adolescentes.

Possibilitar o encontro para que cada um, pessoalmente, se encontre com Jesus Cristo: é o sentido de uma fé personalizada, vivida na primeira pessoa. Sem deixar de ser vivida também em conjunto, neste não menos desafiante equilíbrio entre a resposta de fé pessoal e a sua dimensão comunitária, entre a autonomia pessoal e a absolutamente indispensável dinâmica comunitária, entre a liberdade pessoal e as pertenças comunitárias.

O grupo é, de facto, fundamental em todas as idades, mas muito particularmente nestas idades em que os adolescentes “tendem a deixar a tutela dos pais para criar amizade de preferência com colegas da mesma faixa etária. É tal a necessidade do grupo que este chega a ser preferido à família”, diz o recente documento dos Bispos, que afirma de seguida: “Pois bem: faça-se do **grupo de catequese**, antes de mais, um grupo de amigos – para mais, unidos, não apenas por simples laços humanos, mas pelo amor de Deus revelado em Cristo, o mesmo que une os cristãos numa só Igreja. Se a dimensão eclesial do grupo é fundamental em todas as fases da catequese, é-o muito mais na adolescência” (CAEJC, 45).

Então, que percursos percorrer para que a catequese com os adolescentes possa atingir a sua finalidade? As respostas que se vão vislumbrando acentuam a importância do acompanhamento pessoal e do grupo, a valorização das capacidades pessoais e da autonomia dos adolescentes na escolha do caminho a percorrer, a importância de fazer suscitar as questões essenciais, a relevância de uma catequese mais querigmática, mais mistagógica, mais catecumenal.

3. Uma catequese projetual, participada e comprometida

3.1. Percorrer caminhos:

Conhecer (bíblica – querigmática), vislumbrar (mistagógica) e experimentar a fé (compromissos); o envolvimento pessoal na construção de um projeto conjunto (grupo) e em comunidade (de inspiração catecumenal)

Algumas linhas estruturantes deverão marcar este caminho de proposta da fé na catequese com os adolescentes. Deixemo-nos orientar pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho” (Cf. EG, 160-175):

a) Uma catequese querigmática (EG, 163-165)

“Na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou querigma, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. (...) Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar». Ao designar-se como «primeiro» este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio principal, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos.

“A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a

poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena.”

b) *Uma catequese mistagógica* (EG, 166)

“Outra característica da catequese é a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. (...) O encontro catequético é um anúncio da Palavra e está centrado nela, mas precisa sempre duma ambientação adequada e duma motivação atraente, do uso de símbolos eloquentes, da sua inserção num amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta.”

c) *Via da beleza* (EG, 167)

“É bom que toda a catequese preste uma especial atenção à «via da beleza». Anunciar Cristo significa mostrar que crer n’Ele e segui-Lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações. Nesta perspetiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus. (...)”

É preciso ter a coragem de encontrar os novos sinais, os novos símbolos, uma nova carne para a transmissão da Palavra, as diversas formas de beleza que se manifestam em diferentes âmbitos culturais, incluindo aquelas modalidades não convencionais de beleza que podem ser pouco significativas para os evangelizadores, mas tornaram-se particularmente atraentes para os outros.”

A terminar a sua reflexão sobre esta catequese querigmática e mistagógica, o Papa Francisco fala ainda “relativamente à proposta moral da catequese”, afirmando que “mais do que como peritos em diagnósticos apocalípticos ou juízes sombrios que se comprazem em detetar qualquer perigo ou desvio, é bom que nos possam ver como mensageiros alegres de propostas altas, guardiões do bem e da beleza que resplandecem numa vida fiel ao Evangelho” (EG 168).

Para além destas linhas, ousou apontar outras que, na especificidade da catequese com os adolescentes, parecem ser, também elas, estruturantes:

d) Experimentar a fé

Na catequese com os adolescentes parece cada vez mais oportuno que se possa dar a possibilidade de cada um ter acesso a experiências fortes que os ajudem a pôr em prática a fé, a criar a oportunidade de se deixarem questionar profundamente. A catequese deve dar a oportunidade de viver experiências fortes de oração, de silêncio, de escuta e aprofundamento da Palavra de Deus, de encontro com testemunhos, de retiros, peregrinação, atividades que desafiem o quotidiano, de encontro com as dimensões do limite e da fragilidade humana, de voluntariado, de participação em projetos comunitários, etc... Ajudar a levantar as questões essenciais e a buscar as respostas, mais do que fornecer respostas para perguntas que não tenham sido formuladas.

e) Envolvimento pessoal (autonomia)

A catequese mais que “para” os adolescentes, ser “com” os adolescentes: na compreensão da sua busca de autonomia e liberdade, implicar os adolescentes no caminho a realizar. Mais que “cursos”, “percursos” a estruturar progressivamente, implicando-os na escolha dos projetos, temáticas, ou compromissos a assumir.

f) Projeto comum (importância do grupo)

Em todo este caminho, a dimensão do grupo é uma outra dinâmica estruturante: há que investir tempo para que o grupo se sinta, de verdade, como grupo. Faz-nos questionar os tempo e lugares da catequese (será possível criar a consciência de grupo, e grupo cristão, com um encontro semanal ou quinzenal, em estilo mais ou menos escolar?) e levantar a necessidade de trabalhar as relações dentro do próprio grupo. A realização de atividades mais alargadas, de outros espaços de participação além dos encontros em sala, de envolver os adolescentes entre si e com os catequistas, parecem essenciais para trabalhar a construção de um verdadeiro grupo.

g) Inspiração catecumenal de inserção progressiva na vida comunitária

Todas estas linhas apontam para uma caminhada de envolvimento comunitário, para uma progressiva inserção em Igreja, em que os adolescentes

não sejam apenas sujeitos mas também agentes na construção da comunidade cristã. Levar a comunidade cristã ao encontro dos adolescentes e estes ao encontro da comunidade, com etapas que sejam também elas celebradas em comunidade, implicativas e estruturantes na relação comum.

3.2. Percursos, projetos, desafios pessoais e de grupo, numa diversidade metodológica

A pergunta que sempre se segue é a do “Como?”: como pôr em prática, como fazer? E para esta questão todos vamos procurando respostas...

Sem nos deixarmos cair numa vaga criatividade sem fundamentos nem estrutura, estamos também (a nível nacional) a procurar não apenas refletir, mas a começar a estruturar um programa catequético que possa contribuir para uma proposta de catequese que seja verdadeiramente “com” os adolescentes e que vá ao encontro das linhas estruturantes anteriormente referidas.

Algumas notas podem ser essenciais nesta proposta:

- Fornecer materiais e propostas catequéticas que possibilitem a constituição dos grupos como verdadeiros grupos onde cada um se sinta implicado, com uma saudável noção de pertença;
- Propor percursos que possam levar de verdade ao encontro do querigma e seu do aprofundamento, nomeadamente com o encontro intenso com a Palavra de Deus, centrada no Evangelho;
- Fornecer núcleos temáticos que possam ser trabalhados nos grupos consoante a caminhada que os mesmos vão realizando, e com uma relativa diversidade metodológica que vá ao encontro de diferentes características de cada grupo; estes núcleos temáticos deverão ter em conta a realidade da vida dos adolescentes;
- Favorecer a realização de projetos que levem à inserção na comunidade, onde a fé seja não apenas refletida, mas vivida e celebrada em comum;
- Diversificar as propostas de trabalho com os grupos, explorando os caminhos que podem levar ao encontro com Cristo, nomeadamente a via da beleza (arte, música);

Com os Adolescentes, uma metodologia catequética projetual, participada...

- Propor a realização de projetos escolhidos, enriquecidos, preparados, realizados e avaliados em grupo, onde se podem inserir experiências fortes de oração, celebração, voluntariado, serviço, participação comunitária, intercâmbio;
- Propor a realização de um percurso pessoal, paralelo à caminhada do grupo, em que cada adolescente se sinta pessoalmente implicado na construção de um projeto pessoal de vida e de resposta vocacional;
- Distanciar a catequese de toda uma compreensão de tipo escolar, favorecendo também a vivência dos tempos fortes da liturgia e dos tempos livres para a realização de atividades mais prolongadas (retiros, peregrinações ou outras atividades);
- Proporcionar uma verdadeira escola de oração e de celebração da fé na catequese;
- Diversificar as linguagens a usar, não esquecendo todo o novo mundo das novas tecnologias e da importância do digital na vida dos adolescentes.

3.3. *Discernir: conhecer-se a si mesmo, no encontro com Deus, em Igreja, na realidade social de hoje – vocação: a resposta ao chamamento de Deus*

O Diretório Geral da Catequese, no nº 154, ao falar do papel do catequista, diz que, através do “sábio acompanhamento” que faz do seu catequizando, realiza “um dos serviços mais preciosos da ação catequética: ajuda os destinatários da catequese a discernirem a vocação a que Deus os chama”.

Em todo o caminho catequético, e de modo particular na idade em que os adolescentes são confrontados com a necessidade de darem à sua vida um sentido, a proposta da catequese tem este desafio essencial: ajudar cada um a encontrar-se consigo mesmo, com o Senhor que chama, em Igreja (aberta ao mundo onde é chamada a ser sinal do Reino), para que possa começar a discernir a sua vocação.

Nas circunstâncias atuais, este desafio abre-nos também uma nova questão relativamente à idade até à qual acompanhamos os adolescentes. Mesmo que não prolongue a sua proposta por mais anos, não pode deixar de fazer a ponte para lançar os adolescentes nas dinâmicas juvenis onde possam continuar a fazer um caminho de descoberta vocacional. A catequese

com os adolescentes deve ser vivida numa relação muito próxima da pastoral dos jovens.

3.4. Acompanhamento pessoal, comunitário, na maturidade da comunidade representada no catequista/animador (que dá alma)

Em todo o percurso, um papel particularmente importante é o do catequista. Dizem os Bispos portugueses no documento já citado, especificamente dos catequistas que acompanham os adolescentes: “O catequista seja sobretudo um animador que, em vez de impor e comandar, propõe e orienta. Caminhe com eles, aproveite os seus recursos, necessidades e sonhos. Seja, enfim, convicto nas ideias, firme nas decisões e sobretudo amigo, à maneira de Jesus Cristo de quem é testemunha” (CAEJC, 46).

“Animar” significa essencialmente “dar alma”: o catequista dos adolescentes não tem de ser um grande conhecedor de todas as técnicas, músicas, jogos e dinâmicas, mas essencialmente alguém que ajude a dar alma ao grupo e cada um, naquele que é o seu papel de facilitador da relação dentro do grupo, do grupo com Deus, do grupo com a comunidade cristã.

Na “A Alegria do Evangelho”, o Papa Francisco, ao falar do catequista/evangelizador em geral deixa-nos algumas indicações que é importante não esquecer (Cf. EG, 171-173):

a) Arte de escutar

“Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. (...) Para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa.” (EG, 171)

b) Ser paciente e compreensivo

“Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça são um mistério que ninguém pode

conhecer plenamente a partir do exterior. (...) A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, conseguindo exprimir com plena sinceridade a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer.” (EG, 172)

3.5. Linguagens capazes de incarnar a Palavra (novas linguagens)

A terminar, apenas uma breve reflexão que, de certo modo, é um voltar ao início: a catequese é um serviço à Palavra de Deus, para que ela possa incarnar na história de cada crente que aprofunda a sua fé. A catequese não pode deixar de ser querigmática, de levar ao encontro com a Palavra, e a Palavra feita carne que é o próprio Jesus Cristo.

Neste caminho, buscamos as linguagens que possam hoje dizer o mesmo Deus que de tantas formas se foi revelando até à sua plenitude em Jesus Cristo, e que quer continuar a dizer-se nas linguagens de hoje. A catequese com os adolescentes precisa de encontrar este lugar da Palavra, e as palavras que a exprimam, nas linguagens em que atualmente se possa dizer e compreender a fé.

Mais que respostas concluídas, vamo-nos deixando interrogar para ousar fazer o caminho de sempre, numa linguagem que hoje seja capaz de fazer incarnar a Palavra.

Os Adolescentes, a Catequese e a Jornada Mundial da Juventude

P. TIAGO MIGUEL FIALHO NETO (*)

Introdução

Os adolescentes, a catequese e a Jornada Mundial da Juventude constituem três elementos de um tríptico unitário apenas e somente devido ao anúncio da edição da próxima edição internacional da Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, no ano de 2022, cuja frase bíblica inspiradora é: «*Maria levantou-se e partiu apressadamente*». Equacionar a relação dialética adolescentes e catequese, por um lado, e catequese e Jornada Mundial da Juventude, por outro, é algo óbvio e comum. A associação destes três elementos soa a algo de estranho, pois se, por um lado, o termo catequese é comum tanto aos adolescentes como à Jornada Mundial da Juventude, é-o em sentidos e dimensões contrastantes. Pois dificilmente se equaciona a relação entre as pedagogias catequéticas desenvolvidas nas nossas paróquias e grupos, a catequese com os jovens e o estilo magistral, típico das catequese oficiais das Jornadas. É o fio condutor destes elementos que buscamos, de modo que, apesar das diferenças necessárias, não sintamos que jogamos em campeonatos de diversas divisões e consigamos pensar a educação cristã como um todo. Assim, nem a adolescência ou juventude valem por si, em termos absolutos, mas são etapas de um processo que visa a vida adulta, o ser humano livre e responsável. De facto, um dos problemas da nossa sociedade no geral e da educação da fé, em particular, é alimentar uma vida cristã de “biberão”, uma adolescência e juventude

(*) Sacerdote do Patriarcado de Lisboa. Diretor do Setor da Catequese do Patriarcado e membro do Instituto Diocesano de Formação Cristã. Doutorando em Teologia Pastoral na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa.

estacionadas numa *adulescência* adulterada que perpetua o mito da eterna juventude menorizada e, por isso, incapaz de uma liberdade livre e responsável.

O eixo adolescentes-catequese-jornada mundial da juventude pode ser uma oportunidade para repensar a educação integral dos adolescentes e jovens para a qual concorram todos os intervenientes no processo educativo. Neste texto, começamos por uma referência ao sentido pastoral das Jornadas Mundiais da Juventude, com particular incidência para as suas proposições catequéticas. De seguida, veremos algumas características socio-religiosas dos adolescentes e jovens no mundo de hoje. Finalmente, trataremos da relação entre catequese e Jornada Mundial da Juventude, com uma breve menção ao projeto *Say yes*.

1. As Jornadas Mundiais da Juventude: um acontecimento providencial

As Jornadas Mundiais da Juventude constituem o maior acontecimento da catolicidade da Igreja no mundo contemporâneo. Instituídas pelo Papa São João Paulo II a 20 de dezembro de 1985, elas constituem a resposta da Igreja a uma proposta dos próprios jovens e ao “desejo de lhes oferecer significativos *momentos de pausa* na constante peregrinação da fé”¹. Ao explicar os motivos da criação da Jornada Mundial da Juventude, o Papa refere que “todos os jovens devem sentir-se acompanhados pela Igreja: é por isso que toda a Igreja, em união com o Sucessor de Pedro, se sente mais comprometida, a nível mundial, a favor da juventude, das suas preocupações e pedidos, da sua abertura e esperanças, para corresponder às suas aspirações, comunicando a certeza que é Cristo, a Verdade que é Cristo, o amor que é Cristo”².

As Jornadas Mundiais da Juventude são vistas pelo Papa João Paulo II como “uma forte experiência de fé e de comunhão eclesial”³, cuja finalidade

¹ PAPA JOÃO PAULO II, «Lettera di Giovanni Paolo II al Cardinale Eduardo Francisco Pironio in occasione del seminario di studio sulle giornate mondiali della gioventù promosso a Czestochowa».

² PAPA JOÃO PAULO II, «Allocuzione di Giovanni Paolo II al Collegio dei Cardinali, alla Curia e alla Prelatura Romana per gli auguri natalizi».

³ PAPA JOÃO PAULO II, «Homilia do Papa João Paulo II na santa missa do Domingo de Ramos».

principal é “colocar Jesus Cristo no centro da fé e da vida de cada jovem”⁴. Numa carta escrita, em 1996, por ocasião de um seminário de estudos sobre os dez anos das Jornadas, o Papa refere que estas constituem um itinerário formativo que convida “a fundamentar a vida e a fé sobre a rocha que é Cristo”⁵. Este itinerário constitui-se como uma peregrinação “pelos caminhos do mundo” nos quais a Igreja se vê a si mesma, se interroga a si própria e projeta a sua missão no meio dos homens. Uma peregrinação vista como um “caminho sempre em movimento”, que “constrói pontes de fraternidade e de esperança entre os continentes, os povos e as culturas”⁶, um encontro com jovens de diferentes latitudes, um intercâmbio de experiências e de dons.

Dez anos depois da sua instituição, a experiência das Jornadas comprova-as, sob o ponto de vista pastoral, como “acontecimentos providenciais”. Em primeiro lugar, porque os jovens são desafiados a um aprofundamento da sua fé em Jesus Cristo e a um compromisso evangelizador. Não se opondo à pastoral ordinária com os jovens, mas querendo fortalecê-la, a experiência da Jornada Mundial pretende tornar os jovens “protagonistas de um apostolado que contagie”⁷. A vivência desta forte experiência de fé e de comunhão pretende ajudá-los a “enfrentar as perguntas mais profundas da existência e a assumir, de modo responsável, o seu lugar na sociedade e na comunidade eclesial”⁸.

Em segundo lugar, referindo-se explicitamente aos dias da Jornada, o Papa apresenta-os, globalmente, como uma “forma vasta de catequese, um anúncio do caminho de conversão a Cristo, a partir da experiência e das interrogações mais profundas da vida quotidiana” dos jovens. “A Palavra de Deus é o centro, a reflexão catequética o instrumento, a oração o alimento, a comunicação e o diálogo o estilo”⁹.

⁴ PAPA JOÃO PAULO II, «Lettera di Giovanni Paolo II al Cardinale Eduardo Francisco Pironio in occasione del seminario di studio sulle giornate mondiali della gioventù promosso a Czestochowa».

⁵ *Ibid.*

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*

⁹ *Ibid.*

Em terceiro lugar, destaca a importância pastoral das Jornadas Mundiais para a Igreja no seu conjunto e para a Igreja local que as organiza. Cada Jornada constitui um importante momento de reflexão relativo ao ministério da Igreja entre os jovens. Pastores, educadores da fé, famílias e organizações eclesiais, no seu conjunto, são desafiados a interrogarem-se sobre a forma como se relacionam com os jovens e a fazer da pastoral juvenil uma prioridade da ação pastoral. Por outro lado, a organização de uma Jornada é uma oportunidade para revitalizar as estruturas pastorais de uma diocese ou nação, tanto na sua preparação, como nos dinamismos que surgirem na sua continuidade.

Neste contexto, a óbvia relação entre as Jornadas Mundiais da Juventude e a catequese fez-nos olhar não apenas num sentido sincrónico, mas diacrónico. Constituirá o caminho feito pela Igreja com os jovens um itinerário catequético válido? De que forma pode a próxima Jornada Mundial da Juventude corresponder a um processo de interrogação relativo à nossa prática pastoral com os jovens? De que modo podemos aprender com o processo de preparação e organização de uma Jornada para que dela brotem pistas inovadoras e dinamismos renovados da presença da Igreja junto das novas gerações? São estas as perguntas que nos perseguem, nos inquietam e nos motivam.

2. Múltiplas juventudes

O recente Sínodo dos Bispos sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional colocou em evidência o facto de hoje não nos podermos referir à juventude como um conceito unívoco e universalmente compreensível, mesmo dentro de uma mesma faixa etária ou num contexto cultural equivalente. O sínodo propôs a utilização de juventude no plural, isto é, “juventudes”, expressando com isso a pluralidade dos mundos juvenis¹⁰. O mesmo se diga em relação às realidades do mundo da adolescência. No quadro de um mundo massificado e global, constatamos o que os sociólogos apelidam de “culturas juvenis”, que num sentido geral designa

¹⁰ Cf. SÍNODO DOS BISPOS (XV ASSEMBLEIA-GERAL ORDINÁRIA), «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional (Documento Final)», n. 10, <http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html> [Acedido: 30 dezembro 2018].

um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com seus específicos usos, particulares rituais e eventos, através dos quais a vida adquire um sentido. Esses *significados compartilhados* fazem parte de um conhecimento comum, ordinário, quotidiano¹¹.

Todavia, os sociólogos constataam, nas últimas décadas, a existência de uma passagem da construção de uma *cultura juvenil* por diferenciação face aos modelos e estilos de vida recebidos dos adultos e com carácter intervalar e excecional, a um sentido mais restrito, construído em rutura com o mundo adulto recebido, e abarcando uma totalidade de sentido. Neste sentido circunscrito, por cultura juvenil designa-se “o surgimento de *micro-sociedades juvenis*, com graus significativos de independência das *instituições de adultos*, que fornecem espaço e tempo específicos”¹². As orgânicas destes sub-estratos culturais são, muitas vezes, incompreensíveis sob diversos pontos de vista da organização da sociedade, escapando às formas tradicionais e institucionais.

Parece oportuno, neste âmbito, sob o ponto de vista catequético, olhar as culturas juvenis com base na amostra dos que participam nas Jornadas Mundiais da Juventude. Se é certo que estes jovens se definem como católicos, não só partilham valores e características de diferentes culturas juvenis, como são a amostra de um catolicismo plural e nada homogéneo.

Partindo da ideia de que no mundo contemporâneo a religião se encontra em *movimento*, a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger apresenta as Jornadas Mundiais da Juventude como um laboratório da figura crente do peregrino. Para a autora, a figura do *peregrino*, sendo historicamente mais antiga que a figura do *crente praticante*, ressurgue no contemporâneo para acentuar a vivência da espiritualidade cristã de forma mais livre e não controlada institucionalmente. A macro referência peregrina possibilita uma religião construída pelo sujeito, mais ocasional e fluída, onde a construção de uma narrativa autobiográfica assenta mais na autenticidade pessoal do que numa conformidade institucional¹³. A autora compara as figuras do

¹¹ José MACHADO PAIS, «A construção sociológica da juventude – alguns contributos», *Análise Social* XXV, 105-106 (1990) 139-165, p. 163.

¹² Carles FEIXA – Jordi NOFRE, «Youth cultures», *sociopedia.isa* (2012), p. 1.

¹³ Cf. Charles TAYLOR, *A ética da autenticidade*, Lisboa: Edições 70, 2009.

praticante e do peregrino, fazendo emergir dois modelos opostos de sociabilidade religiosa (Quadro 1) que se distinguem, essencialmente, pelo grau de controlo institucional¹⁴:

Quadro 1. Modelos de sociabilidade religiosa

PRATICANTE	PEREGRINO
Prática obrigatória	Prática voluntária
Prática normalizada pela instituição	Prática autónoma
Prática fixa	Prática moldável
Prática comunitária	Prática individual
Prática territorialmente delimitada (estável)	Prática móvel
Prática repetidora (ordinária)	Prática excecional (extraordinária)

Para a autora, as Jornadas Mundiais da Juventude contribuem para o forjamento de uma prática crente peregrina. Ainda que geridos institucionalmente, cuja cristalização acontece na figura do Papa, participar numa Jornada não significa «reivindicar uma identidade confessional constituída»¹⁵. Elas traduzem e manifestam a exigência de catolicidade própria do cristianismo, manifesta na universalidade e a diversidade de experiências e ofertas espirituais. «Se a fórmula atrai, escreve, é porque oferece a possibilidade de uma participação modulada, cuja intensidade o próprio individuo fixa»¹⁶.

Retomando as perspetivas de Danièle Hervieu-Léger um estudo feito em Itália aos jovens participantes na JMJ de Roma (2000) e de Toronto (2003) caracteriza a religiosidade juvenil como uma *espiritualidade em movimento*¹⁷. A pesquisa identificou quatro «estilos de religiosidade» dos participantes das JMJ: «*in stand by*», «fidelíssimos», «pesquisadores», e «regulares»¹⁸.

¹⁴ Cf. Danièle HERVIEU-LÉGER, *O peregrino e o convertido*, Lisboa: Gradiva 2005, p. 109.

¹⁵ *Ibid.*, 113.

¹⁶ *Ibid.*, 112.

¹⁷ F. GARELLI – R. FERREO CAMOLETTO, *Una spiritualità in movimento. Le giornate mondiali della gioventù da Roma a Toronto*, Padova: EMP 2003. Este livro edita parte do Documento da CEI: F. GARELLI – R. FERREO CAMOLETTO, «Una spiritualità in movimento. Le giornate mondiali della gioventù da Roma a Toronto».

¹⁸ GARELLI – FERREO CAMOLETTO, *Una spiritualità in movimento. Le giornate mondiali della gioventù da Roma a Toronto*, 223-252.

Este estudo comprova que o público das Jornadas Mundiais da Juventude não é um todo homogêneo, constituindo-se mais como um grupo no qual, apesar das diferenciações internas, subsiste o elemento comum de participarem numa Jornada. Em traços gerais, os grupos de diferenciação religiosa caracterizam-se do seguinte modo (Quadro 2):

- 1) Jovens *in stand by* (14,8%)¹⁹. Inserem-se, neste grupo, jovens que não estão inseridos em nenhum grupo eclesial, vivem a sua fé de modo bastante livre, sentem-se distanciados de uma pertença eclesial, são passivos e críticos. No fundo, estão em busca de algo que os leve a tomar uma decisão, ou em vista de uma integração na Igreja ou em direção ao afastamento definitivo. Sentem que pertencem à Igreja por tradição, mas nunca chegaram a entrar nela realmente: estão nas margens e sentados nos muros. Participam nas Jornadas Mundiais da Juventude porque elas correspondem a experiências típicas do que gostam de fazer. A falta de inserção eclesial é o que os distingue dos outros grupos, particularmente dos *fidelíssimos* dos quais se opõem neste campo específico.
- 2) Jovens *fidelíssimos* (37%)²⁰. Opõem-se aos *in stand by*, pelo grau elevado de pertença eclesial. Normalmente, estão ligados às suas comunidades paroquiais ou participam noutros grupos eclesiais nos quais são membros ativos. Estão ligados à Igreja de alma e coração, professando a fé de forma convicta e sentindo-se discípulos autênticos. Vivem de acordo com os princípios morais da Igreja, obedecem ao Magistério, alimentam uma sã relação com os presbíteros, praticam rituais religiosos regularmente, são coerentes nos seus comportamentos diários. Constituem o *núcleo duro* da juventude católica.
- 3) Jovens *pesquisadores* (15%)²¹. Embora participem em grupos eclesiais e vivam a fé de modo ativo e convicto, estes jovens manifestam uma postura crítica e autónoma face aos ensinamentos da Igreja, à atitude dos clérigos e às formas de organização eclesial. Apresentam-se como a uma voz *crítica* e com um ímpeto reformador.

¹⁹ Cf. *Ibid.*, 233-238.

²⁰ Cf. *Ibid.*, 238-242.

²¹ Cf. *Ibid.*, 242-246.

- 4) Jovens *regulares* (32,8%)²². Pertencem a este grupo aqueles jovens que, embora frequentando um grupo paroquial ou eclesial, conservam uma atitude reservada ou passiva face ao universo mais global da Igreja Católica. O seu envolvimento não é entusiástico, não os empenha de especial forma. O motivo basilar da sua participação em grupos é a agregação gerada pelas amizades. Têm um perfil religioso oscilante entre os fidelíssimos e os *in stand by*. É o segundo maior grupo que participa nas Jornadas, muito devido ao facto de desejarem uma experiência mais forte que os marque.

Quadro 2. Grupos de diferenciação religiosa

	In stand by	Fidelíssimos	Pesquisadores	Regulares
Pertença a um grupo	Nula	Praticante	Convicta	Passiva
Vida de fé	Em busca	Crentes	Crentes, mas...	Amizades
Autoridade e moral	Distância	Aceitação plena	Críticos	Reservados
JMJ	Gosta de experiências	Faz todo o sentido	Reforma da Igreja	Vão pelas amizades

A par desta breve caracterização das diferentes juventudes que participam nas Jornadas Mundiais da Juventude será importante, no atual contexto cultural, referir dois fenómenos que estão a revolucionar a forma como os jovens, desde muito cedo, se relacionam com as autoridades, com as formas e instâncias tradicionais de transmissão e que demonstram a sua desadequação aos novos contextos culturais. O primeiro fenómeno é o que tem sido chamado de ética *hacker*, um modo livre de produção de conhecimento e de transmissão do mesmo, no qual todos participamos, de forma geral. Por cultura *hacker* entende-se a proposição de uma ética gratuita, aberta e colaborativa. Dando como exemplo a *Wikipédia*, na qual o trabalho e o conhecimento são partilhados de forma flexível e gratuita, Antonio Spadaro sustenta que o modelo de conhecimento que está subjacente a esta construção do saber se faz em rede, num tecido horizontal e, por isso, diametralmente oposta às formas de conhecimento tradicionais baseadas na hierarquia e na verticalidade²³.

²² Cf. *Ibid.*, 246-250.

²³ «*Hacker* é uma espécie de filosofia de vida, uma atitude existencial, divertida e comprometida, que incentiva a criatividade e partilha-a, opondo-se aos modelos de

O segundo fenómeno é o dos famosos *youtubers* ou fazedores de opinião. Cada vez mais cedo, crianças e adolescentes se tornam seguidores de *youtubers* a quem reconhecem competência e autoridade. Face às anteriores celebridades, estes *youtubers* não são impostos pelos meios de comunicação massivos, nem são determinados por eles. Aparentemente, cada indivíduo pode produzir vídeos, editar conteúdos e propor-se a ser seguido. O primado do anonimato, da iniciativa individual, da sua performance e desempenho, da liberdade para fazer o que quer, proporciona-lhe autoridade para ser reconhecido diante dos outros. Mesmo pertencendo a um nicho cultural, o *youtuber* pode vir a ser reconhecido como uma celebridade da internet²⁴. Certo é que estes influenciadores assumem o seu poder e autoridade, induzindo os seus seguidores a adotar determinados estilos de vida, práticas e comportamentos, não só por via do *mimetismo*, mas da persuasão²⁵.

O fenómeno do *Youtube*, bem como o de outras redes sociais, como o *Instagram*, põem em destaque a capacidade de *fazer por si mesmo*, de *apresentar a própria imagem* ou a imagem do mundo quotidiano ideal que se deseja transformadas em objetos de consumo. Com o convite *Broadcast yourself!* (*Transmite-te!*), o site hoje conta com 1,8 biliões de usuários ativos por mês, atrás somente do *Facebook*, que recentemente anunciou a marca de 2,2 biliões de usuários ativos por mês. Em suma, face às formas do passado, no presente comunicar é fazer *broadcasting*, isto é, dar-se a conhecer, partilhar, gostar, etc.

Este quadro geral desafia-nos a um empenhamento maior no acompanhamento pastoral destas sub-culturas, proporcionando, aos jovens, instrumentos, pessoas e meios adequados. A este propósito, o Papa recorda que o Sínodo nos exortou «à construção de uma pastoral juvenil capaz de

controlo, competição e propriedade privada». António SPADARO, *Ciberteologia: Pensar o Cristianismo na era da Internet*, Lisboa: Paulinas 2013, p. 94. Isto foi possível verificar na forma como os jovens são capazes de pensar em linhas de horizontalidade e em rede num grupo de partilha em que participei recentemente.

²⁴ Cf. Bruna Seibert MOTTA – Maíra BITTENCOURT – Pablo Moreno Fernandes VIANA, «A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia», *E-compós. Brasília* 17, 3 (set./dez 2014) 1-25, p. 11.

²⁵ Veja-se a este propósito o seguinte artigo de opinião: Bárbara WONG, «Quando for grande quero ser youtuber», *Público* (16 janeiro 2018).

criar espaços inclusivos, onde haja lugar para todo o tipo de jovens e onde se manifeste realmente que somos uma Igreja de portas abertas»²⁶. Diz-nos ainda que os caminhos catequéticos não podem ser uniformes e unitários, mas plurais e diversificados. Talvez se pudesse pensar, sob este prisma, não em itinerários por idades, ou simplesmente por grupos linguísticos, mas por graus de pertença eclesial. Tudo isto englobando uma forma de comunicar inovadora e na qual os jovens efetivamente participem. Finalmente, estes dados ajudam-nos a reconhecer, pelo menos em termos potenciais, os contornos de um magistério pastoral ao serviço do nascimento e maturação da fé de uma larga maioria destes jovens.

3. Uma catequese tendo por modelo a JMJ

A relação entre as Jornadas Mundiais da Juventude e a catequese é, como já dissemos, evidente. A catequese faz parte integrante de cada Jornada, tanto na etapa preparatória, como no próprio evento. Todavia, a questão essencial que colocamos prende-se com a exemplaridade do modelo JMJ e a sua contribuição para pensarmos os itinerários catequéticos, particularmente quando os nossos bispos nos convidam a ligar a catequese dos adolescentes à catequese dos jovens²⁷. Com base na experiência das Jornadas Mundiais da Juventude apresentamos oito dimensões que poderão ajudar a configurar o edifício catequético:

1) Olhar os jovens como «lugar teológico». O recente sínodo dos Bispos convidou-nos a reconhecer os jovens como um «lugar teológico», isto é, como um lugar onde Deus fala não apenas aos jovens, mas a toda a Igreja. Esta intuição está presente, desde o início, na atitude do Papa João Paulo II, quando se dispõe a caminhar com os jovens, a olhá-los com ternura e a dizer-lhes que eles são a «esperança» e o futuro da Igreja e da humanidade. Na linguagem do Papa Francisco, os jovens são o «agora de Deus»²⁸. A este respeito, na comunicação ao Sínodo, o Irmão Alois de Taizé pedia-nos que «como Cristo, escutemos os jovens com o coração recordando-nos

²⁶ FRANCISCI PP., «Adhortatio Apostolica Post-Sinodalia (Christus vivit)», *Acta Apostolicae Sedis*, n. 234.

²⁷ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo*, Moscavide: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa 2017, n. 44.

²⁸ FRANCISCI PP., «Adhortatio Apostolica Post-Sinodalia (Christus vivit)», cap. 3.

que Ele já está a agir nas suas vidas – e respeitemos o santuário da sua consciência»²⁹.

2) Proporcionar-lhes encontros significativos. Em primeiro lugar o encontro humano. Cada encontro verdadeiramente humano gera afinidade, companhia e comunhão. Os jovens têm desejo de encontros significativos com pessoas que os marquem e com os quais se identifiquem. Os seus grupos de catequese são chamados a ser autênticas comunidades de caminho e de vida fraterna. Em segundo lugar, a catequese deve propor e favorecer o encontro com Jesus Cristo. O Papa João Paulo II escreveu numa das suas mensagens: «O cristianismo não é uma opinião e não consiste em palavras vãs. O cristianismo é Cristo! É uma Pessoa, é Aquele que vive! Encontrar Jesus, amá-lo e fazer com que Ele seja amado: eis em que consiste a vocação cristã»³⁰. É de suma importância a atitude do educador da fé neste processo. Os jovens apresentam o seu perfil: «ser um cristão fiel comprometido na Igreja e no mundo; uma tensão contínua para a santidade; não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens; responder com gentileza; conhecer-se; saber reconhecer os seus limites; conhecer as alegrias e as tribulações da vida espiritual. Alguém que «não deveria levar os jovens a serem seguidores passivos, mas sim a caminhar ao seu lado, deixando-os ser os protagonistas do seu próprio caminho»³¹.

3) Comunicar abertamente com eles. Comunicar com os adolescentes e jovens implica conhecer os seus ambientes comunicativos, as suas linguagens, interesses e gostos. Neste âmbito é de suma importância a valorização das artes plásticas e da música, do desporto e da natureza. Por outro lado, a autêntica comunicação humana não pode aceitar simplesmente o que são, ou sinta medo de os perder se propuser maior exigência. Educar pressupõe caminhar junto a, mas apontando caminhos para mais, corrigindo rotas, sempre com muita paciência. Muitos jovens encontram-se, hoje, sentados nos muros, encostados às paredes das nossas cidades e aldeias, sem ninguém que lhes anuncie a beleza da vida em Cristo, à espera

²⁹ IRMÃO ALOIS, «Intervenção na Congregação Sinodal do Sínodo dos Bispos: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”», <https://www.taize.fr/pt_article24827.html>.

³⁰ PAPA JOÃO PAULO II, «Mensagem do Papa João Paulo II em preparação para a XVIII jornada mundial da juventude a celebrar no próximo Domingo de Ramos 2003», <https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/youth/documents/hf_jp-ii_mes_20030311_xviii-world-youth-day.html>

³¹ FRANCISCI PP., «Adhortatio Apostolica Post-Sinodalia (Christus vivit)», 264.

de quem os contrate para o Reino, inclusive chamando-os a decidir-se radicalmente por Jesus. Existe hoje a «geração JMJ»³²; por todo o mundo existem casais JMJ, bebês JMJ, Freiras JMJ, Padres JMJ, jovens e adultos JMJ.

4) Acompanhá-los nas situações concretas que vivem. Este talvez seja o maior capital da catequese e da pastoral juvenil. Regularmente, os jovens podem sentir-se acompanhados pela Igreja. Todavia, quantos adolescentes e jovens que participam nas nossas catequese e grupos eclesiais se sentem acompanhados por nós? Não faltará a muitas das nossas comunidades e educadores o *espírito de família* que lhes permita sentir-nos como confiáveis. Numa Igreja sinodal, acompanhar implica tomar a iniciativa, escutá-los, envolvê-los e torná-los connosco protagonistas da comunidade eclesial. Como escreveu D. Joaquim Mendes, fazendo referência ao nº 68 do *Instrumentum Laboris*, «os jovens clamam por uma Igreja *mais relacional e menos institucional*, por uma Igreja *amiga e próxima*, por *uma comunidade eclesial que seja família para todos, onde todos se sintam bem-vindos, cuidados e integrados*»³³. Isto implica que a Igreja ofereça «lugares próprios aos jovens, que eles possam arranjar a seu gosto e onde possam entrar e sair com liberdade»³⁴. Finalmente, torna-se sempre necessário valorizar o papel da família cristã no acompanhamento quotidiano dos adolescentes e jovens. O Papa na Exortação *Cristo Vive* refere não só que a família deve ser o primeiro espaço de acompanhamento, mas também que «a pastoral juvenil e a pastoral familiar tenham uma continuidade natural, trabalhando de maneira coordenada e integrada para poder acompanhar de forma adequada o processo vocacional»³⁵.

5) Pensar a transmissão da fé no contexto de experiência de comunhão universal. A experiência de uma Jornada Mundial da Juventude associa ao dinamismo *traditio – reditio* fatores motivacionais, sensoriais e afetivos que a catequese ordinária não é capaz de oferecer. De um modo geral, tudo o que favorecer a passagem do local ao eclesial alargado

³² Cf. Muolo MIMMO, *Generazione GMG*, Ancora 2016.

³³ D. Joaquim MENDES, «Intervenção na Congregação Sinodal do Sínodo dos Bispos: “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”», <<http://www.pastoraljuvenil.salesianos.pt/index.php/comunicacao/noticias/838-sinodo-2018-intervencao-de-d-joaquim-mendes-sdb>>.

³⁴ FRANCISCI PP., «Adhortatio Apostolica Post-Sinodalia (Christus vivit)», n. 218.

³⁵ *Ibid.*, n. 242.

e universal, em espaços e tempos fortes constitui uma oportunidade para a transmissão da fé. A iniciação cristã tem de permitir uma extensão do tecido eclesial para além do grupo, paróquia ou movimento, etc. Gerar a fé é tarefa de todos, inclusive da totalidade da Igreja Diocesana e Universal. A catequese deve, assim, tender sempre para dois pontos, o local, regular e quotidiano aberto a um segundo, o católico ou universal que engloba a diversidade, as distâncias geográficas, sociais e eclesiais, mas que desafia a uma vivência mais plena da comunhão eclesial³⁶. Recordemos o grande objetivo que nos apresentou São João Paulo II no início deste milénio: «Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão»³⁷.

Pensar a transmissão numa lógica de envolvimento comunitário leva-nos à necessidade de uma mistagogia que proponha experiências de imersão capazes de provocar a interrogação pessoal, a reflexão, a resposta, a busca de mais, a narrativa de si, aceitação da história pessoal, o dizer-se de novo, finalmente, como biografia de Deus. Nesta ótica, como sugere André Fossion, o catequista não é somente testemunha, professor, animador ou acompanhante, mas um *mediador e passador*, isto é, alguém «que mostra e faz ver, faz descobrir um meio, coloca em relação, une as ligações pessoais, favorece a emergência de um sentimento de pertença à comunidade cristã»³⁸. A pedagogia de imersão própria da mistagogia conduz a um aprofundamento da experiência, a uma releitura espiritual do que se fez, a uma descoberta na nova pessoa em que me tornei e, finalmente, a um testemunho pessoal sobre isso.

6) Desenvolver uma apologética da fé centrada no kerigma

A Boa Nova dirigida aos jovens é essencialmente kerigmática. Uma das novidades da Exortação Apostólica *Cristo Vive* face aos documentos sinodais anteriores é, precisamente, o quarto capítulo intitulado «O grande anúncio para todos os jovens»³⁹. Nele, o Papa anuncia a todos os jovens «o mais importante, o principal, aquilo que nunca se deveria calar. É um anúncio que inclui três grandes verdades que todos precisamos de escutar sempre, uma e outra vez»: 1ª) Deus ama-te; 2ª) Cristo, por amor, entregou-se até ao fim

³⁶ Cf. André FOSSION, *Dieu désirable: Proposition de la foi et initiation* (Pédagogie catéchétique), Bruxelles; Montréal: Lumen Vitae; Novalis, 2010, p. 101.

³⁷ IOANNES PAULUS II PP., «Epistula Apostolica (Novo millennio ineunte)», *Acta Apostolicae Sedis* 93, n. 43.

³⁸ FOSSION, *Dieu désirable*, 97.

³⁹ Cf. FRANCISCI PP., «Adhortatio Apostolica Post-Sinodalia (Christus vivit)», n. 111–133.

para te salvar e 3ª) Cristo vive no Espírito que dá a vida. Neste âmbito, as temáticas das Jornadas Mundiais da Juventude constituem um caminho de anúncio do Evangelho aos jovens. Colocam em destaque a centralidade da Palavra de Deus, expressa nos seus diversos lemas, convida à experiência pessoal e comunitária da oração, introduz a simbólica cristã, promove a vivência dos sacramentos, estimula o serviço aos mais pobres e a luta pela justiça. As mensagens apresentam, de um modo global, os seguintes aspetos:

- a) A primazia dada à Palavra de Deus, expressa no tema da mensagem de cada Jornada Mundial;
- b) A defesa da dignidade humana (atenção à juventude, experiência de interculturalidade, injustiça social, atenção aos mais frágeis, etc.);
- c) A centralidade cristológica da Encarnação e do Mistério Pascal (Cruz, Eucaristia, Adoração, Via Sacra, Reconciliação);
- d) O convite ao encontro pessoal com Jesus;
- e) O dinamismo missionário que visa tornar os jovens construtores de uma nova civilização e sementes de esperança para o mundo;
- f) A figura de Maria (ícone), apresentada como modelo de fé e de vida cristã que conduz os jovens a Cristo;
- g) A figura do Papa como mestre da fé e peregrino universal.

7) Propor uma catequese projetual na qual se cresça de forma orgânica e integral. Num primeiro sentido, a palavra *projeto* aparece na Exortação *Cristo Vive* referida a uma forma composta, o *projeto de vida*. O número 137 é uma citação integral do momento final (65) que expressa a relação entre o desenvolvimento da personalidade e as escolhas através das quais se vai definindo o projeto pessoal de vida:

«A juventude, fase do desenvolvimento da personalidade, caracteriza-se por sonhos que vão tomando corpo, por relações que adquirem cada vez mais consistência e equilíbrio, por propósitos e experiências, por escolhas que vão construindo gradualmente um projeto de vida. Neste período da vida, os jovens são chamados a projetar-se para a frente sem cortarem as suas raízes, a construir autonomia, mas não na solidão»⁴⁰.

⁴⁰ Ibid., n. 137.

Em segundo lugar, o Papa Francisco esclarece que o projeto de vida a propor pela catequese deverá ser sempre um projeto «a partir de Cristo»; de um modo particular, a experiência histórica da vida de Jesus de Nazaré, da infância à vida adulta constitui um modelo inspirador da pastoral juvenil. Nada na vida de Jesus deve ser ignorado nos percursos catequéticos de modo a não se criarem projetos isolados da família e do mundo real em que vivem⁴¹. O projeto de vida a partir de Cristo implica a palavra *vocação*, que inclui, num primeiro nível, o chamamento de Deus à vida, à amizade com Ele, à santidade (248). É da descoberta da vida como dom missionário para os outros, que implica aprender a escolher «aquilo que mais agrada ao Senhor» que brota a resposta ao Senhor no matrimónio e no amor conjugal, no sacerdócio, na vida religiosa ou noutras formas de consagração⁴². No discernimento de cada vocação, o mais importante é a descoberta de «que essa vocação é o chamamento de um amigo: Jesus»⁴³.

É neste contexto que o Papa refere que precisamos de projetos que fortaleçam os jovens, «os acompanhem e os lancem ao encontro dos demais, no serviço generoso e na missão»⁴⁴. A ideia de projeto está muito ligada à noção de processo, categoria com a qual interpreta as «tensões bipolares próprias de toda a realidade social»⁴⁵ (tempo-espaço, realidade-ideia, unidade-conflito, todo-parte). Referindo-se, especificamente, à primeira tensão bipolar: «Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais* com *iniciar processos do que possuir espaços*»⁴⁶. Para marcar o quinto aniversário da publicação da Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco lança uma iniciativa

⁴¹ Ibid., n. 30.

⁴² Cf. Ibid., n. 242.253.254.266.276.294.

⁴³ Ibid., 287.

⁴⁴ Ibid., n. 30.

⁴⁵ FRANCISCI PP., «Litterae Encycliclae Laudato Si'», *Acta Apostolicae Sedis*, n. 221.

⁴⁶ Ibid., n. 223. Para o Papa Francisco a realidade não tem apenas um nível, mas compreende-se como um movimento histórico que se desenrola em diversos âmbitos. Para melhor compreender esta perspetiva pode ser útil recuperar a noção de dialética proposta por Bernard Lonergan: «dialética denota uma combinação do concreto, do dinâmico e do contraditório; mas essa combinação pode ser encontrada num diálogo, na história das opiniões filosóficas ou em geral no processo histórico. Com o objetivo de maior precisão, dizemos que uma dialética é um desdobramento concreto de princípios de mudança conectados, mas opostos. Portanto, haverá uma dialética se (1) houver um agregado de eventos de um determinado carácter, (2) os eventos poderem ser atribuídos a um ou aos dois princípios, (3) os princípios serão opostos ainda unidos e (4) são modificados pelas mudanças que deles derivam subsequentemente». Bernard J. F. LONERGAN, *Insight: A Study of Human Understanding*, Philosophical Library 1957, p. 217.

que visa lançar o pacto educativo global. Na sua mensagem para esse encontro, que se realizará a 14 de maio de 2020, estabelece claramente uma relação entre as transformações sociais e a necessidade de lançar processos. Assim caracteriza esta mudança epocal:

Vivemos uma mudança epocal: uma metamorfose não só cultural, mas também antropológica, que gera novas linguagens e descarta, sem discernimento, os paradigmas recebidos da história. A educação é colocada à prova pela rápida aceleração – a chamada *rapidación* –, que prende a existência no turbilhão da velocidade tecnológica e digital, mudando continuamente os pontos de referência⁴⁷.

Esta é uma iniciativa que se entende como o início de um processo num contexto contraditório como o que vivemos atualmente. Para construir este pacto global na e pela educação o Papa refere que são necessárias três coragens: 1) a coragem de colocar no centro a pessoa; 2) a coragem de investir as melhores energias na educação; e 3) a coragem de formar pessoas disponíveis para se colocarem ao serviço da comunidade. Esta caminhada pretende envolver a todos de modo a que se construa «uma *aldeia da educação*, onde, na diversidade, se partilhe o compromisso de gerar uma rede de relações humanas e abertas»⁴⁸. Ora um dos princípios essenciais da *Laudato Si* é a proposta de uma ecologia humana integral para a qual deve tender todo o esforço educativo. A catequese e as demais instâncias educativas da Igreja não se podem pôr de fora deste pacto educativo de modo a fazermos «amadurecer uma nova solidariedade universal e uma sociedade mais acolhedora». Nesta ótica, a encíclica parte do princípio fundamental de que no ser humano tudo está interligado e em inter-relação. A par do relacionamento interior consigo mesma, «a existência humana baseia-se sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra»⁴⁹.

Em relação estreita com a antropologia cristã está o anúncio e aprofundamento do *kerigma* que, através do qual é possível «integrar os saberes da

⁴⁷ PAPA FRANCISCO, «Mensagem do Papa Francisco para o lançamento do pacto educativo», <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2019/documents/papa-francesco_20190912_messaggio-patto-educativo.html>

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ FRANCISCI PP., «Litterae Encycliclae Laudato Si'», n. 66; Cf. 70.

cabeça, do coração e das mãos»⁵⁰. Neste âmbito, a dinâmica projetual propõe a experiência de uma Igreja em saída em direção às periferias do mundo, dado que «o compromisso social e o contacto direto com os pobres continuam a ser uma ocasião fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e discernir a própria vocação»⁵¹.

Neste ponto não houve qualquer referência às Jornadas Mundiais da Juventude, as quais constituem, em si mesmas, um grande projeto da Igreja, mas às quais falta, muitas vezes, a lógica projetual como veremos de seguida.

8) Integrar as Jornadas Mundiais da Juventude na pastoral das nossas comunidades, antes e depois do evento. Este é um ponto crítico na maioria das edições da JMJ. Se bem que se ouve dizer, frequentemente, que é necessário investir no antes e no pós, jornada, muitos sentem que a JMJ é um evento imposto de fora, que não tem em conta as práticas consolidadas no terreno, nem permite iniciar processos de renovação. Em Itália, um dos sacerdotes entrevistados a propósito da Jornada de 2000, utiliza a metáfora do Cavalo de Tróia, como se a Jornada fosse uma espécie de estratégia através da qual a Igreja conseguira penetrar na cidade fortificada do mundo juvenil, mas tendo-se esquecido de trazer os guerreiros escondidos nela. Se é importante olhar para este aspeto, também é necessário olhar pragmaticamente para o evento em si como uma oportunidade para reconstruir uma continuidade, fornecer pistas interpretativas que permitam aos jovens e aos animadores de grupos juvenis *digerir* esta refeição⁵².

Estas pistas para equacionar a catequese dos adolescentes tendo por base inspiradora a Jornada Mundial da Juventude estão na base do Projeto Say yes, aprender a dizer sim, que se insere numa lógica de processo de iniciação pastoral. O seu carácter projetivo e laboratorial corresponde ao princípio processual referido anteriormente. Só em segundo plano, mas não menos importante, se insere numa dinâmica pastoral que integra a Jornada Mundial da Juventude na pastoral quotidiana.

⁵⁰ FRANCISCI PP., «Adhortatio Apostolica Post-Sinodalia (Christus vivit)», n. 222.

⁵¹ Ibid., n. 170.

⁵² Cf. GARELLI – FERREO CAMOLETTO, *Una spiritualità in movimento. Le giornate mondiali della gioventù da Roma a Toronto*, 141-143.

4. O projeto Say yes

O projeto *Say yes*, com o subtítulo *aprender a dizer sim* é uma proposta de catequese com adolescentes, nascida no Patriarcado de Lisboa e motivada pela realização da próxima Jornada Mundial da Juventude, que se assume como um laboratório no sentido de meio gerador da fé, de investigação, de procura de caminhos e não de qualquer tipo de combinação milagrosa ou de manipulação como se conseguíssemos alcançar as soluções para todos os nossos problemas. Para este caso, é válido o axioma «Não há soluções, há caminhos». Este pareceu ser um caminho, entre os muitos possíveis, para propor à Geração JMJ de 2022 um percurso catequético que, tendo como pano de fundo os temas bíblicos das anteriores edições da Jornada Mundial da Juventude, apresentasse algumas linhas inovadoras da catequese com adolescentes decorrentes, de forma particular, de três âmbitos:

- 1) As recomendações do Papa aos Bispos de Portugal na visita *Ad limina Apostolorum* de 2015 que são referidas na Carta Pastoral dos Bispos *Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo*;
- 2) A reflexão catequética sobre a catequese «com» adolescentes protagonizada pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã e o processo em curso de elaboração de um novo programa nacional;
- 3) O Sínodo «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional» que, nos seus múltiplos documentos (Estudo, *Instrumentum Laboris*, Documento Final, Exortação Apostólica *Cristo Vive*) constitui um importantíssimo recurso para pensar a catequese com as novas gerações, para formação dos catequistas e para o anúncio aos adolescentes e jovens.

4.1. Receção das recomendações do Papa

A problemática da iniciação cristã tem sido recorrente nos discursos dos Papas aos Bispos de Portugal. No ano de 2007, por ocasião da visita *ad limina apostolorum*, o Papa Bento XVI apontou como necessária uma revisão dos percursos de iniciação cristã, face ao número crescente de cristãos não praticantes⁵³. No seguimento deste discurso, o Papa, na sua

⁵³ Cf. BENTO XVI, «Discurso do Papa Bento XVI aos Bispos da Conferência Episcopal de Portugal por ocasião da visita “ad limina apostolorum”», <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20071110_bishops-portugal.html>

visita a Portugal em 2010, desejou que se levasse a cabo a tarefa de «oferecer a todos os fiéis uma iniciação cristã exigente e atrativa, comunicadora da integridade da fé e da espiritualidade radicada no Evangelho, formadora de agentes livres no meio da vida pública»⁵⁴.

Diretamente ligado à catequese e aos jovens está o discurso do Papa Francisco aos Bispos de Portugal por ocasião da visita *ad limina*. Nele, reconhece-se um estado geral de «debandada», palavra mais citada de todo o discurso, significando com ela, que «grande número de adolescentes e jovens abandona a prática cristã, depois do sacramento do Crisma». A agravar a situação constata-se um «vazio na oferta paroquial de formação cristã juvenil pós-Crisma»⁵⁵. Da relação óbvia entre estes três discursos depreende-se uma *décalage* que se agrava ano após ano entre as boas intenções, os discursos e os documentos e, ainda, as práticas pastorais a acontecer no terreno. Passada mais de uma década, o que fizemos, que esforços e vontades empreendemos, que processos iniciámos? No espetro mais largo da iniciação cristã, alguns esforços foram feitos tais como: a produção e progressiva atualização dos catecismos da infância, a implementação da Catequese Familiar, o desenvolvimento de alguns projetos de catecumenado de crianças e adultos, o Despertar da fé, etc. No entanto, como estamos a cuidar da adolescência e da juventude? Neste campo, em muito teríamos a colaborar com outros grupos eclesiais que muito nos teriam a ensinar. O certo é que muitas das nossas paróquias não ficaram paradas à espera de diretrizes superiores, não se deixaram paralisar e avançaram, conforme podem e sabem, com os meios e recursos disponíveis, muitas vezes sem ninguém que as acompanhasse. O projeto *Say yes* nasce desta preocupação de querer ver o que está a acontecer, o que está a nascer e, simplesmente, acompanhar.

É sabido que a Carta Pastoral *Catequese: alegria do encontro com Jesus Cristo* procura ser uma resposta às preocupações enunciadas pelo Papa Francisco no discurso mencionado. A palavra-chave deste documento é

⁵⁴ Cf. BENTO XVI, «Encontro com os Bispos de Portugal. Discurso do Papa Bento XVI», <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20100513_vescovi-portogallo.html>. Nestes dois discursos a palavra catequese não aparece e a palavra jovens apenas num deles e de relance.

⁵⁵ PAPA FRANCISCO, «Discurso do Papa aos Bispos Portugueses em visita "ad Limina Apostolorum"», *Lumen* III, 76 (2015).

encontro, particularmente referenciada pelo Papa Bento XVI no primeiro discurso citado⁵⁶. Seguindo uma linguagem preferencialmente bíblica, o texto procura conduzir o leitor ao encontro transformador com Cristo, de modo a que torne mais evidente «encontrar Jesus no testemunho de vida do catequista»⁵⁷. No que à catequese com adolescentes se refere, o documento, depois de apresentar algumas características genéricas sobre a adolescência, propõe que se ligue a catequese dos adolescentes à dos jovens, que se tenha em conta a dimensão vocacional e se valorize a vida em grupo de fé⁵⁸. A este nível, está o Secretariado Nacional da Educação Cristã empenhado em apresentar um novo programa de catequese com adolescentes no ano de 2022.

4.2. O Sínodo dos Bispos «com» os jovens

O Sínodo «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional» sublinhou a absoluta «necessidade de desenvolver processos pastorais completos, que, desde a infância, levem à vida adulta e insiram na comunidade cristã»⁵⁹. Considera, por isso, «urgente repensar a fundo a catequese e a ligação entre transmissão familiar e comunitária da fé, tendo presente os processos pessoais de acompanhamento»⁶⁰. Catequese, família, comunidade e acompanhamento pessoal são vistas como colaborantes, em relação, de modo a poderem contribuir para um todo homogéneo. Aqui reside um desafio muito concreto à educação cristã para não criar compartimentos estanques,

⁵⁶ O Papa escreve: «Vemos assim – como escrevi na primeira Encíclica – que, «ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa [Jesus Cristo] que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo» (*Deus caritas est*, 1); a evangelização da pessoa e das comunidades humanas depende, absolutamente, da existência ou não deste encontro com Jesus Cristo.

Sabemos que o primeiro encontro pode revestir-se duma pluralidade de formas, como o demonstram inúmeras vidas de Santos (a apresentação destas faz parte da evangelização, que deve ser acompanhada por modelos de pensamento e de conduta), mas a iniciação cristã da pessoa passa, normalmente, pela Igreja: a presente economia divina da salvação requer a Igreja». BENTO XVI, «Discurso do Papa Bento XVI aos Bispos da Conferência Episcopal de Portugal por ocasião da visita “ad limina apostolorum”».

⁵⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo*, n. 2.

⁵⁸ Cf. *Ibid.*, n. 44–46.

⁵⁹ SÍNODO DOS BISPOS (XV ASSEMBLEIA-GERAL ORDINÁRIA), «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional (Documento Final)», n. 16.

⁶⁰ *Ibid.*, n. 19.

mas a ser, segundo a imagem proposta pelo Papa Francisco, escola de autênticas «aldeias educativas». Ainda neste âmbito, e porque vivemos numa mudança de época em que «o tempo é superior ao espaço», o Papa diz-nos que «é preciso suscitar e acompanhar processos, não impor trajetos»⁶¹.

Isto não significa, porém, que não tenhamos responsabilidade em propor projetos formativos aos adolescentes e jovens. Estes projetos, além de incluírem uma necessária formação doutrinal e moral, deverão centrar-se em dois grandes eixos: 1) o aprofundamento do *kerygma*, a experiência fundante do encontro com Deus através de Cristo morto e ressuscitado e 2) o crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço⁶². A seu modo e com muitos limites, o projeto *Say yes* procura desenvolver uma metodologia que tenha em conta estas dimensões.

Tendo por base o método ver, julgar e agir, segue estes momentos do processo evangelizador com base nos verbos reconhecer, interpretar, escolher e festejar. Trata-se da metodologia essencial do itinerário catequético (Experiência humana, Palavra de Deus e Expressão de fé), mas dando maior relevância ao processo de crescimento de cada pessoa e do grupo em si em vista de um êxodo, de uma saída de si mesmos em prol dos outros. Procura uma pedagogia projetual na qual se dá particular atenção ao projeto pessoal de vida e ao caminho de discernimento da própria vocação como resposta ao chamamento de Deus. Neste âmbito, esta pedagogia propõe que os adolescentes se sintam envolvidos e responsabilizados por projetos concretos de serviço, de missão e de crescimento em grupo. Pretende, também, que se encontrem novos espaços e ambientes mais adequados à catequese e um tipo de relação mais *natural* com a comunidade cristã.

⁶¹ FRANCISCI PP., «Adhortatio Apostolica Post-Sinodalia (Christus vivit)», 297.

⁶² Cf. *Ibid.*, n. 213. Sobre a dimensão *kerygma* o texto explicita ainda mais: «Insisti muito sobre isto em *Evangelii gaudium*, e creio que é oportuno recordá-lo. Por um lado, seria um grave erro pensar que na pastoral juvenil o *kerygma* é abandonado em prol de uma formação supostamente mais *sólida*. Nada há mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais denso e mais sábio do que esse anúncio. Toda a formação cristã é, sobretudo, o aprofundamento do *kerygma*, que se vai fazendo carne cada vez mais e melhor. Por conseguinte, a pastoral juvenil deve sempre incluir momentos que ajudem a renovar e a aprofundar a experiência pessoal do amor de Deus e de Jesus Cristo vivo. Fá-lo-á com diversos recursos: testemunhos, canções, momentos de adoração, espaços de reflexão espiritual com a Sagrada Escritura e até com diversos estímulos através das redes sociais. No entanto, nunca se deve substituir esta experiência gozosa do encontro com o Senhor por uma espécie de *doutrinação*». *Ibid.*, n. 214.

Neste processo, os catequistas são vistos como colaboradores numa equipa alargada de pesquisadores à procura de caminhos. Propõe-se, por isso, uma metodologia formativa regular que inclua os contributos vindos das experiências feitas no terreno. A este nível, a introdução geral ao Diário de Bordo do Catequista aponta três aspetos essenciais para a renovação da catequese: que os catequistas vivam a experiência de ser acompanhados, façam do percurso catequético proposto aos adolescentes o seu próprio caminho de fé e trabalhem em equipa. Reafirmando que os catequistas e catequizandos pertencem ao nós, ao sujeito coletivo da Igreja, o projeto *Say yes* procura despertar a vocação sinodal de todo o povo de Deus, através da escuta e do diálogo, de modo a favorecer um discernimento comunitário e um consenso o mais alargado possível⁶³.

Finalmente, *Say yes* é uma proposta pastoral de caráter facultativo que procura contribuir para a renovação da catequese com adolescentes na Igreja portuguesa. Tem, por isso, um caráter experimental e limitado no tempo. Sendo um laboratório de inovação catequética enriquecerá, certamente, o programa de catequese com adolescentes, em preparação.

Conclusão

Na continuidade da JMJ do Panamá, que teve como lema «Eis a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1,38), e com caminho pós-sinodal, *Say yes: aprender a dizer sim* procura ser eco do convite do Santo Padre aos jovens: «Não ignoreis a voz de Deus, que vos impele a levantar-vos e a seguir os caminhos que Ele preparou para vós. Como Maria e juntamente com Ela, sede todos os dias portadores da sua alegria e do seu amor»⁶⁴. Este não é, certamente, momento de concluir, mas de iniciar e de semear. É o que temos feito, com todas as pessoas que fazem parte da equipa *Say yes!* Sentimos que ao grande dom da JMJ só se pode responder

⁶³ Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa*, nº 55;72; P. CODA – R. REPOLE (Orgs.), *La sinodalità nella vita e nella missione della Chiesa. Commento a più voci al documento della Commissione Teologica Internazionale*, Bologna, EDB, 2019.

⁶⁴ PAPA FRANCISCO, «Discurso do Papa Francisco aos participantes no fórum internacional dos jovens», <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190622_giovani.html>.

com uma grande responsabilidade. Por isso, diante do chamamento do Senhor, também nós dissemos *sim* e pusemos mãos à obra. Trata-se de um projeto, um esboço, não uma obra acabada, nem devidamente amadurecida. Os seus frutos maduros não estão no *sinai*-evento da JMJ, mas no caminho que virá depois. O mundo será diferente, os jovens e a Igreja também. Nesse futuro, sabendo que a «sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milénio»⁶⁵, certamente a Igreja e os jovens caminharão juntos. Se, porventura, os jovens chegarem mais cedo ao sepulcro, como João, tenham a paciência de esperar por Pedro (cf. Jo 20, 1-10).

⁶⁵ PAPA FRANCISCO, *Discorso in occasione della Commemorazione del 50.mo anniversario dell'Istituzione del Sinodo dei Vescovi*, in *Acta Apostolicae Sedis*, vol. 107, Vatican, Libreria Editrici Vaticana, 2015, 1139.

Pensar a Catequese a partir da Família

P. VASCO ANTÓNIO DA CRUZ GONÇALVES (*)

Vivemos não só numa época de mudança, mas também numa mudança de época. A Igreja é desafiada a assumir uma atitude de saída, abandonando esquemas que já não respondem à sua missão evangelizadora e que não permitem ir ao encontro. Nesta, a catequese só será fiel à sua vocação e missão saindo e ousando novos caminhos, o que não é fácil, sobretudo quando a catequese, que nos trouxe até ao presente, está bem estruturada, ao cabo de muito esforço e dedicação. Porém, «mudança» é a palavra-chave que nos interpela e provoca a pormo-nos a caminho. Nesta aventura, pensar a catequese «COM Adolescentes»¹ talvez seja o maior de todos os desafios.

A pergunta sobre se o modelo de «Catequese Familiar» será eficaz na adolescência, leva-nos a uma reflexão mais profunda, trazendo a família, que tantas vezes é ignorada e marginalizada, para o centro da reflexão catequética, valorizando o seu papel de sujeito insubstituível no processo catequético.

(*) Sacerdote da Diocese de Viana do Castelo. Doutor em Catequética, Universidade Lateranense, Roma, com tese sobre Catequese Familiar. Chefe de Gabinete do Bispo de Viana do Castelo; Vigário Episcopal para a Doutrina da Fé e Catequese, Diretor do Secretariado da Catequese.

¹ Usamos a terminologia “COM Adolescentes” quando nos referimos ao presente processo, coordenado pelo SNEC – Secretariado Nacional da Educação Cristã, de reflexão e elaboração de um novo modelo de catequese com adolescentes, uma vez que o modelo usado já não responde. COM Adolescentes, para além dos conteúdos, quer valorizar uma lógica que parte do protagonismo do adolescente e do seu grupo, das suas vivências, em que o catequista, a família e a comunidade aprendem a sabedoria do acompanhamento.

1. Catequese Familiar, também Com Adolescentes?

Antes de responder à pergunta que nos foi colocada, convém esclarecer o que entendemos por «Catequese Familiar» e «COM Adolescentes».

1.1. Catequese Familiar

Nove anos após o início da implementação do modelo de Catequese Familiar no nosso país, as experiências revelam-se fecundas e promissoras. Algumas paróquias abandonaram, até ao sexto ano, a chamada catequese das crianças e abraçaram uma catequese com as famílias e já não veem o caminho de retorno. Neste momento, uma pergunta latente é se a Catequese Familiar é possível na idade da adolescência, do sétimo ao décimo ano de catequese. A pergunta é sobre o modelo concreto de catequese com a família que propomos e procuramos implementar, e não de outras latitudes que o termo «catequese familiar»² atinge.

A Catequese Familiar expressa a preocupação em envolver os pais na catequese das crianças e catequizar os membros constituintes da família: os filhos e os pais. Porque abandona o modelo escolar de catequese, este modelo de catequese vem responder à realidade da catequese da infância, diagnosticada como ineficaz para iniciar na fé; está centrada em vários contextos, sobretudo na família (ajudando-a a ser Igreja doméstica) e na Comunidade (família de famílias, valorizando a Eucaristia no dia do Senhor); recupera o papel imprescindível da família na transmissão da fé.

Neste modelo, desenvolve-se uma catequese *com* a família e *na* família: *com* a família, porque não só ajudamos os filhos a iniciar na fé, mas também os pais a iniciar, a completar a iniciação ou a aprofundar a sua fé; *na* família, porque, em todo este processo, a família vai ganhando consciência de que é Igreja doméstica e procura viver como tal.

A Catequese Familiar procura atingir três frentes: catequese *com os filhos*; catequese de adultos *com os pais*; e o *diálogo em família*, onde, no coração da família, se dá transmissão da fé, os pais aos filhos e os filhos aos pais – constrói-se a Igreja doméstica!

² Usamos a terminologia “Catequese Familiar” sempre que nos referirmos ao modelo de catequese proposto pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã (SNEC).

Esta preocupação foi sublinhada pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Lætitia*, pois trata-se de “valorizar os casais, as mães e os pais, como sujeitos ativos da catequese. De grande ajuda é a catequese familiar, enquanto método eficaz para formar os pais jovens e torná-los conscientes da sua missão como evangelizadores da sua própria família”³.

Há uma distância abismal entre a afirmação do Magistério da Igreja e de tantos que ainda acreditam na família – *a família é indispensável e insubstituível na catequese* – e a interrogação, no contexto atual, que tantos agentes da pastoral formulam – *será que a família ainda é capaz de educar na fé?*

Os testemunhos, por parte de pais, crianças e catequistas, envolvidos nas experiências concretas de Catequese Familiar, revelam-nos que este modelo permite que a família simultaneamente seja objeto e sujeito da catequese, através de uma aproximação e cumplicidade com a comunidade cristã. Os testemunhos reforçam as palavras do Papa Francisco: «a transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de O procurar, de precisar d’Ele»⁴.

1.2. COM Adolescentes

A catequese COM Adolescentes é, sem dúvida, um desafio gigantesco que se coloca à catequese em Portugal, provocando-a a abandonar a segurança de esquemas definidos para sair e percorrer novos caminhos, onde a criatividade é essencial.

O adolescente e o seu grupo, protagonista da caminhada, interage com a comunidade cristã que acolhe e acompanha. Porém, não trazer a família para a catequese com adolescentes poderia ser uma lacuna insuperável. Espontaneamente, o modelo de Catequese Familiar já não responde COM Adolescentes, uma vez que estes desejam libertar-se da tutela familiar e valorizam o grupo e o seu próprio protagonismo. Porém, a pergunta *Catequese Familiar, também com Adolescentes?* suscita uma reflexão mais ampla sobre a necessidade de trazer a família para o centro de toda a catequese, o que é conatural, mas que ao longo da tradição da Igreja se foi perdendo.

³ Francisco, Exortação Apostólica *Amoris Lætitia*, 287. Usaremos a sigla AL.

⁴ *Ibidem*, 224.

Sublinhamos três critérios fundamentais para, no futuro, pensarmos a catequese a partir da família: reavaliar a perspetiva sobre o papel da família na transmissão da fé, no processo catequético (objeto e sujeito); a centralidade da família ajuda-nos a inverter a perspetiva da catequese, a sua lógica; a catequese COM Adolescentes deve pressupor e envolver a família. Propomos uma conversão, um novo olhar sobre a catequese, uma saída.

2. Reavaliar a perspetiva: a Família no centro

A transmissão da fé na família é tão antiga como o Povo de Deus, não sendo algo novo. Se percorrêssemos inúmeros textos bíblicos⁵ e documentos do Magistério da Igreja⁶ compreenderíamos que é urgente recuperar algo fundamental na transmissão da fé e que, sobretudo a partir do Concílio de Trento, foi caindo no esquecimento de uns e no desinteresse de outros: a catequese em família. A catequese das crianças e adolescentes a cargo da comunidade levou à gradual renúncia dos pais, missão que tinham desempenhado, bem ou mal, desde sempre.

Podemos considerar que a realidade catequética atual, em crise, na qual a catequese acontece fora das casas, é recente na história da Igreja, contrapondo-se a toda uma história em que os pais ensinavam os seus filhos com o exemplo e a instrução em casa, sempre com o apoio da comunidade. Nos tempos modernos, a família foi deixando quase por completo de proporcionar um contexto necessário para a vivência da fé e, a partir daí, os

⁵ Dt 4, 9-10; 6, 4-9; 32, 7; Ex 10, 2; 12, 14 s.; 13, 14-16; Sal 22, 31; Sal 44, 2; Sal 145; 4 Sir 30, 1-13; 1 Rs 8, 38; Dn 6, 11; Prov 13, 24; Act 2, 46; 5, 42; 11, 13; 16, 15; 18, 8; Rom 16, 3-5; 1 Cor 16, 19; 2 Tm 1, 5 e 16; 4, 19; Ef 6, 1-4.

⁶ LG 11: a família é como Igreja doméstica; AA 11; 30: a família, escola de amor; GS 48; 50; 52, 61; CD 14: temos a obrigação de oferecer os meios para a sua formação; OT 2; DH 5; GE 3, EN 44; CT 43); CT 68; RH 19; FC 2: «A família cristã, de facto, é a primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, através da catequese e educação progressivas, à plenitude da maturidade humana e cristã. (...) Na verdade, enquanto comunidade educativa, a família deve ajudar o homem a discernir a própria vocação e a assumir o empenho necessário para maior justiça, formando-o, desde o início da sua existência, para relações interpessoais, ricas de justiça e de amor»; *Código de Direito Canónico*, 226.2; 774.2: «Antes de todos, os pais têm a obrigação de, com a palavra e o exemplo, formar os filhos na fé e na prática da vida cristã»; *ib.*, 776: o pároco deve promover e fomentar o dever dos pais na catequese familiar; cf. *ib.*, 793; 796.1; 797, 798; 799; 800; 1136; DGC 255.

pais levam os filhos à catequese, sendo cada vez maior o número de pais que delega única e exclusivamente na paróquia a formação na fé de seus filhos.

É fundamental apostar na conversão pastoral não só das famílias, mas também dos agentes da pastoral catequética, mudar a mentalidade. Não se trata de ensinar uma doutrina, mas de ajudar a iniciar na fé cristã, proporcionando o encontro com Cristo, viver no Seu amor e falar d'Ele aos outros. Tudo isto implica fazer a aprendizagem de um modo de vida na perspectiva do Evangelho.

A influência das famílias na educação dos seus filhos é indiscutível e transforma-se num fator determinante para a sua formação, pois os valores e estilo de vida vividos pela família são decisivos. Neste sentido, é unânime a constatação de que uma hora por semana de catequese não poderá competir com o resto da vida das crianças e adolescentes. É aqui que entra a absoluta necessidade e urgência de ajudar as famílias, sobretudo os pais, a viver a sua experiência de fé, porque só desta forma poderão contribuir, em grande parte, para a formação dos seus filhos. E, assim, a família poderá transformar-se no lugar «natural» e de base, ponto de apoio, para um verdadeiro crescimento na fé.

Perante os ventos da secularização, a Igreja, uma vez «escorraçada» de todos os ambientes ou em vias de o ser, só lhe resta um caminho para formar os seus filhos, sendo tal caminho apontado pelo Papa S. João Paulo II na *Familiaris Consortio*: a catequese familiar⁷. A família é o lugar privilegiado para o crescimento da fé:

«A família como “lugar” de catequese tem uma prerrogativa única: transmite o Evangelho, integrando-o no contexto de profundos valores humanos. Com esta base humana, é mais profunda a iniciação na vida cristã: o despertar para o sentido de Deus, os primeiros passos na oração, a educação da consciência moral e a formação do sentido cristão do amor humano, concebido como reflexo do amor de Deus Criador e Pai. Em resumo: trata-se de uma educação cristã mais testemunhada do que ensinada, mais ocasional do que sistemática, mais permanente e quotidiana do que estruturada em períodos»⁸.

⁷ Cf. João Paulo II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, 52. Usaremos a sigla FC.

⁸ *Diretório Geral da Catequese* 255. Usaremos a sigla DGC.

A família deve estar no centro da missão evangelizadora da Igreja e, naturalmente, também da catequese. Ela é destinatária privilegiada (objeto) e, simultaneamente, protagonista (sujeito) da evangelização. Ainda temos na nossa mente e no coração, o eco de expressões poderosas como: «Família torna-te aquilo que és»⁹ e «A futura evangelização depende, em grande parte, da Igreja doméstica»¹⁰. Será isto verdade?

2.1. A família é objeto fundamental da catequese

Segundo os textos do Magistério, a família é apresentada como *objeto*, isto é, *destinatária privilegiada da transmissão da fé*. Basta recuarmos ao Pontificado de S. João Paulo II, não indo aos primórdios e à tradição da Igreja, e verificamos que a família está no centro da atenção evangelizadora da Igreja e que esse mesmo Pontífice a definiu como o «caminho da Igreja». Ação sublinhada pelos Papas Bento XVI e Francisco, este com a exortação apostólica sobre a força do amor na família (*Amoris Lætitia*), sublinhando a particular necessidade que a família tem de ser evangelizada e apoiada, pois é um bem necessário e insubstituível: «Não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projetos pastorais; para que as famílias possam ser sujeitos cada vez mais ativos da pastoral familiar, requer-se “um esforço evangelizador e catequético dirigido à família”»¹¹.

A experiência pastoral também revela uma série de iniciativas que têm a família como objeto, várias delas elencadas pelo Papa Francisco no cap. 6 da *Amoris Lætitia*: preparação para o matrimónio, acompanhamento dos *casais* jovens, preparação dos pais para o *batismo dos filhos*, envolvimento dos pais na catequese das crianças e adolescentes, modelos de espiritualidade *conjugal e familiar*, iluminação e acompanhamento de crises, angústias, dificuldades e momentos em que a morte crava o seu aghião.

Basta uma análise superficial da realidade eclesial para nos apercebermos facilmente de que os documentos do Magistério e a experiência pastoral vão dando as mãos, embora a ação concreta exija muito mais criatividade e empenho.

⁹ FC, 17.

¹⁰ *Ibidem* 52.

¹¹ AL 200.

2.2. A família é também sujeito indispensável e insubstituível

A família cristã constitui um recurso decisivo para a transmissão da fé. Por isso, não só é objeto, mas também sujeito, tal como afirmou S. João Paulo II:

«A família é o objeto fundamental da evangelização e da catequese da Igreja, mas é também o seu indispensável e insubstituível sujeito: o sujeito criativo.

Neste sentido, para ser este sujeito, não só para perseverar na Igreja e atingir as suas fontes, mas também para constituir a Igreja na sua dimensão fundamental, como uma “igreja em miniatura” (Igreja doméstica), a família deve, particularmente, estar consciente da missão da Igreja e da própria participação nesta missão»¹².

Os documentos do Magistério, fiéis à tradição da Igreja, afirmam que a família é sujeito indispensável e insubstituível¹³. Se não o é, deveria sê-lo. É o primeiro âmbito do crescimento na fé. O Concílio Vaticano II enfatiza o título de «Igreja doméstica»¹⁴ e sublinha o papel dos pais na educação dos filhos e afirma que os pais são os primeiros e principais educadores¹⁵, porque a família «deve ser um espaço onde o Evangelho é transmitido e desde onde este se irradia»¹⁶.

O *Diretório Geral da Catequese* afirma que a família é um “lugar” de catequese e possui uma “prerrogativa única”, isto é, a família é o contexto privilegiado, porque «transmite o evangelho enraizando-o no contexto de profundos valores humanos»¹⁷. Outros documentos eclesiais refletem este desejo do *Diretório* como, por exemplo, a declaração dos bispos do Quebec: «os pais iniciam os seus filhos no mundo da fé através da sua arte de vida,

¹² JOÃO PAULO II, *Omelia alla Messa di apertura del V Sinodo dei Vescovi sui compiti della famiglia cristiana nel mondo contemporaneo, 26 settembre 1980*, in «Insegnamenti di Giovanni Paolo II», III/2 (1980), pp. 734-742.

¹³ Cf. CT 68.

¹⁴ LG 11; AA 11, sublinhado posteriormente por outros documentos: DGC 255, FC 49, AL 15, 67, 86, 227, 292, 318, 324.

¹⁵ GE 3, posteriormente DGC 226 e 255, AL 287-290.

¹⁶ Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, 71.

¹⁷ DGC 255.

pelos valores que transmitem, pela dimensão humana que impregna as suas ações e por algumas práticas de aprendizagem»¹⁸.

Os bispos portugueses, no documento sobre *A família, esperança da Igreja no mundo*, reforçam a doutrina do Papa S. João Paulo II, ao considerarem a família como «espaço privilegiado de encontro com o amor, o primeiro lugar onde os filhos aprendem e interiorizam os valores perenes»¹⁹.

Podíamos percorrer inúmeras páginas do Magistério que insistem e persistem neste papel da família enquanto destinatária e responsável pela evangelização, isto é, a sua centralidade no processo pastoral. Porém, se olharmos a realidade das nossas famílias, a *perspetiva dos documentos é irrelevante* do ponto de vista pastoral, porque aponta um ideal desejável, mas não concretizável. O crescente clima cultural de secularização da sociedade, a chamada crise da família, o afastamento ou alheamento da vivência cristã de grande parte das nossas famílias, torna cada vez mais difícil a transmissão da fé em família.

2.3. O que fez a Comunidade Cristã (paróquia)?

Perante o contexto atual de secularização e crise da família, a comunidade cristã, na maioria dos casos correspondendo à comunidade paroquial, convenceu-se de que «a família já não é capaz de educar na fé, assumiu-se, cada vez mais, o sujeito e o lugar privilegiado para o crescimento na fé, substituindo, de alguma forma, a família»²⁰. Os agentes da pastoral catequética,

¹⁸ Assemblée des évêques du Québec, *Jésus Christ, chemin d'humanisation. Orientations pour la formation à la vie chrétienne*. Montreal – Paris, ed. Médiaspaul, 2004, p. 86.

¹⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *A família, esperança da Igreja no mundo* in Conferência Episcopal Portuguesa, *Documentos Pastorais*, vol. VI, n. 54, p. 209: «A família é o espaço privilegiado de encontro com o amor, o primeiro lugar onde os filhos aprendem e interiorizam os valores perenes. É na família que eles, confrontados com o amor fiel e comprometido dos pais, descobrem o significado do dom generoso da própria vida, da partilha, do serviço, do diálogo, do perdão, da tolerância, da compreensão; é no ambiente familiar que eles, educados pela sensibilidade dos pais, aprendem a escutar e a interiorizar a Palavra de Deus e a responder com generosidade aos desafios de Deus; é na "Igreja doméstica" que eles, educados pela piedade dos pais, aprendem a importância da oração e da confiança incondicional no amor providente de Deus; é no enquadramento familiar que eles, despertados pela fé e pelo compromisso eclesial dos pais, tomam consciência da sua fé, do seu batismo, da sua pertença à Igreja e da sua missão no mundo».

²⁰ S. Currò, *O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese. Começar a partir da família?*, Pastoral Catequética 39-40, p. 23.

párocos e catequistas, sendo o rosto da comunidade cristã, interpelam e desafiam a família para uma ação corresponsável na catequese, mas não deixam de ser eles o centro; querem envolver a família, mas são eles que assumem o controle e a coordenação da iniciativa; provocam e exigem da família, depois de a terem colocado em segundo plano. Na prática, a comunidade cristã coloca-se no centro e como o primeiro e quase único sujeito da catequese, retirando esse privilégio à «Igreja doméstica», mesmo sendo esta parte integrante da comunidade cristã.

Os próprios documentos sublinham a família como «Igreja doméstica» e como primeiro sujeito da educação da fé e na fé, mas de uma forma ideal e isolada, uma vez que não apresentam implicações pastorais que ajudem a repensar a atenção pastoral para com a família, colocando-a no centro. Visto assim, até dá impressão que os documentos sublinham o papel da família, mas numa espécie de dívida a pagar às origens domésticas da Igreja²¹.

Sem dúvida que, perante o contexto atual cada vez mais secularizado, é crescente a sensação e a convicção de que a família já não é capaz de educar na fé, apesar dos documentos do Magistério afirmarem que a sua ação evangelizadora é insubstituível e é um fator de renovação para a própria Igreja. Este abismo, entre a visão do Magistério e a prática eclesial, faz surgir questões pertinentes que nos interpelam a sair, a pormo-nos a caminho e procurar outra lógica. Eis algumas, a partir das elencadas por Salvatore Currò²²:

- Se a família é o lugar por excelência para a transmissão da fé, porque motivo se deslocou esta excelência para a comunidade cristã?
- Por que continuamos a privilegiar a comunidade cristã no processo de transmissão da fé?
- A comunidade cristã é mais saudável do que a família?
- Valorizar a família como sujeito primeiro e insubstituível na educação da fé, não poderia tornar-se critério para a renovação da catequese?
- Partir da família, não será privilegiar uma perspetiva de renovação da comunidade eclesial e, nela, da própria catequese?

²¹ Cf. *Ibidem*.

²² *Ibidem*, pp. 23-24.

Eis o grande desafio que se coloca à catequese: a comunidade cristã não deve anular, mas dar apoio à missão educativa da família. Assim o reafirma o Papa Francisco: «para tornar eficaz o prolongamento da paternidade e da maternidade para uma realidade mais ampla, “as comunidades cristãs são chamadas a dar o seu apoio à missão educativa das famílias”, particularmente através de uma catequese de iniciação»²³.

3. A Família é o lugar por excelência, espaço vital e dos afetos

A família continua a ser, para todos e cada um de nós, o lugar por excelência, o espaço vital e dos afetos: é o «lugar» onde todos passamos, a encruzilhada que ninguém evita. A experiência familiar mantém-nos ligados à terra, nela somos tal e qual nós próprios e nela estão os alicerces vitais de cada um, porque é a «primeira escola dos valores humanos»²⁴. A família, com as suas dificuldades e fragilidades, edifica-se sobre a rocha do amor, e é santuário de vida e amor²⁵. Em família, aprende-se a confiar porque se ama, mesmo sem compreender.

No coração da família, o Evangelho não é proposto como algo que vem de fora para dar sentido à vida, mas como chave capaz de ajudar a interpretar a própria vida. Na *Amoris Lætitia*, o Papa Francisco sublinha que «a família torna-se sujeito da ação pastoral, através do anúncio explícito do Evangelho e do legado de múltiplas formas de testemunho, nomeadamente a solidariedade com os pobres, a abertura à diversidade das pessoas, a salvaguarda da criação, a solidariedade moral e material para com as outras famílias, especialmente para com as mais necessitadas, o empenho na promoção do bem comum, inclusive através da transformação das estruturas sociais injustas, a partir do território onde vive a família, praticando obras corporais e espirituais de misericórdia»²⁶.

Em casa, cresce-se numa visão cristã da vida, através de métodos e finalidades diferentes dos da catequese oferecida na paróquia: a aventura da fé é imediata, ligada à vida e às experiências concretas, de que é rica a relação familiar entre pais e filhos; é ocasional, mas não menos eficaz;

²³ AL 279.

²⁴ AL 274, cf. DCG 255.

²⁵ Cf. FC 11.

²⁶ AL 290.

é profunda e envolve, é participada por todos os membros num clima de escuta e diálogo interpessoal.

3.1. Compreender o outro sentido da Catequese

A experiência familiar, marcada por uma realidade concreta, ajuda-nos a compreender o outro sentido da catequese: não partir da exposição de conteúdos, embora necessária, mas da vida.

A renovação da catequese que foi acontecendo entre nós permaneceu no registo da compreensão. Aquilo a que chamamos o «modelo escolar» de catequese: uma compreensão dos conteúdos, inicialmente mais doutrinal e, posteriormente, mais bíblica, mas insistindo na primazia da compreensão. Nessa lógica, o Evangelho é entendido como algo que vem de fora para orientar a nossa vida. E esta ainda é, sem dúvida, a prática vigente.

Na intimidade da família é maior a dimensão afetiva que a cognitiva, embora esta não esteja excluída. A fé e o seu sentido «acontece no coração da vida. A fé cresce, fortalece-se, purifica-se, torna-se verdadeira, enquanto cresce na verdade da vida: enquanto amamos, enquanto somos responsáveis, enquanto nos doamos a nós mesmos. (...) Nós aproximamo-nos verdadeiramente de Cristo, enquanto já estamos na dinâmica do seu amor. Quem ama e dá a vida conhece a Deus, porque Deus é Amor»²⁷.

Numa análise despreocupada da nossa prática catequética, apercebemo-nos de que se inverte a perspetiva referida anteriormente. A nossa catequese, predominantemente escolar, perverte a lógica porque põe a transmissão do conhecimento acima de tudo: primado da compreensão. Esta lógica escolar, valorizando o conhecimento e a compreensão de Deus, está convencida que aquele que conhece a Deus é capaz de amar, de que é o conhecimento de Deus e das coisas da fé que leva à vivência litúrgica e da caridade. A catequese que teima neste caminho não deixa de ser, orgulhosamente cega, herdeira de uma tradição cultural marcada pelo racionalismo e iluminismo.

A fé, antes de tudo, é prática, posição do corpo, o treino no amor, saída do próprio mundo, entrar em comunhão, tornar-se pequeno. Quando chega o anúncio da Palavra, algo essencial já aconteceu. Em família, vai-se à

²⁷ S. Curró, *O horizonte educativo-corpóreo-afetivo da catequese*. a.c., p. 30.

missa, à catequese, participa-se numa peregrinação, porque se confia, por afeto e não porque se compreende. Primeiro vive-se, parte-se da vivência.

A inteligência da fé, na realidade, vive do outro: vive de afetividade, de posturas corpóreas para com os outros, consigo próprio, para com Deus, e parte das vivências concretas de cada um²⁸. Esta perspectiva é uma preocupação que vem ao de cima ao procurarmos um novo modelo de catequese “COM Adolescentes”. Sem dúvida que o modelo vigente continua preocupado em ajudá-los no conhecimento de Deus, para que depois possam ir renovar o mundo, quando a atitude da catequese deverá ser ajudá-los a construir o mundo em que acreditam e, com a luz da Palavra, fazer com que compreendam que o que fazem é obra de Deus, é serem instrumentos nos planos de Deus.

4. COM Adolescentes: além dos limites da própria casa, mas com raízes

Hoje, temos consciência de que o modelo de catequese que propomos aos adolescentes já não responde. Eles já não são crianças, como refere a Carta Pastoral *Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo*: «ligamos a catequese dos adolescentes à dos jovens e não à das crianças»²⁹.

Sabemos que os adolescentes tendem a deixar a tutela dos pais e «buscam autonomia e a conseqüente necessidade de serem pessoas livres e responsáveis»³⁰. O grupo é tudo para eles, quando é o grupo de amigos: chega a ser preferido à família. Por isso, é uma catequese ao ritmo do grupo.

4.1. Quem acompanha os Adolescentes?

Uma pergunta fundamental, para repensar o modelo atual de catequese e propor um novo desafio «COM Adolescentes», é: quem caminha mais de perto com os adolescentes, a comunidade ou a família?

²⁸ *Ibidem*, p. 31.

²⁹ Conferência Episcopal Portuguesa, *Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo*, 44.

³⁰ *Ibidem*, 45.

A nossa prática catequética com adolescentes valoriza o grupo na comunidade e sempre numa lógica de compreensão da fé. A família fica eclipsada. Contudo, o documento final do Sínodo dos Bispos sobre os jovens apresenta a família como ponto de referência privilegiado: «a família continua a ser o principal ponto de referência para os jovens. Os filhos apreciam o amor e o cuidado dos pais, dão importância aos vínculos familiares»³¹.

O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Cristo Vive*, afirma: «A família deveria ser o primeiro espaço de acompanhamento»³², porque «a família é o âmbito da socialização primária, porque é o primeiro lugar onde se aprende a relacionar-se com o outro, a escutar, partilhar, suportar, respeitar, ajudar, conviver. A tarefa educativa deve levar a sentir o mundo e a sociedade como “ambiente familiar”: é uma educação para saber “habitar” mais além dos limites da própria casa»³³.

Claro que «a comunidade desempenha um papel muito importante no acompanhamento dos jovens»³⁴, mas «para favorecer uma educação integral, precisamos de “reavivar a aliança entre família e a comunidade cristã”»³⁵. De facto, se por um lado a família exprime a natureza da Igreja, tendo um papel capital onde se encontra, quer seja no bairro, na cidade, vila, paróquia, diocese ou nas culturas onde está inserida, sendo uma manifestação local, corporal, da comunhão eclesial; por outro, não há nenhuma história familiar banal, porque cada história de amor, que está na sua base, reenvia à última fonte, a Providência que dá sentido a todas as vidas e conhece todos pelo nome.

A família, na sua expressão concreta, representa a encarnação de todo o amor cristão, porque pertence ao mistério da Igreja e a sua missão é plural, tal como refere a *Familiaris Consortio*: transmissão e serviço da vida; testemunho e educação da fé; serviço da oração e dos sacramentos; construção de uma civilização da vida e do amor numa relação com o mundo, feita de testemunho, de respeito e de anúncio explícito da origem de todo o amor. É importante entendermos bem a força da expressão: «A Catequese

³¹ CV 262.

³² CV 242.

³³ AL 276.

³⁴ CV 243.

³⁵ AL 279.

Familiar precede, acompanha e enriquece todas as outras formas de catequese»³⁶.

5. A Catequese COM Adolescentes deve pressupor e envolver a família

A Catequese Familiar, entendida como uma proposta específica de catequese *com* e *na* família, não faz sentido COM Adolescentes, pois a conquista da autonomia, em ordem à estruturação da identidade, é a principal tarefa a que deve responder o adolescente, numa etapa da vida em que todas as dimensões do ser, desde a inteligência à biologia se submetem a uma transformação acelerada, num quadro de pós-modernidade. A esta complexa realidade, a que deve fazer frente o adolescente, associa-se o reajustar das relações familiares e sociais. O grupo de pares ao qual se associa o fenómeno das redes sociais, onde pululam «*os digital influencers*», passam a assumir um papel fundamental no modo de construir-se, de ser e pensar na adolescência. Contudo, a família continua a ser o lugar dos afetos, o lugar vital e podemos «reavivar a aliança entre família e comunidade»³⁷.

Os testemunhos falam por si. As experiências de catequese intergeracional propostas por Isabel Oliveira³⁸, e que algumas paróquias vivenciaram, são o testemunho de que, COM Adolescentes, é possível envolver a família: os pais podem ajudar os filhos, sobretudo se já fizeram um caminho de Catequese Familiar, mas os filhos Adolescentes também podem provocar nos pais uma aproximação à fé, envolvendo-os nos seus projetos.

Presentemente, a catequese paroquial vê-se confrontada com duas situações familiares distintas. A primeira diz respeito a todos os pais que, procurando viver a sua fé, inseridos na comunidade, se confrontam com a difícil tarefa de «obrigar» os filhos a participarem na catequese. A segunda, refere-se a adolescentes que participam na catequese e na vida paroquial, por vontade própria, mas à rebeldia da família, estando esta distanciada da fé e da comunidade.

³⁶ CT 68.

³⁷ AL 279. Cf FRANCISCO, *Catequese (9 de setembro de 2015)* in *L'Osservatore Romano* (ed. Semanal portuguesa de 21/05/2015), 16.

³⁸ Cf. OLIVEIRA, Isabel Azevedo de, *Catequese intergeracional. Desafios e propostas para comunidades e famílias*, ed. Edições Salesianas, Porto 2009².

Perante estas duas situações, sabendo que a família é o primeiro espaço de transmissão da fé aos filhos e a partir dos documentos do Magistério e da leitura da realidade nasceram dois projetos, integrados no itinerário da iniciação cristã da Conferência Episcopal Portuguesa, e dos materiais catequéticos (catecismos) editados pelo SNEC. O projeto «*Sicar*» propõe um processo intergeracional que implica a família no itinerário catequético e o projeto de «*Jericó a Jerusalém*», que envolve o adolescente num dinamismo diaconal, *na e com* a comunidade.

Estes dois processos, partindo do Evangelho e de um trabalho espiritual diário, assumem como prioridade o protagonismo do adolescente, ao longo de todo o percurso: olhar a realidade a partir do Evangelho, elaborar um projeto que responda a uma situação de carência, apresentá-lo ao pároco, aos pais e à comunidade e executar o mesmo. O convite à família e a sua integração é da responsabilidade do adolescente (acompanhado do seu catequista). O princípio da intergeracionalidade implica que todos os intervenientes se assumam como protagonistas corresponsáveis no processo. Para um adolescente é fundamental que seja ele a convidar e a solicitar a ajuda à família. É este passo que possibilita (re)valorizar a vida de fé, a comunidade e o crescimento espiritual, no seio familiar.

O exemplo que apresentamos, brevemente, neste artigo é sugestivo e paradigmático. Em junho de 2015, na presença do Sr. Bispo Dom João Lavrador, foi apresentado o processo «de Jericó a Jerusalém» aos adolescentes e a seus pais. A partir deste encontro, um grupo de catequese de 9º ano, acolhendo o desafio e seguindo os passos do projeto, decidiu acompanhar e ajudar a Dona Rosa, uma idosa em situação de pobreza, que habitava uma casa sem instalações sanitárias. Passado um ano, os adolescentes tinham remodelado a casa implicando os pais, vários membros da comunidade e as autoridades civis. Em poucos meses, teceram-se laços, as famílias encontraram-se, trabalharam juntas, participaram ativamente na comunidade e os adolescentes deixaram de faltar à catequese. Passados cinco anos, embora a estudar em várias faculdades do país, o grupo continua, ao fim de semana, a visitar a Dona Rosa, alguns pais mantêm-se integrados na comunidade.

Neste ano de 2020, o grupo voltou novamente a juntar-se para viver, com outros adolescentes o projeto *Say Yes* e já preparam um novo projeto «de

Jericó a Jerusalém». Das catequistas ouvem-se afirmações sugestivas: «de todos os grupos de catequese que tive, é o único que ainda participa na vida da comunidade, e com quem guardo contacto» e ainda «eles têm um vínculo à comunidade e um olhar diferente que os caracteriza. Disponíveis, livres, afetuosos, alegres, atentos».

No tempo atual, a palavra de ordem é sair, ousar, experimentar e propor. Sem dúvida de que estes projetos oferecem processos de encontro com Jesus Cristo e com os irmãos, em família e na comunidade, sendo a catequese da adolescência a alavanca dinamizadora. Orientados e acompanhados pela comunidade, os adolescentes estão dispostos e têm competências para percorrerem, em família, uma caminhada de fé.

«De Jericó a Jerusalém»

Integrar a família e viver a dimensão do serviço, na catequese da adolescência

MARIA ISABEL AZEVEDO OLIVEIRA (*)

Na catequese, somos chamados a anunciar a «alegria do ENCONTRO com Jesus Cristo¹» e a iniciar à «plenitude da vida cristã²» neste tempo líquido da modernidade/pós-modernidade, na terra que muitos experimentam como «astro errante³», como um labirinto onde o indivíduo, em busca de identidade, navega entre a “multireferencialidade” e a autorreferencialidade, «sem direção privilegiada, confrontado a desafios historicamente inéditos⁴», cuja memória viva perde a pertinência e o amanhã parece in-configurável (domínios importantes para a abertura à fé cristã). Neste etos complexo, surgem inúmeras interrogações relativas ao acompanhamento dos adolescentes, numa etapa da vida em que vivem uma crise da identidade e estão em «busca de autonomia e a consequente necessidade de serem pessoas livres e responsáveis (CAEJC,45)». Neste quadro de pós-modernidade, na etapa da vida em que todas as dimensões do ser, desde a

(*) Diretora do Secretariado Diocesano da Educação Cristã, da Diocese do Porto. Licenciatura Canónica, em Teologia Prática (pastoral catequética), no Theologicum, Institut Catholique de Paris, «*Análise d'un itinéraire a partir dos paradigmas de Denis Villepelet, em ordem à proposta/transmissão da fé, em contexto de rutura de transmissão*». Publicou “*Catequese Intergeracional*”, PPC/Madrid e Edições Salesianas.

¹ Cf. Conferência Episcopal Portuguesa, carta pastoral «*Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo*», 2017.

² *Catechesi Tradendae*, 18.

³ Morin, Edgar, *A terra, astro errante* título que deu à crónica que escreveu para o Jornal *Le Monde*, de dia 14 de fevereiro de 1990.

⁴ Cf. Villepelet, Denis, *Les défis de la transmission dans un monde complexe. Nouvelles problématiques catéchétiques*, Paris, Desclée de Brouwer, 2009, p. 17.

inteligência à biologia se submetem a uma transformação acelerada, tem sido grande o esforço em repensar a catequese para que ela seja significativa e facilite a estruturação de uma identidade cristã. Uma tarefa que reflete sobre os processos que possibilitarão ao adolescente experimentar na vida quotidiana (sentindo-o na pele): «Ele está em ti, Ele está contigo e nunca se vai embora. Por mais que tu te afastes, lá está o Ressuscitado, chamando-te e esperando-te para recomeçar. Quando te sentires envelhecido pela tristeza, pelos rancores, pelos medos, pelas dúvidas ou pelos fracassos, Ele estará presente para te devolver a força e a esperança⁵».

Sendo a educação integral uma missão coordenada entre todos os educadores, a família não poderá ficar excluída da catequese. O grande desafio, neste campo, prende-se, por um lado, com as características do adolescente e as suas relações com os adultos e, por outro, com o perfil das famílias distanciadas da fé ou que vivem a «desarticulação entre ser e pertencer⁶».

Perante estas e muitas outras problemáticas, escutando o Evangelho, os apelos do Magistério, das comunidades, dos adolescentes, das famílias e colocando os joelhos em terra, nasceu o processo «**vinde e vede, ide e vivei**»⁷, constituído por quatro projetos, elaborados a partir do itinerário da iniciação cristã, da Conferência Episcopal Portuguesa, e dos materiais catequéticos (catecismos) editados pelo SNEC com o objetivo de aprofundar a sua execução na prática. Um processo que procura caminhos que facilitem a passagem de uma catequese de transmissão de conteúdos a uma catequese do «Encontro com Jesus Cristo, querigmática, catecumenal, comunitária e mistagógica⁸». Destes, fazem parte o projeto «**A partir de Betânia**» que assegura o processo de conversão pessoal, dimensão essencial da caminhada de fé, e estimula a elaboração do projeto de vida. O projeto «**Companheiros de Emaús**» que responsabiliza o catequista e o grupo pelo acompanhamento do processo catequético e da vida de fé de cada membro, estimulando o desenvolvimento de uma rede de partilha e de amizade no

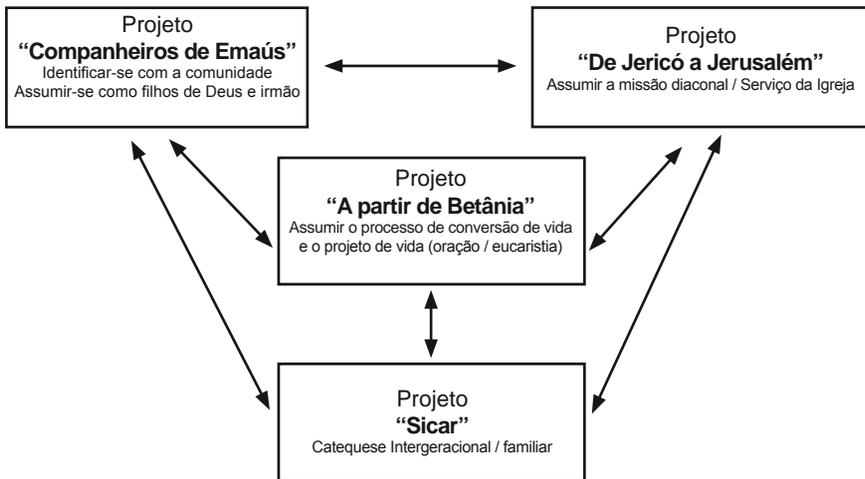
⁵ *Christus vivit*, 2.

⁶ Teixeira, Alfredo, *O pluriverso católico na sociedade portuguesa: novos cenários pastorais, in Humanística e teologia*, 2013, p. 92.

⁷ Apresentado a Dom António Francisco dos Santos, em maio de 2017.

⁸ Conferência Episcopal Portuguesa, carta pastoral «Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo», 2017, nº 2, 11, 25,26.

grupo. O projeto “**Sicar**” que propõe um processo intergeracional/familiar, em que a família é convidada a implicar-se na educação cristã dos filhos (incluindo os adultos distanciados da fé) e o projeto de “**Jericó a Jerusalém**”, que envolve o adolescente (e famílias) na missão “diaconal” da Igreja, na e com a comunidade. O projeto “**de Jericó a Jerusalém**” é o ponto de partida através do qual, os adolescentes, acompanhados pelo seu catequista, elaboram e implementam o projeto “**Sicar**”.



Pedagogia e dinamismo projetual

Em Oseias, Deus diz-se na sua pedagogia: «Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços... Segurava-os com laços humanos, com laços de amor, fui para eles como a espuma que acariciava as suas faces e dei-lhes alimento (Os 11, 3 4)». Uma Revelação feita de gestos, sentimentos e palavras. Dando continuidade à pedagogia do Pai, Jesus convidou os discípulos a acompanharem «a experiência direta das diretrizes fundamentais da [sua] pedagogia, através das Suas palavras, sinais e obras (DGC, 140)». Na continuidade da pedagogia de Jesus, como pedagogia da Igreja, a catequese anuncia a Palavra de Deus de forma existencial e personalizada «favorecendo, assim, uma verdadeira experiência de fé, um encontro filial com Deus» (DGC, 143)», assegurando «ao mesmo tempo, tarefas de iniciação, de educação e de ensino (DGC, 67)».

O projeto «de Jericó a Jerusalém» inspira-se na pedagogia de iniciação à vida na fé, dando especial relevo à dimensão de serviço/diaconal e eclesial. Através de um dinamismo projetual, ele implica os catequizandos numa missão de serviço, na comunidade, tornando possível a catequese ir além da reflexão sobre a vida, exposição de conteúdos e de sugestão de tarefas a serem concretizadas, ao longo da semana. Dinamismo que, pela sua natureza e exigências, oferece um «amplo processo de crescimento e da integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta (EG, 166)». Um processo que favorece a conversão, o deixar-se transformar por Jesus Cristo, vivendo, progressivamente, todas as dimensões da existência, «de acordo com o Espírito (Rm 8, 5)». Trata-se de uma pedagogia que implica o catequizando no «exercício real de viver» segundo os critérios do Evangelho e, conseqüentemente, estimula o discernimento, a dimensão reflexiva/hermenêutica da vida (“refletir antes da ação, na ação e depois da ação⁹”). Uma pedagogia que, através do serviço, «incorpora na comunidade que vive, celebra e testemunha a fé (DGC, 67)» favorecendo a personalização da fé. A metodologia utilizada para a elaboração e implementação do projeto é a do «Planeamento Por Objetivos, “MPPO¹⁰”» adaptada à intencionalidade da pedagogia da fé cuja dimensão de serviço, de diaconia, é central.

Dimensão diaconal e dinamismo projetual

A dimensão diaconal é o motor do projeto «**de Jericó a Jerusalém**». Não se trata de realizar apenas gestos solidários, mas de assumir relações interpessoais que revelem uma realidade que as transcende, que sejam uma «epifania do rosto», como refere Lévinas¹¹. Para o cristão, o serviço é uma dimensão essencial da sua fé, muito mais do que uma simples partilha. Implementar um projeto de diaconia supõe «o encontro com o Senhor que transforma o coração e o olhar do Homem. Na verdade, é o testemunho do amor de Deus perante cada um dos nossos irmãos em humanidade que dá o verdadeiro sentido à caridade cristã. Esta não se pode reduzir a um simples humanismo ou a uma forma de promoção humana. A ajuda material, ainda que seja verdadeiramente necessária, não é tudo. A caridade é a participação

⁹ Professor Wilson Abreu-enfermagem do Porto.

¹⁰ Rui Pena/Bee.Consulting MPPPO Metodologia de planeamento de projeto por objetivos, www.arvoredeproblemas.com

¹¹ Cf. Lévinas, Emmanuel, *Totalité et infini, Essai sur l'extériorité*, Paris, Livre de Poche/ Kluwer Academic, 1971.

no amor de Cristo, recebido e partilhado. Todas as obras de caridade são autênticas se forem uma manifestação concreta do amor de Deus pelos homens e, através dele, se anuncie o Evangelho.¹²» Assumir a dimensão diaconal, neste sentido, faz do projeto um processo facilitador do ENCONTRO com Jesus Cristo, de abertura ao amor de Deus, de ENCONTRO e comunhão profunda com os irmãos e, conseqüentemente, de anúncio do Evangelho. Um ENCONTRO que se alimenta do amor que brota da Eucaristia e “eucaristiza” a vida. A conjugação da dimensão diaconal e eclesial cria condições para uma experiência de «imersão» na vida cristã a partir da caridade, favorecendo a descoberta e construção do projeto de vida, a opção vocacional e a consolidação da identidade cristã.

Por isso, cada etapa do projeto supõe a contemplação do Mestre e a releitura da existência a partir da Leitura Orante da Palavra. Supõe acolher o convite à conversão pessoal e à conversão da vida de grupo/comunidade. Supõe, simultaneamente, a implementação dos dois primeiros projetos do processo «**vinde e vede, ide e vivei**»: «**A partir de Betânia**» – o projeto que trabalha a dimensão da conversão e alimenta a vida espiritual –; «**Companheiros de Emaús**» – projeto que desenvolve as relações interpessoais e implementa a dimensão do acompanhamento.

Os quatro projetos interrelacionam-se para suscitar o desejo do encontro com Jesus Cristo e com a comunidade e dar a experimentar a força salvadora do Evangelho (*dimensão do primeiro anúncio*) a fim de gerar a opção por uma vida cristã adulta na fé (*dimensão catequética*). Assim, adotar o processo «**vinde e vede, ide e vivei**», num dinamismo projetual centrado no «serviço», enriquece a ação catequética permitindo-lhe concretizar várias características do catecumenado batismal. Processo que possibilita aos adolescentes (e indiretamente às famílias) pelo «exercício diário da vida cristã, [...], amparados com o exemplo e ajuda [do catequista, do grupo e da família], e ainda dos fiéis de toda a comunidade, habituarem-se a orar a Deus com mais facilidade, a darem testemunho da fé, a procurarem Cristo em tudo, a seguirem em seus atos a inspiração do alto, a entregarem-se ao amor do próximo até à renúncia de si mesmos (Cf.RICA, 19)».

¹² Bento XVI aos membros da associação «PRO PETRI SEDE», 15 de fevereiro de 2013.

Dimensão intergeracional

O projeto «**de Jericó a Jerusalém**» assume, simultaneamente, como destinatários e agentes da evangelização/catequese, os adolescentes (e crianças, quando implementado na infância), suas famílias e a própria comunidade, mediante a implementação de dinâmismos intergeracionais. De facto, sente-se a necessidade de que a «catequese das crianças e dos jovens, a catequese permanente e a catequese dos adultos não sejam domínios estanques e sem comunicação. [...] é necessário favorecer a sua perfeita complementaridade: os adultos têm muito que dar aos jovens e às crianças em matéria de catequese, mas também eles podem receber muito pela catequese, em ordem ao crescimento da sua própria vida cristã. (CT, 45)». A dimensão intergeracional envolve todas as idades numa rede relacional através da inter-relação e da co-aprendizagem alicerçada no Evangelho e na comunhão eclesial. Uma interação que os convida a viverem e percorrerem juntos o caminho, tendo como dinamismo motivador e aglutinador um projeto de diaconia, de serviço a partir do Evangelho.

No projeto «**de Jericó a Jerusalém**», os adolescentes são os agentes principais da elaboração e implementação do projeto e como tal, são os elos de aproximação e de vinculação, entre as diversas idades e grupos. O papel desempenhado pelo grupo, no exercício do serviço, estimula os adolescentes a tomarem a iniciativa de implicarem no projeto quer a comunidade, quer as famílias. Esta prática responde à sua «busca de autonomia e à conseqüente necessidade de serem pessoas livres e responsáveis (CAEJC,45)». De facto, a melhor forma de aprender a viver é vivendo, assumindo responsabilidades e as respetivas conseqüências, sem fazer de conta (a que nos habituou a escola e, muitas vezes, a própria catequese)...

Entregar nas mãos dos adolescentes um projeto diaconal permite que, mesmo sem consciência da dimensão missionária da sua ação, o grupo se torne facilitador da integração das famílias distanciadas da fé na comunidade, possibilitando-lhes a redescoberta do Evangelho como «Boa Notícia» (primeiro anúncio). Quanto às famílias que já vivem a dimensão eclesial da sua fé e se assumem como Igreja doméstica, a participação no projeto alimenta e reforça a sua fé e alimenta os laços quer familiares quer comunitários. É o próprio dinamismo projetual que gera o projeto intergeracional «**Sicar**».

Pela conjugação das dimensões diaconal, intergeracional e projetual o processo «**vinde e vede, ide e vivei**» procura responder aos «desafios

sempre novos da missão evangelizadora da Igreja [...] à nova «saída» missionária [convidando a] sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (EG, 20)». Periferias que para o projeto «**de Jericó a Jerusalém**» se encontram onde surgem as necessidades humanas, e para «**Sicar**» se descobrem na aproximação às famílias dos catequizandos (muitas delas, desvinculadas da comunidade).

Processo e etapas da implementação do projeto

A partir da estrutura da «*Metodologia de Planeamento Por Objetivos*, “MPPO”¹³», os catequizandos, acompanhados pelos catequistas e pelo pároco, seguindo as orientações das ferramentas de trabalho de cada etapa (não apresentadas neste artigo), assumem a responsabilidade de olharem e analisarem a realidade, discernirem e procurarem caminhos para a resolução de problemas, elaborarem, executarem e avaliarem o projeto implicando a comunidade e a família. Cada etapa parte de um olhar contemplativo do texto bíblico através da leitura orante do Evangelho. A metodologia é essencial para o adolescente, para o grupo atendendo a que a mesma oferece as balizas que permitem desenhar e percorrer o caminho.

1ª etapa: O REINO – sonho de Deus para nós

Intencionalidade da etapa: **treinar a CONTEMPLAÇÃO do Mestre e da vida.**

Os catequizandos são convidados a:

- descobrir a pessoa de Jesus e a sua missão;
- escutar a interpelação do Mestre: «Dai-lhe vós de comer» e a deixarem que o convite ressoe na própria existência, a partir da leitura orante do texto – Mt 14, 13-21;
- descobrir a intencionalidade, os objetivos, as características, a estrutura e as implicações do projeto.

¹³ A «MPPO» é uma ferramenta de diagnóstico, planeamento, acompanhamento da implementação e avaliação de projetos direcionados para a resolução de problemas, em contextos determinados. Alguns dos seus princípios são importantes em ordem ao desenvolvimento de competências nos adolescentes tais como: a participação em projetos comuns como fonte de crescimento e enriquecimento mútuo; a dimensão grupal com fonte de criatividade e autonomia; orientação para os objetivos como marcadores e pautas de atuação; diagnóstico antes do planeamento para treinar o olhar e o discernimento a partir do Evangelho...

2ª etapa: VER onde o Reino ainda não acontece

Intencionalidade da etapa: **observar a realidade, treinar o olhar.**

Os catequizandos são convidados a:

- descobrir o estilo de Jesus, as suas características: Que olhar tem Jesus sobre Zaqueu? Que características revela Jesus do Seu coração e do projeto do Pai, quando conta a parábola do samaritano? Que inteligência demonstra Jesus na forma como reage com a mulher pecadora?
- observar a realidade que os circunda na rua, na família, na escola, na comunidade;
- fazer o levantamento de situações problemáticas ou carências na comunidade cristã ou à sua volta e a preencher o documento correspondente a esta etapa.

3ª etapa: VER onde o Reino ainda não acontece

Intencionalidade da etapa: **priorizar, escolher a situação que será objeto do projeto.**

Os catequizandos são convidados a:

- refletir, a partir da leitura orante da Palavra, sobre as escolhas de Jesus (Lc 6,6-11, Cura da mão paralisada) e a forma como Ele vive a missão que lhe foi confiada pelo Pai (Lc 6,6-11);
- discernir e escolher, a partir dos critérios do Evangelho e das suas competências, a situação que será alvo do projeto.

4ª etapa: A comunidade semente do Reino

Intencionalidade da etapa: **apresentar o projeto e solicitar colaboração.**

Os catequizandos são convidados a:

- refletir, a partir da leitura orante da Palavra, sobre a vida da comunidade (At 2, 42-47);
- apresentar ao pároco o esboço do projeto para, conjuntamente, refletirem sobre a sua pertinência e exequibilidade;
- apresentar à comunidade e pedir colaboração, de acordo com as características do projeto sabendo que O REINO cresce numa comunidade de IRMÃOS.

5ª etapa: Futurar, na ESPERANÇA, o amanhecer do Reino

Intencionalidade da etapa: **planificar o PROJETO.**

Os catequizandos são convidados a:

- refletir, a partir da leitura orante da Palavra, sobre a forma como Jesus vivia a missão confiada pelo Pai e como a Igreja lhe dá continuidade (Lc 4,16- 21);
- planificar a ação a partir de uma grelha que facilita a organização das tarefas, meios humanos e financeiros, tempos...

6ª etapa: Ser instrumento do Pai na construção do Reino

Intencionalidade da etapa: **implementar o projeto.**

Os catequizandos são convidados a:

- refletir, a partir da leitura orante da Palavra, sobre os textos bíblicos estudados e rezados e a contemplar a presença e a ação de Jesus nas suas vidas e na comunidade a partir da leitura orante dos “discípulos de Emaús” (Lc 24, 13-35).
- implementar o projeto, *com o Mestre e ao jeito do Mestre*, a partir da planificação elaborada, sabendo que esta estará, permanentemente, em avaliação e adaptação de acordo com a realidade...

7ª etapa: Alegrar-se com o Reino a acontecer

Intencionalidade da etapa: **releitura do caminho andado e avaliação.**

Os catequizandos são convidados a:

- fazer a releitura do projeto a partir do Evangelho;
- avaliar todos os elementos do projeto;
- descobrir os passos de Deus na missão realizada e na própria vida;
- festejar e celebrar o REINO a acontecer... a comunhão dos irmãos...

Testemunho da Paróquia de Arada

Partilhamos o testemunho da Paróquia de Arada, da Vigararia de Espinho/ /Ovar, enviado ao SDEC pelas catequistas Matilde Oliveira e Marlene Alves. O texto revela, nas entrelinhas, a metodologia do projeto «**de Jericó a Jerusalém**» e os frutos da sua implementação. Para os jovens de Arada, o projeto assumiu o nome de PED (**Projeto de “Empreendedorismo” Diaconal**). A designação de “PED” tem em conta a natureza e a metodologia do projeto (dinâmica empreendedora) e o papel dos catequizandos (sendo eles os protagonistas principais).

A apresentação do projeto aos adolescentes e às suas famílias foi realizada pelo SDEC com a participação do Sr. Bispo Dom João Lavrador e dos catequistas. O pároco acompanhou todas as etapas do projeto e a comunidade participou ativamente no mesmo.

Ressalvamos que, sendo dos primeiros grupos a levarem à prática este processo catequético, o grupo de Arada implementou apenas as etapas principais. Ao longo dos anos, o projeto foi estudado e aprofundado. Todavia, o testemunho revela a pertinência da implementação do processo em ordem à «iniciação à vida na fé». A sua escolha de um projeto iniciado em 2015 permite verificar os frutos, a longo prazo, e os efeitos no sentido de pertença à comunidade.

Trechos do diário de bordo do projeto

Estes textos são trechos de algumas das atas elaboradas pelo grupo, ao longo do processo. Nelas se espelham a pertinência e os efeitos do projeto na vida dos catequizandos, nas famílias e na comunidade.

Quando nos foi apresentada a proposta pelo SDEC, ficamos motivados e com vontade de aderir. Imediatamente deitamos mãos à obra na nossa paróquia. Após a recolha de diversos casos, escolhemos ajudar a Dona Rosa.

Ata... Primeira visita à Dona Rosa (sábado 24 de outubro de 2015)

“Hoje nós; nono volume de catequese, pelas três horas conhecemos a Sra. Rosa, uma idosa residente em Arada mais precisamente na “Ilha”.

Entramos na sua cozinha, onde estava sentada, às escuras, rodeada de moscas. Num canto vimos sacos de lixo... um frigorífico desligado com pouquíssimos alimentos. À entrada havia um casaco a servir de tapete, uma mesa sem toalha com garrafas vazias e copos sujos Apresentamo-nos, tirámos uma foto de grupo e oferecemos-lhe uma flor e um bolinho. Enquanto ela o comia, fomos conhecendo-a, fizemos-lhe algumas perguntas. (...) Entretanto, alguns membros foram ver o resto da casa. O quarto tinha duas camas (...) as paredes estavam cheias de humidade e havia um amontoado de roupa a um canto. Numa outra divisão estavam misturadas roupas com lenha, etc... Entre estas duas divisões havia uma espécie de hall de entrada onde um cobertor servia de “parede”. Não havia nenhuma rampa..., o que dificulta a passagem da Sra. Rosa, uma vez que esta se desloca em cadeira

de rodas. Não tendo encontrado nenhuma casa de banho, perguntámos-lhe se havia alguma. A Dona Rosa respondeu-nos que não, disse que ela usava fraldas e que os filhos iam ao aido junto dos animais. Depois de conhecermos esta pequena família, conversámos e decidimos que os íamos ajudar. Começámos por nos dirigirmos à conferência de S. Vicente de Paulo (em Arada) para lhes pedirmos ajuda. Para ajudar a família precisávamos de:

- Fazer uma casa de banho para promover a higiene desta família;
- Substituir parede (era o cobertor que servia de parede);
- Fazer o teto na zona onde está o lava-louças;
- Fazer rampas para facilitar a circulação da Sr. Rosa.

Decidimos que na próxima visita levaríamos: Tapete; Fitas para as moscas; Fruta; Fruteira; Torradeira; Relógio; Guarda-roupa com gavetas; Compartimento para guardar medicamentos, outro para guardar fraldas e outro para guardar lenços; Candeeiro para a mesinha de cabeceira; Papel de alumínio... e todo o material necessário para fazer a limpeza.

Após estes primeiros passos, falámos com o Presidente de Junta (Bruno Oliveira) para pedir colaboração. Ele remeteu-nos para a assistente social (Dra. Adriana). Esta foi muita atenciosa e disponibilizou-se para visitar a família. Depois de se inteirar da situação, ajudou a família a melhorar as condições de vida da Dona Rosa, nomeadamente tratou de rever os direitos económicos junto da segurança social. Graças a ela, a Senhora passou a usufruir dos seus direitos.

Nessa altura, pusemos mãos à obra para melhorar as condições de higiene, e iniciámos a construção da casa de banho. Como não tínhamos dinheiro para comprar o material, realizámos um primeiro evento: Feira de S. Martinho.

Ata... Segunda visita à D. Rosa (19 de dezembro de 2015)

"No dia 19 de dezembro, visitámos a Sr. Rosa e fizemos a primeira grande limpeza à casa. Pelas 9.30h da manhã demos início aos trabalhos que se prolongaram até às 12.00h. Nesse dia, todos nós levámos o material necessário, nomeadamente: líquido de louça, lixívia, produtos para limpeza de chão, paredes, panos, esfregonas... Todos participaram nesta missão de Solidariedade. Além de fazermos a limpeza também levámos para a casa da D. Rosa alguns utensílios: pratos, tupperwares, toalhas de mesa, roupa e outros bens. Dedicámos um tempo a fazer companhia à senhora e também interagimos com os seus familiares mais próximos."

Contactos com o empreiteiro

Depois da angariação de alguns fundos, decidimos ir falar com o senhor Victor (construtor civil), pai da Carolina, membro do grupo. O Sr. Victor e o senhor Rogério (Presidente da Conferência de S. Vicente de Paulo) foram à drogaria *Irmãos Ferreira* para comprar o material. Quando o dono da drogaria, o senhor Ferreira, teve conhecimento do destino do material, decidiu colaborar e ofereceu parte do material.

Ata... Terceira visita à D. Rosa (27 de fevereiro de 2016)

“Nesse dia, fomos ver como estava a situação... Reparámos no estado de apatia da Senhora, pois recentemente tinha sofrido um AVC. (...). No entanto, ficámos felizes por ver que os seus filhos tinham conseguido manter a casa limpa, como a tínhamos deixado, na nossa última visita. (...)

Posteriormente, conseguimos arranjar louça para a casa de banho e um pai, de um dos elementos do grupo, disponibilizou-se para a construir com ajuda de um dos filhos da D. Rosa. Construiu-se também a parede que faltava e as rampas para facilitar as deslocações da Dona Rosa. Para tristeza nossa, neste momento a Senhora está acamada.

Tu tens que dar um pouco mais do que tens (...) És um grãozinho de uma praia maior, e deves dar tudo que tens de melhor...

*Geração Ativista (nome adotado pelo grupo)
(textos elaborados pelos catequizandos com a ajuda
das respetivas catequistas)*

Entrevista às Catequistas

Que mudou na catequese?

Os catequizandos passaram a reunir-se várias vezes por semana, fora do horário da catequese; começaram a contactar regularmente e a interagir com as pessoas da comunidade para pedir colaboração; ganharam interesse e foram mais assíduos à catequese...

Quem colaborou no projeto?

Para conseguirem dar resposta ao projeto, os catequizandos implicaram: o Pároco, as famílias, os vizinhos, a assistente social, o Presidente de Junta, vários empreiteiros e comerciantes...

Que repercussão teve o projeto nos Pais?

Motivados pelos filhos, os Pais passaram a:

- valorizar mais a catequese;
- estar presentes e a colaborar nas atividades acompanhando os filhos;
- reconhecer a importância do projeto para a educação dos seus adolescentes;
- estreitar os laços entre as famílias...
- implicar-se na comunidade, nomeadamente na equipa de leitores, motivados pelos filhos...

Como se integraram e se implicaram na comunidade?

- Na paróquia, pais e catequizandos, agora jovens que terminaram o 10º ano, responsabilizaram-se pela orientação da equipa de leitores e, eles mesmos, fazem parte do escalonamento;
- Foram elogiados na comunidade pelo Pároco e asseguram com alegria as pequenas tarefas pontuais que lhes são confiadas;
- São reconhecidos na comunidade pelo seu desempenho, pela sua ação e participam na Eucaristia...

Como vão dar continuidade a este projeto agora que terminaram os 10 anos de catequese?

- Tendo terminado o 10º ano, vão integrar um grupo de jovens e querem continuar o projeto PED com os seus animadores;
- A Carolina e a Inês Pereira vão acompanhar a catequista do 9º ano para implementarem o Projeto do Empreendedorismo Diaconal, no 9º ano, do próximo ano 2016/2017...

Que atitudes ajudou a desenvolver o PED?

- Os catequizandos desenvolveram atitudes de responsabilidade e persistência;
- Espírito de pertença à comunidade, de união e gosto pela ação solidária;
- Tornaram-se mais atentos e sensíveis às pessoas com dificuldades;
- Tornaram-se mais criativos e empreendedores...

Se recomendassem o projeto do Empreendedorismo Diaconal que diriam?

A experiência tem sido maravilhosa, o grupo tornou-se mais coeso, criaram-se laços de amizade, proximidade e unidade com os familiares, a partilha é

constante e o desenvolvimento tem sido integral, moral, intelectual. Este projeto ajudou-nos a integrar com alegria e de forma ativa na comunidade.

Em suma, com esta proposta de vida, tornamo-nos mais Humanos, Cristãos empenhados em construir uma sociedade mais justa e descobrimos que a felicidade está na reciprocidade, no dom da vida.

Matilde Oliveira e Marlene Alves

Em novembro de 2019, a Matilde referia que, embora a Senhora Rosa tenha sido institucionalizada e os adolescentes sejam, hoje, estudantes universitários dispersos pelo país, não deixaram de a visitar. Partilhava, ainda, que é o seu primeiro grupo de catequese que, após quatro anos, se mantém unidos e participam eles e seus pais na vida da comunidade. Habitualmente, os grupos de catequizandos da adolescência deixam de participar na vida da comunidade após o crisma. Neste ano catequético de 2019-2020 o grupo, com outros jovens e adolescentes, acolheram o projeto Say Yes para prepararem a sua participação nas Jornadas Mundiais da Juventude, em Lisboa.

Como referido, este grupo não implementou a totalidade do processo «vinde e vede, ide e vivei». Centrou-se essencialmente no projeto «de Jericó a Jerusalém: o PED» e assumiu a intergeracionalidade do processo, embora não tendo elaborado, formalmente, o projeto «**Sicar**». Nas entrelinhas do testemunho verifica-se que os adolescentes, hoje jovens (assim como as suas famílias), consolidaram a vinculação ao grupo, às catequistas e às pessoas ligadas ao projeto. Cresceu neles o sentimento de pertença à comunidade cristã e confirmou-se a participação na celebração da Eucaristia e noutras atividades da comunidade. Passando do grupo de catequese da adolescência ao grupo de jovens, continuam a sua caminhada de personalização da fé e participação na vida da comunidade cristã.

O processo «**vinde e vede, ide e vivei**» procura, a partir do Plano Nacional de catequese e dos materiais catequéticos do SNEC, responder ao apelo da Conferência Episcopal: «a catequese se não pode reduzir à transmissão de conteúdos doutrinários, como no modelo escolar. A transmissão tem de fazer-se de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo. De resto, todo o encontro de catequese tem de ser encontro com Ele. Porque é Ele quem, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé, uma fé que atinja todo o nosso ser: a cabeça, o coração e as mãos (CAECJC, 12).

Uma catequese que permita a «aprendizagem e treino nas várias dimensões da fé: conhecimento do essencial do mistério cristão; celebração da fé na Eucaristia e nos sacramentos; união com o Senhor na oração; prática do Evangelho na caridade e no serviço (PQATV, 4)». Uma catequese que responda às exigências de uma “Igreja em saída” voltada para as “periferias” e, por isso, tenha em conta na sua prática as dimensões «querigmática, catecumenal, comunitária e mistagógica¹⁴».

¹⁴ Conferência Episcopal Portuguesa, carta pastoral «Catequese: a alegria do encontro com Jesus Cristo», 2017, nº 2, 11, 25,26.

O Método do Projeto

PEDRO ASCENSO (*)

I. Introdução

O Método do Projeto (de ora em diante designado como *MP*) é uma ferramenta pedagógica amplamente usada em diferentes contextos, em especial em ambientes empresariais e em sistemas de formação.

São várias as instituições, associações e movimentos educativos, que escolhem o método do projeto como ferramenta de eleição para a intervenção pedagógica, tendo esta ferramenta vindo a apresentar resultados óbvios e indiscutíveis.

Direciono esta apresentação para o método de projeto aplicado a contextos de formação análogos aos da catequese, ou seja, associado à formação de crianças e jovens e de acordo com grupos convencionais que hoje são constituídos em grupos de catequese.

1. Deus Projeta

O método do projeto pode sempre associar-se a dinâmicas construtivas, colaborativas e guiadas por objetivos.

Em jeito de analogia ousada, poder-se-á associar toda a dinâmica da relação Deus / Homem, ao método do projeto:

- Deus que sonha a Criação;

(*) Catequista e Dirigente de Escuteiros, formação do Corpo Nacional de Escutas e ex-Chefe Regional na diocese de Leiria-Fátima. *Texto construído a partir da apresentação desenvolvida nas Jornadas Nacionais de Catequistas em 27 de outubro de 2019.*

O Método do Projeto

- Deus que concebe e lança o Seu sonho: a Criação;
- Deus que enriquece o Seu projeto: a criação, pela entrega do Seu Filho: Jesus;
- A concretização do projeto em cada “Eu” da Criação;
- A misericórdia do Amor de Deus que renova a esperança e permite renovar o Seu Projeto.



II. Aplicação

A aplicação do método do projeto só será viável verificando-se algumas condições:

- Dimensão do grupo ou dos grupos que permitam uma interação personalizada pelos animadores;
- Afinidade entre os elementos dos grupos;
- Período temporal bem definido e adequado;
- Conhecimento, reconhecimento e aceitação do método por todos os intervenientes.

III. Fases do Método do Projeto

A definição de fases é variável e pode depender também do contexto da aplicação do MP.

Uma hipótese de faseamento é:

- Lançamento
- Conceção
- Enriquecimento
- Realização
- Avaliação

1. Lançamento

Fase inicial que marca o início do processo do *MP*.

Esta fase é determinante para focalizar os intervenientes (animadores e participantes) nos objetivos. Essencialmente, nesta fase é importante responder-se à questão: *Projetamos para quê?*

É esta a fase em que os animadores colocam em cima da mesa todas as condicionantes externas que devem ser *input* para o projeto. A título exemplificativo, poderão ser comunicadas e apreendidas as dinâmicas da paróquia, da diocese, os seus objetivos gerais, específicos e operacionais.

É também o momento para enquadrar o *MP* em termos de alinhamento com os objetivos da catequese, relativamente ao período temporal em que se desenrola. A aplicação do *MP* poderá ser alinhada por exemplo com os blocos dos anos de catequese.

Merecem ainda especial atenção, nesta fase de lançamento, os seguintes itens:

- Observação da realidade atual (nos contextos próprios dos destinatários);
- Sensibilização para a necessidade de fazer um projeto;
- Definição de regras e apreensão do processo do *MP*;
- Balizamento do projeto;
- Ser momento de mobilização e motivação;
- Focalizar o projeto;
- Envolver interessados (pais, comunidade, catequistas, pároco, etc...).

Esta fase pode ser desenvolvida em mais que um encontro e deve ser planejada rigorosamente pelos animadores, uma vez que, fracassando, todo o *MP* falhará.

2. Conceção

A fase da conceção é a fase durante a qual os (pequenos) grupos se reúnem com o objetivo de conceber o projeto.

Enriquecidos e completamente contextualizados e focalizados (através da fase do lançamento), devem conseguir sonhar um projeto de intervenção.

Muitas vezes a assunção de um imaginário e/ou até de um herói, ajuda na construção do sonho. Esta técnica pode e deve ser estimulada pelos animadores.

Os animadores têm que estar particularmente atentos à forma como decorrem os encontros dos pequenos grupos. Não vamos querer um bom sonho projetado, se obtido de forma pedagogicamente imprópria. Portanto os animadores devem vigiar:

- A participação de todos no grupo;
- O respeito por todos;
- Os eventuais desvios ao foco assumido;
- A representatividade de todos no sonho coletivo.

Após a consolidação da ideia entre o grupo, esta pode tomar uma forma de comunicação que seja apresentável fora do grupo. Se assim for, esta pode ser apresentada de forma criativa, seja através de cartaz, de apresentações mistas, de representações teatrais, etc...

A apresentação da ideia de projeto pode ser mais um momento de motivação e cativação dos elementos.

3. Enriquecimento

O enriquecimento pode englobar a fase da escolha do projeto a executar.

Havendo mais do que um grupo, ou seja, mais que uma proposta de projeto, este é o momento da construção de um projeto unificador entre as várias propostas. A obtenção deste projeto congregador pode ser através de

um sistema de escolha do projeto no qual a maior parte dos intervenientes se revê, sendo que ainda assim, é imperativo que se incorporem valias de outros projetos.

Esta fase pode ainda ser mais uma oportunidade pedagógica. Valores como respeito e tolerância são de presença obrigatória nesta fase de negociação da estrutura final do projeto. A vigilância do desenrolar deste processo é uma das tarefas mais importantes que o animador tem que garantir.

O enriquecimento é a última oportunidade para tornar mais robusto o projeto a executar. Este pode ser dado com *inputs* de outros projetos que possam ter sido apresentados por outros grupos e que contenham valias interessantes a incorporar o projeto escolhido.

Esta fase também há de conter momentos de planeamento, preparação e distribuição de tarefas, bem como a identificação de atividades prévias que sejam necessárias para que se consiga viver o projeto na sua plenitude.

4. Realização

A realização do projeto não é a vivência da atividade ou de atividades maiores. A vivência do projeto é em todo o tempo desde que é escolhido e enriquecido até ao culminar que há de ser a avaliação e celebração.

Todas as atividades intermédias, toda a preparação quer logística, quer de programação são momentos de vivência do projeto.

É importante conseguir reservar momentos de aferição dos objetivos, para que se consiga identificar desvios, corrigir opções, e planear necessidades de retificação de caminho a fazer.

5. Avaliação

Finalmente no processo de vivência do projeto, a fase de avaliação é essencial, para que se possa realmente falar de um processo. Sendo um processo, terá que ser identificada uma “realimentação” que neste caso é uma avaliação consequente.

Assim, deve ser escolhido um método de avaliação e identificados agentes de avaliação. Desde os participantes, aos animadores, aos “patrocinadores”, que podem ser a comunidade em geral, todos devem ser envolvidos.

Não se trata de fazer exercícios teóricos, mas sim exercícios com uma dimensão adequada aos graus de participação dos envolvidos.

O primeiro critério de avaliação só pode ser os objetivos. Estes devem ser “medidos” ao limite, identificando-se as conquistas e também as causas dos desvios: sejam causas do processo, do envolvimento dos intervenientes ou outras.

Esta avaliação, para além de poder assumir várias formas, terá que ser vertida a escrito, para que tenha a forma universal de consulta e assim poder ser um ativo em futuros projetos. Não deve ser apenas arquivada. Deve ser distribuída a todos os envolvidos e ser, por exemplo, uma consulta obrigatória na fase de lançamento de projetos seguintes.

E porque não há conquistas sem festa, o final do projeto deve ser coroado de momentos de celebração que integrem todos os intervenientes: quer participantes quer outros interessados ou envolvidos.

É o momento de dar conta do processo, das atividades, de salientar as conquistas, e assumir os compromissos de melhoria.

IV. Conclusão

O recurso ao *MP* é uma valia pedagógica inestimável e com potencial imediato. Entre várias valias destaco as seguintes:

- Envolvente e participativo
- Criativo e desafiante
- Promotor de autonomia e responsabilidade (aprender fazendo)
- Permite a descoberta de talentos nos indivíduos, potenciando-os
- Hábito de trabalho em projetos e com método
- Promove o respeito, a igualdade de oportunidades e a tolerância
- Adequado para intervenção | ação | implementação

1. O Método do Projeto e a catequese

A metodologia pedagógica da catequese, embora não esteja concebida para usufruir da potencialidade deste método, não impede que se possa usar.

Assim, mesmo com a realidade atual dos subsídios existentes, que são extremamente ricos em conteúdos, objetivos, estruturas de desenvolvimento, este método pode ser usado pelo menos como ferramenta complementar.

Assumindo o atual plano pedagógico dos anos de catequese, é possível aplicar o *MP*, indo ao encontro das atividades, compromisso e expressão de fé definidos nos blocos dos planos pedagógicos dos anos.

Este método é exigente em especial para os animadores, pois não apresentando soluções rígidas, requer dos animadores um olhar acutilante e crítico, bem como um planeamento e acompanhamento sistemático. É por isso esperado dos animadores padrões de preparação pedagógica, de criatividade e trabalho em grupo, bastante acentuados.

Um exemplo de alteração do paradigma estratégico pedagógico na catequese é a proposta de preparação de grupos de catequese para as jornadas mundiais da juventude: O projeto Say Yes, cujo motor pedagógico é o método do projeto.

Finalizando, digo: Testar e experimentar: Vale a pena tentar.

Uma catequese com adolescentes: cantar num coro juvenil

NATÁLIA FARIA (*)

A minha experiência como maestrina começou no coro infantil e juvenil de São Martinho de Candoso, Guimarães (Braga). Este coro nasceu através do sonho de várias catequistas e também para colocar a render os talentos existentes na paróquia.

“Cantar, tocar, compor, dirigir música na Igreja são as coisas mais bonitas para a maior glória de Deus”, disse o Papa Francisco a 28/09/2019, ao receber a Associação Italiana Santa Cecília (artigo publicado no site da Vatican News). Assim, e depois de desafiar um grupo composto por meninas e meninos, foi altura de arranjar um momento para serem feitos ensaios, e posteriores apresentações/participações nas eucaristias paroquiais.

Tendo em consideração que os coralistas que estão à minha frente são crianças/adolescentes, surge a pergunta: **Em que é que o trabalho num coro pode ajudar espiritualmente uma criança?** Primeiro, e continuando a citar o mesmo artigo do nosso querido Papa, o mesmo disse que *“A dedicação de um coral à liturgia e à música, representa um meio de evangelização, para crianças e adultos”* e com toda a razão, pois, com estes jovens, é importante gostarem de música – sem dúvida – mas não me interessa explorar a linguagem musical correta, o meu interesse com eles,

(*) Musicóloga e maestrina. Maestrina fundadora do Coro Infantil e Juvenil de São Martinho de Candoso. Possui mestrado em música na Universidade de Aveiro, tendo anteriormente estudado na Academia de Música Valentim Moreira de Sá (Guimarães) e no Centro de Cultura Musical, enquanto frequentava o Instituto Nun'Álvres, em Santo Tirso.

e nas músicas que cantam passa por irem ao encontro dos textos bíblicos, explorar os textos bíblicos com a mensagem que querem dizer nos nossos dias, no hoje e agora, e de que forma nós podemos dizer isso mas com um estilo/palavras que nos são familiares.

E aqui, alguns cânticos são litúrgicos, mas na sua grande maioria são de mensagem. E por vezes escolho cânticos que os jovens não gostam tanto, e há a necessidade de explicar o porquê. E acredito que é aqui, na forma como explicamos/abordamos os textos, quer bíblicos quer da música que vamos cantar que faz a diferença. O esmiuçar o evangelho com uma linguagem que conhecem e exemplos concretos, porque atenção, como disse o Papa Francisco à Associação Italiana Santa Cecília (sendo o artigo publicado no site da Vatican News: 28/09/2019), “*A música (...) tem outra tarefa: de unir a história cristã (...) ressoando o canto gregoriano, a polifonia, a música popular e contemporânea. É como se, naquele momento, todas as gerações passadas e presentes louvassem a Deus, cada uma com sua própria sensibilidade.*” E nesta linha, de congregar diferentes gerações surge a necessidade da **articulação com o coro e catequese**, pois, “*A música sacra e a música em geral criam pontes, aproximam as pessoas, até as mais distantes, não conhecem barreiras de nacionalidade, etnia e cor da pele, mas envolvem todos*”, disse o Papa Francisco a 28/09.

No meu caso, nem sempre é fácil manter-me a par com o que estão a falar/abordar na catequese mas, por exemplo, se há uma missa de “festa” de um grupo de catequese, e havendo o gosto e a possibilidade do coro, pois marcamos presença com todo o gosto; e mesmo nas celebrações importantes (por exemplo no Natal e na Páscoa), onde temos na eucaristia os grupos de catequese presentes, é claro que faz sentido cantarmos, assim como há a necessidade de articular os variados momentos com eventuais apresentações dos grupos de catequese, e mesmo das músicas, se mais animadas ou pausadas. Mas com o diálogo é que tudo é possível. E continuando com a ajuda do Papa Francisco, pela altura do III Encontro Internacional de Corais (24/11/2018), o mesmo disse que “*O canto e a música de vocês, especialmente na celebração da Eucaristia, deixam evidente que “somos um só Corpo e cantamos a uma só voz a nossa única fé” e que “todos podem compreender a música que cantamos, a fé que professamos e a esperança que nos espera.*”

Depois, e pensando até em **fazer uma catequese ativa com a música**, vejo como uma mais-valia. Mas, o tipo de cânticos que apresentamos e a forma como os introduzimos faz diferença. Por exemplo, há cânticos que se calhar estão um pouco desatualizados....a mensagem que esses cânticos querem transmitir está lá e está bem, mas o tipo de linguagem que está escrita não é bem a usada hoje, pois por vezes continuamos a usar cânticos que já os nossos avós usavam; é o não termos a capacidade de arriscar em algo novo, o medo de falhar com um público que é exigente. Atenção, e também para não cair na tentação de “só a novidade é que é bom”: temos músicas boas que podemos utilizar, pois, já disse o Papa Francisco a 24/11/2018, no III Encontro Internacional de Corais, *“Vocês que compreenderam mais a fundo a importância do canto e da música, não desvalorizem as outras expressões da espiritualidade popular: (...) que são também um verdadeiro património da religiosidade que merece ser valorizado e apoiado porque é sempre uma ação do Espírito Santo no coração da Igreja”*, mas acho que é também importante arriscarmos, sermos um pouco mais ousados e não ter medo/receio da novidade. Ao mesmo tempo considero também importante termos cuidado com os cânticos que escolhemos sem ser em português, pois a música até pode ser muito bonita, mas pode ser descontextualizada com o momento em que a apresentamos.

Entretanto, e pensando em se **um coro de crianças/jovens é uma mais-valia para a paróquia e em quê**, não tenho dúvidas em que seja uma mais-valia e positivo para a paróquia. Para além de ser uma maneira de vermos os nossos jovens nas celebrações, ouvimos cânticos diferentes, ou se já nos são conhecidos as vozes são novas e por isso até novidade para nós. E aqui é importante no final valorizar aqueles que cantaram, mesmo se houve algum cântico que não correu assim tão bem. É importante, pois assim os jovens sentem que fazem parte, que a presença deles faz a diferença.

E já agora, segundo o Concílio Vaticano II, o Documento sobre a Sagrada Liturgia (Sacrosanctum Concilium, nº 115) diz que: *“Os compositores e os cantores, principalmente as crianças, devem receber também uma verdadeira educação litúrgica”*, que é o que de algum modo, e dando o meu melhor, faço com este grupo.

